

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 805 ANO 48.º UM ESCUDO

amanhã
anda a roda
"TALUDA"
4 MIL CONTOS!

KIESINGER EM PARIS

ATMOSFERA DE SUSPEITA E RESSENTIMENTO ENVOLVE AS CONVERSACÕES COM DE GAULLE

PARIS, 13 — (R.) — O presidente de Gaulle e o chanceler Kurt Georg Kiesinger, iniciam hoje conversações de alto nível, nos termos do tratado de amizade franco-alemão, no meio de uma atmosfera de suspeita e de ressentimento.

Observadores desta capital esperam que a reunião de dois dias pouco progresso faça em virtude das actuais relações entre Bonn e Paris, que atingiram o ponto mais baixo desde que o histórico tratado foi assinado há seis anos.

Pelo menos, segundo esses observadores, as conversações poderão desanuviar a atmosfera; coisa que a visita a Bonn, efectuada na segunda-feira passada, do ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Michel Debré, não conseguiu, de acordo com fontes bem informadas de Paris.

«Existe um certo número de dificuldades na aplicação do tratado», notou Debré firmemente numa entrevista que concedeu à Televisão.

Muitos observadores acreditam que na base da atmosfera sombria entre as duas capitais se encontra a preocupação da França perante a crescente estatura política da Alemanha Ocidental na Europa.

Observadores julgavam ainda que a oferta secreta feita em Janeiro pelo presidente de Gaulle para travar conversações com a Grã-Bretanha, visava a trazer esse país para a Europa Latina de contrabalançar a influência crescente da Alemanha.

Biafra propõe tréguas

LACOS, 13 — (F. P.) — A Rádio Biafra, captada em Lagos, anuncia que o coronel Ojukwu propõe uma trégua de um mês, seguida de um cessar-fogo e de conversações sem condições prévias.

«APOLO 9» — DESCIDA ESTA TARDE EM 29 MINUTOS

HOUSTON (Texas), 13. — (R.) — Os astronautas americanos da «Apolo 9» preparam-se para uma reentrada na atmosfera, esperando-se que desçam hoje, às 17 horas T.M.G., no Oceano Atlântico.

Deixam para trás 10 dias de experiências no espaço, que fizeram com que os Estados Unidos dessem mais

um passo para colocarem este ano homens na Lua.

«Fizemos o que dissemos que íamos fazer», declarou a noite passada, numa conferência de Imprensa, o director do voo, Eugene Kranz, quando os astronautas James McDivitt, David Scott e Russell Schweickart concluíram as suas tarefas finais e começaram a limpar a sua cabina, antes de se deitarem, para a sua última noite no espaço.

Além de algumas experiências

(Continua na 15.ª pág.)



Há 48 anos
que não
chovia
assim
no mês
de Março

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

**A RESCISÃO DO CONTRATO DA CARRIS
DEFENDIDA NA ASSEMBLEIA NACIONAL**

(LER NA PÁGINA 8)

Há 48 anos que, em Março, não chovia tanto em Lisboa. Os aluimentos verificaram-se em muitos locais e em alguns, como junto à Estrada do Desvio, usou-se um processo inédito e insólito para impedir a infiltração das águas e suas consequências: um enorme plástico a cobrir, como a nossa gravura documenta, terras que há tempos aluíram parcialmente. Entretanto, os bombeiros tiveram de atender centenas de chamadas, acudindo casas inundadas e chaminés, empenas e muros a ruir. Na cidade houve perturbações de várias ordens e continuam a viver-se horas de ansiedade nas zonas mais afectadas, como na Quinta do Alpoim, em que um desabamento nocturno de terras provocou a morte de um casal que vivia numa barraca situada na encosta.

(Ler nas páginas 10 e 11)

Os deputados debatem os problemas das Casas do Povo e da Previdência Rural

A Assembleia Nacional reuniu hoje sob a presidência do sr. dr. Soares da Fonseca, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Sérgio Pereira. Na ordem do dia prossegue o debate da

proposta de lei sobre as Casas do Povo e Previdência Rural.

Estão inscritos nove parlamentares. No período destinado à ordem do dia, os deputados Leonardo Coimbra, Cid Proença e Melo Giraldes. No período antes da ordem do dia os deputados Sousa Magalhães, Cutileiro Ferreira, Correia Barbosa, Coelho Jordão, Santos da Cunha e Pontífice de Sousa.

O PROBLEMA DA CARREIRA

CHAVES-VILA REAL

VILA REAL, 13. — A Auto-Viação do Tâmega requereu já superiormente que lhe fosse renovada a concessão para explorar a carreira de camionagem entre Chaves e esta cidade, estabelecida em Fevereiro de 1963 pelo prazo de cinco anos e mais tarde prorrogada por outros doze meses, que se esgotaram no passado dia 11.

O processo está a correr na Direcção-Geral dos Transportes Terrestres. Admite-se como provável a renovação da concessão, até porque a C. P. não pôde ainda, apesar dos seus esforços, introduzir qualquer melhoria significativa na linha do Corgo.

Medicina no trabalho

O deputado Cutileiro Ferreira, que em fins de Janeiro se referiu ao decreto que regulamenta a medi-

CASA DO CONCELHO DE GOIS

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa do Concelho de Gois. Presidem à assembleia geral, à direcção, ao conselho fiscal e ao conselho regional, respectivamente, os srs. dr. Alfredo Simões Travassos, Fernando dos Santos Almeida Carneiro dr. José Maria Neves da Silva Polares e prof. eng.º Carlos Manuel L. Baeta Neves.



BANCO DO ALENTEJO

também no **ESTORIL**

SEVILHA

SEMANA SANTA

FEIRA

SEM A PREOCUPAÇÃO DE HOTEL
HOSPEDAGEM NO PRÓPRIO NAVIO
PREÇOS A PARTIR DE 1.800\$00

DUAS VIAJENS DO NAVIO

«PONTA DELGADA»

— de 1 a 8 de Abril
— de 15 a 22 de Abril

Consulte o seu agente de viagens ou directamente a

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

RUA AUGUSTA, 152 — TEL. 37 63 41
LISBOA

na no trabalho, provocara uma resposta do ministro das Corporações, lida na Câmara. A esse documento se referiu hoje o deputado, afirmando: «Tudo o que disse, nessa minha intervenção, e as dúvidas que levantei, mantenho integralmente».

Accentuou que o ministro, servindo-se de relatos da imprensa, não dispunha do texto completo. E mais uma vez lamentou o atraso do «Diário das Sessões» e agradeceu à Imprensa o interesse com que vem acompanhando os trabalhos da Assembleia.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 13 — (L.) — Foi distribuído o boletim informativo das forças armadas na Guiné, respeitante ao período de 3 a 9 do mês corrente, que é do seguinte teor:

«Durante o período o inimigo flagelou os aquartelamentos de Guileje, Gap-ture, Biambé, Nova Sintra e Tite, implantou engenhos explosivos nas regiões de Camalaupa (Vatú) e do Pelundo, emboscou as nossas tropas nas regiões de Teixeira Pinto, Sambula, Sare Alabato (Farim), Bukulandiu (Buba) e Pelundo.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu:

— Na região de Poidom (Xime) um morto, três capturados e apreensão de armamento e munições.

bem como material diverso.

— Na região de Alabato (Farim) quatro mortos e apreensão de armamento diverso.

— Na região de Teixeira Pinto apreensão de munições e material diverso.

— Na região da foz do rio Juinga (Buba) apreensão de munições.

— Na região de Piche apreensão de material diverso.

Nas vias fluviais foram destruídos meios de transposição.

Durante o período, o inimigo sofreu cinco mortos e três capturados.

As nossas forças sofreram dois mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente revelados aos órgãos de Informação.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

● Dez oradores — fora os apurados — preencheram a sessão de ontem da Assembleia Nacional. O vice-presidente em exercício, dr. Soares da Fonseca, abandonou a presidência por um quarto de hora, para descansar, mas sem interromper os trabalhos. Assim, «deu gosto ao dedo», na presidência, o dr. Castro Fernandes, recentemente eleito 2.º vice-presidente.

● O «Diário das Sessões» continua a publicar-se com grande atraso. Mas o ministro do Interior tem uma solução para o caso, que hoje vai ser lida aos deputados — segundo anunciou o vice-presidente em exercício.

● As tarifas da Carris de Lisboa foram um dos assuntos importantes ontem tratados na Câmara. Mas não o único. O deputado dr. Albano de Magalhães, por exemplo, falou de problemas do porto de Leixões, dizendo a certa altura: «Paradoxalmente, o sistema aduaneiro, antiquado e ultrapassado, prejudica o seu desenvolvimento. Não se compreende que o segundo porto de Portugal não disponha de uma alfandega, nem ao menos e transitariamente de qualquer interposto da alfandega do Porto. Situa-se esta a cerca de 10 quilómetros de Leixões! O mesmo é dizer que o porto de Leixões, um grande e moderno porto, não tem regime aduaneiro. Daqui, resulta uma série de consequências que convém pôr em evidência. A descarga de mercadorias é realizada, sob o ponto de vista aduaneiro, da mesma forma como se processaria a descarga de um navio que encaixasse, algures, em qualquer ponto da costa portuguesa».

● O dr. Albano de Magalhães, entretanto, teve que se haver com algumas interrupções do dr. António Santos da Cunha. Este deputado, na verdade, está particularmente bem colocado para saber o que se passa em Leixões. Apoiou o colega mas... E ambos foram muito cumprimentados.

● A propósito, esclareça-se que todos os parlamentares, quando usam da palavra, são cumprimentados. É uma regra de delicadeza que se mantém, embora não faça parte do Regimento. Cumprimento, porém, ao que nos explicaram, não significa concordância, nem sequer conhecimento do assunto tratado. Delicadeza, o que já é muito.

DE ONTEM PARA HOJE

CAMARADAGEM DE ARMAS

«A camaradagem de armas no nosso País — exceptuados os militares de carreira — limita-se quase exclusivamente ao tempo de serviço militar. Logo que os homens saem das fileiras separam-se, e desaparecem, como regra geral, as laços que tão apertadamente uniam e pousam da mesma companhia ou do mesmo batalhão», deu-nos a saber o ministro da Defesa Nacional, no acto de posse do general Arnaldo Schultz como presidente da Liga dos Combatentes. O empenhado agradeceu a presença de tantos membros do Governo, pois além do sr. general Sá Viana Rebelo encontravam-se na sede daquela instituição os ministros do Exército e do Ultramar, secretário de Estado da Aeronáutica e subsecretário de Estado da Administração Ultramarina (além de muitos oficiais-generais) e disse num passo do seu discurso, referindo-se aos combatentes portugueses dos últimos oito anos que «a passagem de todos esses bravos portugueses pelo nosso Ultramar abria-lhes novos horizontes, deu-lhes um maior conhecimento da nossa Pátria, deu-lhes enorme coraço e a noção de que é contra-subversão e a necessidade de a manter por todos os meios e em toda a parte. Na sessão, na qual começaram por falar o almirante Marques Esparteiro, depois da leitura do acto de posse, ficou bem vinculada a necessidade — unanimemente considerada — de se estimular e convir e a amizade dos ex-combatentes portugueses, no que a Liga poderá ter, sob a presidência do antigo governador da Guiné, influência decisiva.

MARCONI — CONTAS CERTAS

A Marconi tem as contas certas — assim verificou a Assembleia Geral da prestigiosa companhia de telecomunicações, que elegeu o eng.º Eduardo Mendes Barbosa para a vaga que existia no Conselho de Administração.

E as contas estavam tão certas que foram aprovados dois votos de louvor, o primeiro à gerência do Conselho de Administração, o segundo a todo o pessoal que contribuiu para o progresso da companhia (e das contas).

Antes de dar início aos trabalhos, o

sr. dr. Bustorff Silva referiu-se à extraordinária obra realizada pelo presidente Salazar à frente dos destinos

da Nação e congratulou-se com a nomeação do prof. Marcello Caetano para chefe do Governo.

NOVO COMENDADOR

Um jornalista do Vaticano — Luís Bernuci — falou no Colégio Pio XII sobre a «Actualidade das coordenadas da política ultramarina portuguesa» antes de receber das mãos do ministro Franco Nogueira a comenda da Ordem do Infante.

político português há uma concepção comunitária que abraça a Europa e a África e até outros continentes, salientando que esta concepção é a da comunidade do futuro. «A experiência ultramarina portuguesa breve levará os povos «seculares» a apoiá-la em vez de a contrariar», disse Bernuci.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FOI À ÓPERA

O sr. almirante Américo Thomaz voltou ontem a assistir à representação de «Aida», desta vez no Coliseu, em récita popular. Mas antes do espectáculo o Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros; prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social; prof. dr. Andrade de Gouveia, reitor da Universidade de Coimbra; eng.º Palma Carlos, director-geral dos Serviços Hidráulicos; dr. Adriano Moreira e almirante Vasco Lopes Alves; brigadeiro Silvino Silvério Marques; José Félix Mira; Luís C. Lupi; e eng.º Armando Tejo da Gama. Estiveram a inscrever-se

no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os srs. eng.º Canto Moniz, ministro das Comunicações; comandante Peixoto Correia, vice-presidente do Conselho Ultramarino; e eng.º Bento Louro.

PASSAGEM SEM GUARDA

Foi em Pinhal da Marinha, perto de Lagoa da Guia. Mas podia ter sido noutra ponto qualquer do País, pois aconteceu numa passagem de nível sem guarda, o que não falta em Portugal. Desta vez não houve, felizmente, mortes — a lamentar só quatro feridos, todos da região. Seguiam num «jeep» que ficou sem controlo. Debaixo de uma automotora que ficou tão danificada que teve de ser rebocada. Quem é o culpado?

Foi em Pinhal da Marinha, perto de Lagoa da Guia. Mas podia ter sido noutra ponto qualquer do País, pois aconteceu numa passagem de nível sem guarda, o que não falta em Portugal. Desta vez não houve, felizmente, mortes — a lamentar só quatro feridos, todos da região. Seguiam num «jeep» que ficou sem controlo. Debaixo de uma automotora que ficou tão danificada que teve de ser rebocada. Quem é o culpado?

RECENSEAMENTO EM REVISTA

As sedes das Juntas de Freguesia de Lisboa foram visitadas pelo dr. Afonso Marchueta, governador civil do nome distrito, que pretendeu iniciar-se do funcionamento das comissões de recenseamento.

ta, que assim passou revista ao recenseamento — parte primeira para as próximas eleições de deputados — para que se providenciasse para que não volte a haver tanta confusão e para protestos dos cidadãos o que tem acontecido em muitos pontos.

O sr. dr. Marchueta

RECUE PROVISÓRIO DE NIXON NA DEFESA ANTIMÍSIL

Por ALAIN CLÉMENT

WASHINGTON, MARÇO — Um Governo chegado de fresco ao poder, como é o caso do Governo de Nixon, pode encontrar-se subitamente na obrigação de fazer face a duas espécies de crise: uma, provocada pelos próprios acontecimentos, para a qual se exige uma decisão urgente e pública; outra, pelo contrário, que o force a tomar a iniciativa, em consequência de um debate tortuoso e complicado o bastante para que a sua solução dê azo a interpretações equivocadas.

É esse o caso, por exemplo, da ordem emanada da Casa Branca obrigando à suspensão dos trabalhos em curso para a implantação da rede de defesa antimísil, baptizada de *Sentinel*. Para as «forças da paz», que se vêem privadas de objectivos imediatos pela conferência de Paris, é uma medida «realista», que vibra um golpe de recuo a um redobrado lance militar tão ruinoso quanto insensato. Este simples gesto valeu ao novo presidente simpatias inesperadas, que ele talvez não se preocupe em cultivar abertamente, e que contribuem, de momento, para desmobilizar a coligação liberal, que bloqueou a segunda candidatura de Johnson. Estes democratas antijohnsonianos, influentes nos meios universitários e jornalísticos, não passarão, por isto, para o campo republicano. As prevenções que há uma vintena de anos alimentam contra Nixon dão, contudo, lugar, agora, a disposições mais conciliadoras. Concedem-lhe, agora, o benefício da dúvida. Se, afinal, fosse verdade que a vocação do *Grand Old Party* é a de liquidar as guerras iniciadas pela presunção democrática?

Além disso, essa minoria militante já não se sente isolada. Tem o sentimento

de que é o país inteiro, homens de negócios e financeiros, que se opõe a um reatamento da corrida aos armamentos atómicos, mesmo sob pretexto da protecção da população civil. Esta, aliás, tomou a dianteira ao reagir à construção de silos atómicos à volta de várias grandes aglomerações. Uma vintena de silos estavam programados, três dos quais foram começados a construir. Os habitantes dos arredores depressa deram a entender, de Boston a Honolulu, que dispensariam de bom grado a presença dessas bases; em caso de conflito, não lhes garantiriam, em troca de uma segurança muito aleatória, mais que uma certeza: a certeza de que receberiam com prioridade as salvas atómicas do adversário.

Mesmo que os foguetes «Spartan» (primeira linha de defesa) e «Sprint» (segunda linha de defesa, desdobrada ao redor dos centros mais povoados) devessem fazer maravilhas, o que ainda não está provado, elas inspirariam simplesmente desconfiança aos interessados, pela única razão de que eles não conhecem que um estrangeiro possa ser tão louco que já deliberadamente provocar uma hecatombe de pacíficos cidadãos americanos, o que lhe valeria imediata-

mente represálias pelo menos tão sanguinolentas quanto o ataque.

Este raciocínio, simplista no entender de certos peritos, mas derivado de demonstrações reiteradas de McNamara sobre a inutilidade de um «escudo» antimísil, já chegou ao Congresso, onde deputados e senadores pouco suspeitos de «pacificação» fizeram pressão sobre o novo presidente para que este olhasse de mais perto os argumentos aduzidos pelos partidários da rede A. B. M (Anti-Balistico-Missil) antes de se proceder ao voto da segunda adjudicação de créditos previstos pelo orçamento legado por Johnson ao seu sucessor.

Uma engrenagem pouco tentadora

Nixon não prometeu nada. Pronunciou-se apenas por uma revisão completa do «sistema contestado». O inquérito, que será dirigido por David Packard, adjunto do novo secretário de Defesa, Melvin Laird, deveria demorar apenas algumas semanas. Após o que competirá a Nixon conceder o crédito ou en-



contrar um compromisso que modifique os termos da alternativa. Tal como hoje se põem, só a certos departamentos do Pentágono parecem convincentes. Fora daí, chocam com dupla incredulidade.

Habitados a pensar que vivem em «espaço aberto» sobre a superfície de todo o continente, os americanos não chegam a crer que, mesmo a preço de ouro, se

poderá tornar a abóbada celeste impenetrável a engenhos dirigidos contra os seus lares. As macabras estatísticas destinadas a persuadi-los de que são preferíveis dois milhões de mortos a vinte milhões de mortos não os comovem. Não estão em maré de fazer as contas do Apocalipse. Em compensação, vêm-se ainda enleados numa guerra «limitada» no Vietnã, que lhes terá custado, calculando por baixo, mais de uma centena de gastos têm sido continuamente subestimados. *Sentinel* foi-lhes «vendido» por 5 bilhões de dólares, mas é um artigo de panóplia que poderia, à vontade, atingir o custo de umas dezenas de bilhões, e que, como no Vietnã, exigiria cada vez mais, sem que se pudesse controlar a sua eficácia real. A engrenagem não é tentadora para os americanos. Não há patriotismo que resista às cifras astronómicas que um erro de juízo inicial implicaria.

O que levou Nixon a reflectir não foi uma campanha juvenil como a do senador McCarty, mas a circunspeção dos patriarcas ultraconservadores, como o senador Dirksen e o deputado Mendel Rivers, presidente inamovível da comissão das forças armadas da Câmara dos Representantes.

O «dossier» *Sentinel* ainda está enterrado. Nixon deu mais um passo para o lado que propriamente um passo atrás. O facto de ele aceitar um suplemento de informação, em vez de seguir a linha da menor resistência, só pode ser inscrito no seu activo quanto às dificuldades psicológicas que qualquer terceira solução lhe custará.

Nota do dia

O APARELHO CIRCULATORIO

A HIPÓTESE DE ENCERRAMENTO ao tráfego da linha do Vale do Corgo (da Régua a Chaves) não constitui surpresa nem pode considerar-se um caso isolado. Insere-se no conjunto de consequências do regime tendencialmente deficitário em que vive, não só no nosso País, a exploração ferroviária, apertada pela concorrência de outros meios de transporte tecnicamente mais versáteis e propensos à renovação. Há quantos anos se ouve falar nisto? Há quantos anos o comboio se esforça por se adaptar à guerra que lhe move a camioneta? Há quantos anos, alguns traçados, com a via férrea a par da estrada, o passageiro hesita entre as condições de segurança, o conforto, a velocidade e o preço que lhe oferecem os dois sistemas concorrentes?

Viu-se há dias a suspensão de actividade num ramal ferroviário a partir do Barreiro, substituído o comboio pelo transporte fluvial. Agora fala-se do Vale do Corgo. O mesmo problema, ao que sabemos, põe-se noutras linhas secundárias onde se apresenta a necessidade de proceder à renovação do material, quer do circulante quer da própria via. E de cada vez se defronta a atroz interrogação: vale a pena? A verdade é que se, nalguns casos, «noblesse oblige», noutros se conclui por um descoroçoante «não vale a pena».

A alternativa que se oferece é essa: renovar ou desistir. E, em muitos casos, como está não rende e as perspectivas não dão para renovar. Fica o desistir, optando-se por outros tipos de exploração que se revelem mais eficazes, mais práticos e até mais baratos. Nalguns casos, ainda quando não exista a estrada capaz que substitua a via férrea, vão fazer-se contas e apura-se como sendo mais económico abri-la ou pô-la em condições do que telmar num sistema que, na opinião de alguns, parece inevitavelmente condenado à desapareição.

Tudo isto importa, no entanto, contas e mais contas. É preciso ver não só a quantidade mas também a qualidade do tráfego (mais carga ou mais passageiros?), pois nem sempre qualquer leigo será capaz de imaginar tranquilamente a superfície de estrada que se ocupa e o tempo de ocupação de estrada em que se traduz a respectiva reconversão da carga correspondente a um comboio de um determinado número de vagões. Deve haver uma fórmula que dá esses resultados. Deve haver e há, se bem que não a tenhamos presente para consulta. Mas acham-se verdadeiras surpresas.

O comboio e a estrada (não estamos a pensar na exploração do tráfego aéreo) não constituem, todavia, as únicas vias superficiais de exploração de transportes. Nalguns países têm-se aberto canais para a navegação de transportes interiores: a França, a Bélgica, a Holanda têm optado, em muitos casos, por essa solução, vendo-se com frequência verdadeiros combolos de batelões sulcando as águas tranquilas que rasgam e fertilizam as grandes planícies. Muitos desses canais servem para ligar os cursos fluviais e tornam-se deles o complemento.

Que temos nós ensaiado nesse sentido? A navegação do Tejo até à embocadura do Zêzere, se a memória não se mostra traçoira, foi um projecto que interessou os nossos séculos XVI e XVII. A utilização do Douro como «estrada» do vinho do Porto não está fora das lembranças de ninguém. A hipótese de um canal ligando o Tejo ao Sado tem sido posta uma vez por outra, talvez um tanto românticamente, mas sem deixar de corresponder a uma realidade possível. Uma carreira fluvial, no Alto Douro, não virá um dia a substituir o ramal ferroviário de Barca de Alva, em vias de degradação? Se temos muita coisa que fazer, parece que temos também muita coisa que pensar. É um exercício. Pensar faz bem.

O GOLO E A ESTOCADA

«Jogam bem e perdem! Ora, futebol é marcar golos...» — exclamava frequentemente o Tavares da Silva, nuns tempos em que «Os Belenenses» tinham uma equipa que jogava maravilhosamente, mas não obtinha resultados positivos correspondentes à qualidade do seu futebol.

Mas — e eu atrevo-me a entrar no prélio, apenas como espectador que só desconfia de que conhece alguma coisa desse jogo porque nunca acertou no Totobola... — não podemos aceitar tal doutrina como axiomática, até porque muitas vezes perde o melhor e o que mais merecia o triunfo, visto que este é dependente de muitas coisas visíveis e invisíveis.

A categoria futebolística do Benfica em nada ficou diminuída pelas cinco horas de jogo dos três encontros e um terço que disputou com o Ajax. Sempre jogou melhor; e se, depois do espantoso resultado obtido, sobre a neve, em Amsterdão, perdeu na Lus e em Colômbes, foi, em Lisboa, pelo excesso de confiança, e, em Paris, pelo cansaço,

em frente a uma equipa com muito maior poder físico, («de pequenino é que se torce o pepino» e, na Holanda, começa-se a fazer ginástica no berço) e pela desmoralização resultante das circunstâncias azarentas do golo sofrido ao começo do prolongamento. Quer dizer: houve causas ponderáveis e imponderáveis; e a luta de um regimento regular contra uma força armada e guerrilheiros eficazes...

Mas Tavares da Silva não era — como fazia gala em parecer... — um escravo dos resultados apontados no marcador; e se, por exemplo, falava, ou escrevia, embevecidamente, acerca dos «cinco violinos» do Sporting não era apenas pelo seu poder de marcação, mas pelo seu belo e precioso fogo de «associations».

Também na corrida de touros a finalidade é a morte do animal (às vezes sai ao contrário...); mas isso não quer dizer que o «aficionado» se contente com ela, porque, se toda a vida deve ser uma preparação adequada para a morte suprema, nenhum há que não vibrasse com

uma vara a precelto, com uns pares de bandarilhas, em «todo lo alto», como os de Joselito, com as verónicas e os naturais dominadores do sevillano, com a mela verónica de Belmonte, com a rendilhada chicuelina, cigana, com a serena e magestosa manoleína... E quantos, quantos toureiros matam bem, à primeira estocada, e não cortam nem uma só orelha, porque abreviaram demastadamente a «faena» que o touro merecia!

Mas, em referência às «réplicas» — mais violentas e mais prolongadas que as do recente tremor de terra — consequentes da «catástrofe» de Paris, não quero deixar de registar aqui o impressionante desabafo de alguém que, defendendo o direito ao matrimónio dos sacerdotes católicos, se permitiu exclamar, com sinceridade:

— Aos «casos» do futebol, não os deviam deixar casar!

A tanta não chegam os poderes do Otto Glória...

FELIX CORREIA



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

MAJA DE PORTUGAL - 1969: HISTÓRIAS DE JUVENTUDE

Proseguimos a publicação, nas nossas colunas, das mais credenciadas candidatas ao título de «Maja de Portugal-1969». O volume de inscrições (cerca de trezentas) obriga a um longo trabalho de selecção, o que impede que a eleição final se realize este fim-de-semana. Esse acto, esperado por muitas jovens com verdadeiro alvoroço, efectua-se num dos primeiros dias da próxima semana, o qual será oportunamente anunciado.

Entretanto, continuamos a apresentar aos leitores do «Diário de Lisboa» fotogénicas raparigas que, de diversos locais do continente, acorreram ao convite da Associação Goya Internacional, através da Iberia (Linhas Aéreas de Espanha) e foram consideradas, pelo júri prévio, como pretendentes ao título. Desta forma, os nossos leitores podem tomar contacto com o grupo de concorrentes de onde sairá a vencedora.

DE JUVENTUDE

A moda de Viana

— Não. Não conheço Sara Goya, e é a primeira vez que concorro a eleição deste ano.

Reside no Porto (Rua Carlos Dubois), tem 22 anos e chama-se Ermelinda Maria Ferreira. Pretende obter o diploma de correspondente para o estudo Inglês. Tem 1,64 centímetros de altura e pesa 54 quilos.

— A minha família. Ora... achou bem. Pois achou.

Gosta bastante de autores portugueses — Alexandre Heróclito, Ramalho Ortigão. E de música clássica — Chopin, Mozart.

— Se vencer, vou a Espanha vestida à moda de Viana. De Viana do Castelo, não acha? Sempre tive especial predilecção pela região minhota.

— Aprecia Goya?

— Quem?

— Goya. Francisco Goya. O pintor que o concurso tenta evocar...



Ermelinda Maria Ferreira: conhece (Goya) de ouvir falar

— Ah!

Depois:

— Conheço, de ouvir falar. Sei que foi mortal.

Ermelinda mais não disse.

Dois anos em Luanda

— Foi o meu pai. Ele é que me inscreveu no concurso...

Maria São José Melro tem vinte anos de idade e reside na Pontinha (Lisboa). Trabalha numa cabeleleira; é encarregada na firma Zulmira Santos, na Rua Dona Estefânia. Tem 1,62 m de altura e cabelo preto. Peso? «Há dois meses pesava 49 quilos» — diz-nos. E acrescenta:

— Gostava imenso de ir a Espanha. Seria a minha segunda grande viagem.

— Segunda?

— Exacto. Estive dois anos em Luanda, como cabeleleira.

Maria São José é uma rapariga esbelta, de porte bastante elegante.

— Ganho quatrocentos e cinquenta escudos por semana e gasto o mínimo em vestuário. Mas, realmente, tenho bom gosto.

— Se for a Espanha, que recordação trará?

— Para oferecer? Uma coisa qualquer, bonita, para ficar durante a vida.

E lá foi, a correr, para o trabalho.

«Ele é esquisito...»

— Não tenho dinheiro, nem «toilettes» luxuosas, sou uma mulher cheia de complexos: se for a Espanha, como vou apresentar-me?

A «coisa» é curiosa. Mavilde dos Anjos Reis (nascida a 13 de Dezembro de 1947, em Moura) concorreu ao título de «Maja de Portugal-1969» sem bem saber porquê. («Talvez porque nunca sai de Portugal e esta oportunidade de conhecer outras terras caia como sopa no meu» — diz-nos). E, acrescenta:

— O prémio é tão simpático...

Mavilde (1,60 m de altura e 58 quilos de peso) é orfã e está há oito anos em Lisboa, para onde veio logo após completar a quarta classe. Vive sózinha, mas namora.

— O meu noivo não sabe que eu estou nesta luta... Vamos a ver se consigo



Maria São José Melro («Foi meu pai quem me inscreveu»), Mavilde Reis («Sou uma mulher complexada») e Ana Maria Lourenço Marques («Adoro Florbela Espanca») — três candidatas ao título de «Maja de Portugal - 1969».

encobrir-lhe a minha inscrição até à última hora.

— Que sabe de Goya?

— Eu? — responde Mavilde. — Sei que fazia quadros e mais não sei o quê...

Vou pouco a exposições de pintura: só tenho visto trabalhos de portugueses, ali no S. N. I.

Acrescenta, rapidamente:

— Mas ele (Goya) é um pintor com bastante nível.

Mavilde estuda: à noite frequenta uma escola, na Rua Morais Soares. «Quero aprender línguas, o que é sempre muito útil» — esclarece. Empregada no comércio, ganha um conto de réis por mês e não tem ideias de casar tão cedo.

— «Ele» é muito esquisito...

(Tem olhos e cabelos castanhos. E um nome quase exclusivo. Isso mesmo: Mavilde).

Peter O'Toole

— uma «tara»...

Maria de Lurdes Oliveira Barata completou vinte anos de idade, no passado dia 26. Até há pouco empregava-se num organismo corporativo; presentemente, trabalha numa empresa editorial.

— Gostava muito de conhecer a Espanha. Conhecer bem. So uma vez passei a fronteira: estive, em Junho, em Badajoz. Agora, a oportunidade seria uma maravilha...

Maria de Lurdes nasceu em Lisboa. Pesa 54 quilos e mede 1,58 de altura. Tem irmãos: uma rapariga (13 anos) e um rapaz (18 anos).

Vai muitas vezes ao cinema: — O Peter O'Toole é uma «tara»...

Mais preferências de Lurdes Barata: canções na voz de Rui de Mascarenhas («Não há nenhum como eles») e de Simone de Oliveira («uma rapariga que é triste, muito triste, mas canta muito bem» — comenta).

No emprego anterior, Maria de Lurdes Oliveira Barata ganhava 1800 escudos mensais. Gastos maiores: no cabeleireiro. («Duas vezes por semana, no mínimo, vou arranjar o cabelo ao salão «Suzibela», à Maria de Lurdes»).

Maria de Lurdes Barata é benfiquista. Já esteve noiva de um amigo de José Águas. Agora, esperançada em triunfar no concurso e sem compromissos sentimentais, man-

numa firma da Avenida de Roma e chama-se Ana Maria Lourenço Marques.

— Em casa de umas pessoas amigas, já vi um quadro de Goya: «Las Niñas».

Ana Maria tem inclinação poética:

— Adoro Florbela Espanca. E começa a recitar trechos de «Rústica» ou de «As árvores do Alentejo». Depois, diz-nos:

— Também gosto de cinema. De cinema na generalidade...

Tem 1,58 de altura, cinquenta quilos de peso, cabelos castanhos, olhos quase pretos e pernas esguias. Ganha três contos de réis por

mês («trabalho há dois anos») e possui o curso da Escola Lusitânia.

— Foi um colega de emprego quem me inscreveu. Eu nem sabia de nada...

Com efeito, quem preencheu o cupão-candidatura de Ana Maria foi Joaquim Filipe Pereira, («representante em Lisboa do «Diário da Madeira» e colaborador de muitas publicações estrangeiras»). Ana Maria: uma rapariga extraordinariamente alegre, sem problemas na vida.

— Pois, pois. Escreva isso mesmo. Se eu pudesse, ia dar a volta ao Mundo.

NEVES DE SOUSA

Desordem entre vizinhos com muita pancada e tiros à mistura

Foi na Quinta da Musgueira, na madrugada de hoje. O sr. José Ilídio Fernandes Morais, de 36 anos, casado, canalizador, natural de Lisboa, e ali residente, na Rua B n.º 13, queixou-se, na esquadra da P. S. P. daquela área, contra o sr. Manuel Rodrigues de Matos, barbeiro de profissão, e sua mulher sr.ª Maria José de Oliveira Lopes de Matos, também ali residentes, no n.º 15, acusando-os de, junto da sua residência, por motivos fúteis e após troca de palavras e discussão, o terem agredido com um pau do que resultou ter o queixoso ficado com escoriações no rosto. Recebeu tratamento no Hospital de Santa Maria, após o que recolheu a casa.

Por seu lado, aquele casal apresentou queixa contra o mesmo sr. José Ilídio Fernandes Morais, acusando-o de, igualmente, o ter insultado e agredido.

A junta a esta «batalha de palavras e obras» entre vizinhos, outro vizinho, o sr. Carlos Alberto de Almeida, de 32 anos, casado, calzeiro de vendas e residente no prédio n.º 16, daquela Rua B, na Quinta da Musgueira, disparou, na altura da desavença, quatro tiros para o ar, procurando assim, segundo declarou, chamar a atenção da P. S. P. para a contenda. Os disparos foram produzidos pela pistola com o n.º 561 635, marca «Ceska», calibre G. 35, da propriedade daquele, que possui, aliás, a necessária licença de uso e porte de arma. A pistola foi-lhe apreendida.

do-o de, igualmente, o ter insultado e agredido.

A junta a esta «batalha de palavras e obras» entre vizinhos, outro vizinho, o sr. Carlos Alberto de Almeida, de 32 anos, casado, calzeiro de vendas e residente no prédio n.º 16, daquela Rua B, na Quinta da Musgueira, disparou, na altura da desavença, quatro tiros para o ar, procurando assim, segundo declarou, chamar a atenção da P. S. P. para a contenda. Os disparos foram produzidos pela pistola com o n.º 561 635, marca «Ceska», calibre G. 35, da propriedade daquele, que possui, aliás, a necessária licença de uso e porte de arma. A pistola foi-lhe apreendida.

COMO CONTROLAR O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento é preocupação quase vital de muitos idosos. Que se pode fazer para controlar esse processo? Em Tempos de Envelhecimento, Seleções de Março apontam os factores capitais do programa e falo dos caminhos capazes de retardá-lo em condições óptimas. Não se trata, pois, este sensacional artigo em Seleções de Março, numa distribuição exclusiva da livraria Bertrand.

LINTAS PUBLICIDADE INTERNACIONAL

LINTAS — Agência Internacional de Publicidade, Lda. com 26 associadas em todo o mundo

PROCURA

PESSOAL CRIATIVO PARA TV./CINEMA PARA MAQUETTE PARA REDACÇÃO

Responda por mão própria a este jornal ao n.º 232 dando as razões porque um cargo deste género lhe interessa e ainda a sua idade, habilitações, experiência anterior e ordenado que pretende.



Maria de Lurdes Oliveira Barata: estudou inglês e (actualmente) vende livros

tém-se em estado de euforia.

— Ah! Era tão bom...

De cabelos castanhos claros, Maria de Lurdes (tímida, recatada) virou costas e desandou. A espera.

«Quero dar a volta ao Mundo»

É estenodactilógrafa, nasceu a 24 de Novembro de 1950 (em Lisboa), trabalha

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «Dunya, a noiva eterna».

PRODUÇÃO — Alemã.

INTERPRETES — Eva Bartok, Ivan Desny, Karlheinz Böhm, Walter Risch.

O filme ontem estreado no Odeon é uma despre-

tensiosa adaptação de uma novela de Puschkin que já há umas décadas foi transposta para a tela, comendo plateias e balcões. E com esse romantismo colorido, que teve a sua máxima expressão na série da «Sissi», que o cinema alemão nos habituou a estas transposições, cor-de-rosa ou não, sempre fastidiosas porém. Após uns anos de intervalo, em que os estudos de Munique e de Berlim nos presentearam com maus filmes policiais, a adaptação da novela romântica volta a ser pretexto para os exercícios filmicos alemães. Desta vez (regozijem-se pelo menos os que gostam de pequenas obras bem feitas e escuras) o romantismo deu lugar a uma contenção dramática notável, o melodramatismo dos actores foi substituído por uma direcção profissionalmente conseguida, e, de tudo isto, resultou um filme que atinge por vezes uma qualidade plástica pouco vulgar e que consegue prender a atenção do espectador. Uma obra agradável, em suma.

S.

ABC

Tel. 366745
(Adultos)

IVONE SILVA — NICOLAU BREYNER — HENRIQUETA MAYA — JOSÉ DE CASTRO — NATALINA JOSÉ e TONY DE MATOS



NA REVISTA

Elas é que sabem

TEATRO CAPITÓLIO

Tel. 320879
HOJE, AS 21.45 H.
a peça de S. Mrozek
«TANGO»
M/ 17 anos
Sábado e Domingo
— Tarde às 16 horas
A seguir: O original português de Jaime Seixas Sampaio
«OS VISIGODOS»

SÃO JORGE



APRESENTA EM:

2.ª SEMANA

O GRANDE MESTRE do CRIME

Thomas Crown Affair

FILME APAIXONANTE DIRIGIDO POR NORMAN JENISON



com

Steve McQueen
Faye Dunaway

num

Conflito Irresistível
entre ambição e sexo

(ADULTOS)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhos, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bomfim e Anjos, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Novo CASINO ESTORIL



apresenta

Karen Kay

VEGETA DA CANÇÃO
E DA TV INGLESA

THE KAMAS'S

ORIGINAIS ACROBATAS E FANTASISTAS

ANA HORTENSE

PARIS JAZZ BALLET



UM "COCKTAIL" DE COREOGRAFIA MODERNA

JIRINA'S COMBO OS'SHEIKS' JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

No CINEMA às 17 e 21.30 h. (M. 17 anos)
A NOITE É PERVERSA

RESTAURANTE TÍPICO



A SEVERA

FECHA A S. FEIRA
PARA DESCANÇO DO SEU
PESSOAL E ARTÍSTICO



DORIS DAY...

... DESAFIA... AMEAÇA...
... E... CUMPRE...

— HAVERÁ POR AI
ALGUM VALENTE
QUE SE QUEIRA
BATER COMIGO?

PROCURE-ME NO

RANCHO DA INJUSTIÇA

(BALLAD OF JOSIE)

ONDE ESTOU PRONTA A DEFENDER OS DIREITOS DAS MULHERES... MESMO QUE ELAS NÃO TENHAM DIREITOS...

VÃO VER NO

2.ª SEMANA

POLITEAMA

ESTA DELICIOSA
COMÉDIA
TECHNICOLOR
MAIORES DE 12 ANOS

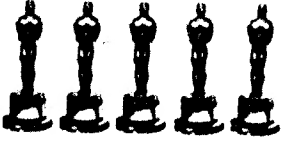


UNIVERSAL — FILMES LUSOMUNDO



ELIZABETH TAYLOR RICHARD BURTON

5 OSCARS



MELHOR ACTRIZ
MELHOR ACTRIZ SECUNDARIA
MELHOR REALIZAÇÃO
MELHOR ADAPTAÇÃO
MELHOR GUARDA-ROUPA

VINTE ANOS DE ILUSÕES
E FRUSTRAÇÕES REVELA-
DAS NUMA NOITE EM
QUE SE PÔE A NU A VIDA
INTIMA DE DOIS CASAIS!

PRODUÇÃO DE ERNEST LEHMAN
DA OBRA DE EDWARD ALBEE

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

COM

GEORGE SEGAL · SANDY DENNIS

ARGUMENTO:

ERNEST LEHMAN

MÚSICA DE Alex North

REALIZAÇÃO:

MIKE NICHOLS

WARNER BROS. SEVI

... HISTÓRIA FILMES



Amanhã estreia nos cinemas

SAO LUIZ

ALVALADI

Exclusivo e, como tal, não será exibido noutra sala de Lisboa antes de Outubro

CIENECLUBE NOS PALCOS DO MUNDO

IMAGEM

Hoje, às 18 e 40, h., no Jardim Cinema o Cineclube Imagem exhibe o filme de Carlos Saura «A carga dos rebeldes». Aceitam-se novos sócios à entrada da sessão.

■ No «Teatro de Montepio», em Madrid, vão ser apresentadas ao público três peças do dramaturgo norte-americano Tennessee Williams: «O grande adeus», «O mais estranho idílio» e «Fala-me com a chuva».

■ O dramaturgo Jean Merle, referindo-se à sua nova peça «Ombre et Soleil», em cena no Teatro-Estúdio,

de Paris, afirmou que já há vinte anos tratava um tema idêntico: o desprezo pelo amor e pela vida e o culto da morte. ■ Está para breve a estreia da comédia dramática de Emilio Romero «Só Deus pode julgar-me», em que intervirão os actores Vicente Parra, Armando Calvo, Maria Luisa Ponte, Encarnita Paso e Luisa Maria Payon.

VASCO MORGADO apresenta

TEATRO
VILLARET

EM 4.º MÊS DE ÊXITO POPULAR

A PREGUIÇA

com

RAUL SOLNADO

(Uma comédia que todas as noites é aplaudida)



FERNANDA
BORSATTI
(a mãe)

ALINA
VAZ
(a mulher)

MÁRIO
JACQUES
(Relações
humanas)

ANTÓNIO
MONTEZ
(o colega)

DAVID
SILVA
(o patrão)

(e... o preguiçoso)



ESTREIA
3.ª FEIRA

NO
MARIA
VITÓRIA

UM ÚNICO ACTOR EM CENA... 6 ÚNICOS
UM MUNDO DE GARGALHADAS 6 DIAS

O MUNDO ALEGRE DE BADARÓ

M/ 12 ANOS

AS 21.45

MÚSICA POR THILO'S COMBO

DE LISBOA é distribuído pelo
sr. JOAQUIM CARDOSO DA
SIVA ROSA.

ELES TRIUNFARAM!



CARROLL BAKER · JEAN SOREL

O DOCE CORPO DE DEBORAH

VIVENDO PELA
PRIMEIRA VEZ
JUNTOS
UMA ESTRANHA,
INQUIETANTE
E DIABÓLICA
HISTÓRIA
DE AMOR

No FASCINANTE CENÁRIO da RIVIERA FRANCESA

3.ª SEMANA!

CHROMOSCOPE COLORIDO
FILMES LUSOMUNDO
MAIORES DE 17 ANOS

OUTRO GRANDE ÊXITO DO

CINEMA

MUNDIAL

TEATRO T. 555133

MONUMENTAL

HOJE, AS 21.45 H.
(Maiores 17 anos)

2.º MÊS
A farsa de CLAUDE
MAGNIER

tradução de Maria
de Moraes

QUANDO ELA
SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA,
CARLOS COELHO, Cármen
Mendes, Yola, Linda Silva,
Alda Pinto, Alice Carla

Encenação de
SANTOS CARVALHO

SÁBADO, às 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde às 16 h.

ÚLTIMOS DIAS

TEATRO LAURA ALVES

T. 864756
(ADULTOS)

Hoje não há espectáculo
Descanso do Companhia
Amanhã, às 21.45 h.

O JOVEM MENTIROSO

com BRUNILDE JUDICE, RUI
DE CARVALHO, Manuela Ma-
ria, Célia de Sousa, Fernanda
Figueiredo, Benjamin Falcão
e o por-revalação Guida Ma-
ria e Vasco Morgado Jr.

Encenação de
JACINTO RAMOS

SÁBADO, às 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde, às 16 h.

ÚLTIMOS DIAS

RESTAURANTE TÍPICO



A SEVERA

FECHA A 5.ª FEIRA
PARA DECANÇO DO SEU
PESSOAL E ARTÍSTICO

TIVOLI

NO DIA 16 DE MARÇO
às 20.30

RECITAL PELO P. RAMÓN CUE

Autor de «El Cristo Roto» e «Fiel Hermano de Camacho»
em Indes. A Severa do Centro Social da Misericórdia.
BILHETES À VENDA (Maiores de 12 anos)

ora diga-nos...

— Já foi roubado alguma vez?

Os jornais regurgitam de notícias de roubos e congêneres (congéneres especialmente). Agora que se fala tanto de festivais da canção, Ajax (salvo seja!) descongestionemos, voltando ao rouboito descontraído, prato forte da imprensa factológica tradicional que tem sido sempre a nossa.



● O jovem Jorge Manuel da Costa Gomes, paquete da delegação lisboeta do «Norte Desportivo», disse-nos:

— Não. Só na escola...
— Na escola?
— Sim, é natural. Na nossa idade roubam-se com facilidade borrachas, apara-lápis, cacetes. É natural.
— Portanto, também tirou coisas?
— Que remédio! Se me tiravam, tinha que fazer o mesmo.

● O sr. José Manuel Martins Galinha, funcionário de seguros, foi

o nosso segundo inquirido. Contestou-nos:

— Não, nunca.
— Nem viu ninguém roubar nada a outrem?
— Não, nem láso.
— Nem ouviu falar?
— Sim, de roubos de automóveis.
— Porque é que haverá tantos roubos?
— Roubam para vender as coisas. Há por aí tanta necessidade...
— Sim, acho que os que



roubam, poderiam conseguir emprego, se quisessem ou gostassem de trabalhar.

● Outro funcionário de seguros, o sr. José



Manuel Graça, retrucou-nos:

— Não. Por sorte, creio eu. Não tenho precauções especiais.
— O que motivará os ladrões?
— A ambição, talvez.
— Uma tentativa fácil de singrar...
— Não, porque normalmente os ladrões não singram... A não ser os dos desvios, mas isso é outro género de roubos.
— Se pertencesse à Polícia, que medidas tomaria para que os roubos diminuíssem?
— Não consigo pôr-me na pele da Polícia.

LINTAS PUBLICIDADE INTERNACIONAL

procura

CHEFE DE ESTÚDIO GRÁFICO

Com boas qualidades de chefia e habilitado em todos os aspectos técnicos da produção e montagem de documentos definitivos, desde a verificação de qualidade de composição e letragem até ao retoque de fotografia.

Responda a este jornal ao n.º 233 indicando idade, habilitações, prática e ordenado que pretende.

Se necessário, o candidato poderá vir a ser enviado em estágio ao estrangeiro para completar conhecimentos.

Artes plásticas

Carlos Ramos expõe na S. N. B. A.

Carlos Ramos, o paisagista enamorado da terra portuguesa, todos os anos desce da sua Coimbra, e mais precisamente do Calhábé, a Lisboa para apresentar os últimos trabalhos do seu pincel.

Apresenta-se em Coimbra nos começos do ano, vem a Lisboa semanas depois, em geral ao despoitar da Primavera.

Cá o teremos, em duas das saletas de entrada da S. N. B. A., no próximo sábado, às 15 horas. Inaugura nesse dia a exposição que ficará aberta até ao dia 21.

O aquarelista José Rodrigues no Museu de Setúbal

Com o patrocínio da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, inaugura-se no sábado, numa das sa-

las do Museu de Setúbal, nova exposição de trabalhos do aquarelista José Rodrigues, cujo nome ultrapassou as nossas fronteiras.

O tema desta nova coleção é a Península do Sado e ao acto inaugural preside o chefe do distrito de Setúbal. O escritor e crítico de arte dr. J. M. Boavida-Portugal proferirá algumas palavras de apresentação desta nova galeria de aquarelas.

A exposição abre às 17 ho-

A LOTAÇÃO DOS AVIÕES PODE ESGOTAR

AS ATENÇÕES DO NOSSO SERVIÇO, NUNCA!

É verdade. Nas nossas carreiras, acontece muitas vezes a lotação esgotar-se. Claro que é mesmo um dos objectivos de qualquer companhia de transportes aéreos. Mas também é intenção permanente da nossa companhia, através do seu serviço de bordo, cumular de atenções os passageiros. Qualquer que seja o seu destino ou o tempo do percurso, a bordo de um avião da TAP o passageiro encontra sempre as atenções de que precisa. É claro que não nos referimos, apenas, ao conforto, às refeições e aos refrescos que se servem a bordo mas, também, a uma certa simpatia, um sorriso, um gesto, em suma atenções — as atenções do nosso serviço.

A TAP oferece a todos as vantagens do seu CREDIÁRIO
E as TARIFAS são mais baixas do que julga

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado



LIVROS NOVOS



MARIA CANDELÁRIA

«80 POEMAS SOBRE MOTIVOS DE FERNANDO PESSOA» por MARIA CANDELÁRIA

Trata-se de uma curiosa experiência poética o livro que, em edição do autor, Maria Candelária, fez dar à estampa Glória, em jeito confessional e intimista onde transparece uma sofrida sensibilidade e um coração vibrátil de grandeza e miséria da comédia humana, algumas passagens de Fernando Pessoa (ele próprio) e dos seus heterónimos.

Conforme a autora informa na «Palavra de Abertura» do livro, essa associação deve-se a vários factores, uns de natureza pessoal, outros reflexo do «encontro tardio» com a obra maior do poeta e conseqüente preito de admiração e homenagem — esta embora «pequena e pobre».

De factura irregular e um

tanto ao sabor da circunstância emotiva (o coração sobrelavando a vigilância crítica: «O coração foi sempre a minha arma/Demasiadamente — poema LXX), os poemas de Maria Candelária não deixam por isso de acusar uma certa lucidez introspectiva (patente, por exemplo, no poema VI, em que a autora ironiza o seu «burguesismo») paralelamente a uma constante preocupação humanística, de ilusões e mentiras, de exageros e baixas comédias de um tipo de civilização que recusa a Paz, a sensibilidade e o primado do amor: «Se (a luta) fosse a do amor/Não era convulsa/A face do mundo» — poema XXVIII.

Estamos longe do diapasão em que vibrou a poética de Pessoa, mas o livro de Maria Candelária, impõe, sem dúvida, um tom lírico feito de comovida sinceridade.

O resgate urgente da concessão à Carris de Ferro de Lisboa defendido na Assembleia Nacional

O deputado por Lisboa, dr. Miguel Pinto de Meneses, usando ontem à tarde da palavra na Assembleia Nacional, ocupou-se do problema dos transportes colectivos da capital, criticando a forma como se procedeu ao aumento das tarifas da Carris de Ferro de Lisboa — como noticiámos na nossa edição da noite.

Aquele parlamentar, impressionado com a questão do aumento tarifário, requereu a 14 de Janeiro, às entidades competentes, os elementos que julgou necessários ao ministro das Comunicações e ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa. De posse dos ele-

mentos do processo, o dr. Pinto de Meneses preparou um estudo desenvolvido da forma como o caso se processou, de que, leu apenas as conclusões, mas que será publicado na íntegra no «Diário das Sessões».

Os motivos da recusa da Câmara em aceitar os aumentos

Eis, seguidamente, o texto das conclusões do deputado Pinto de Meneses:

«A Câmara Municipal de Lisboa nesta questão recusou-se sempre a aceitar os pedidos da Carris, ao passo que o Ministério procedeu de outra forma.

Qual a razão desta diferença de atitudes? Por que é que a Câmara não aceitou as propostas de aumento de tarifas, e as aceitou o Ministério?

A razão está em que as duas entidades partiram de bases diferentes, e assim necessariamente, tinham que ser diferentes os caminhos e os termos finais.

A Câmara baseou-se, para as suas deliberações, no relatório da Comissão de Peritos nomeada pelo ministro das Comunicações em 23 de Julho de 1968, e o Ministério partiu, para a sua decisão, do relatório do Delegado do Governo junto da Carris. Ora, realmente, partindo do relatório da Comissão de Peritos, era difícil tirar uma deliberação de todo favorável à Carris, visto que as conclusões desse relatório alimentavam as dúvidas da Câmara sobre a exactidão dos aumentos tarifários que a Companhia propunha ou pedia; pelo contrário, partindo do relatório do Delegado do Governo era difícil não tirar uma conclusão favorável ao pedido da Carris, e daí as decisões do ministro das Comunicações e da Comissão Arbitral.

O aumento autorizado foi o dobro do que seria lógico

O deputado, prosseguindo, afirmou:

«Todavia, seria possível, mesmo seguindo os trilhos indicados pelo relatório do Delegado do Governo, chegar a outra solução? Acho que sim.

Diz-se nesse relatório que, para se estabelecer um esquema tarifário, é preciso o conhecimento, tanto quanto possível exacto, dos encargos de exploração conjugados com uma previsão cuidadosa do tráfego. De facto, é necessário calcular o número de passageiros para se poder fixar um preço ao transporte e assim obter as receitas indispensáveis à vida da empresa.

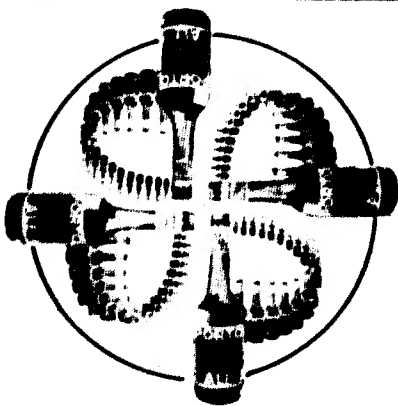
Neste caso da Carris, foi feita essa previsão do tráfego, e pode dizer-se que é nela que reside quase toda a delicadeza do problema. No relatório indica-se que, a manterem-se os preços antigos, o número de passageiros nos eléctricos seria de 177,4 milhões e nos autocarros 204 milhões; mas prevê-se que, com as novas tarifas, aqueles números desçam, nos eléctricos, de 177,4 milhões para 160 milhões, e nos autocarros de 204 milhões para 192 milhões. Estas quebras estimou-as o técnico responsável com base na experiência da própria Carris, quando dos aumentos de 1962 e 1967 nos eléctricos, e ainda com base numa fórmula citada na «Revue» n.º 2/1968 da U. I. T. P. (New York City Transit Authority). Simplesmente, o que é que se verifica? Verifica-se que, nos anos apontados de 1962 e 1967, em que houve aumentos de tarifas dos eléctricos, o número de passageiros aumentou consideravelmente, passando de 128,4 milhões em 1961 para 137,7 milhões em 1962 e para 147,1 milhões em 1963, e de 178 milhões em 1966 para 185,7

em 1967. Como nos autocarros (em que não houve então agravamento de tarifas) se deu um aumento ainda maior de passageiros, custa a aceitar a hipótese pessimista da retracção ou quebra do tráfego pelo menos nas proporções indicadas no relatório.

E que ilação se pode tirar desta previsão menos pessimista? A ilação que se pode tirar é só esta: se o número de passageiros se mantiver equivalente ao previsto para os preços antigos, a Carris registará uma receita bastante superior à orçamentada no relatório, e, assim, para seu equilíbrio orçamental em 1969 ela careceria de uma verba bastante inferior aos 113 000 contos, que é a quanto montam os novos encargos. Por consequência, a elevação das tarifas ter-se-ia situado talvez em metade ou pouco mais do aumento que sofreram, isto é, em vez de atingir a média geral de 30 %, ficaria pelos 15 ou 20 %, percentagens de agravamento menos impressionantes, porque mais condizentes com as restantes flechas da subida do custo de vida. E esta é para mim a conclusão máxima.

O sr. ministro das Comunicações teve a percepção nítida desta hipótese menos pessimista, pois, por um lado, acatou no seu despacho que os saldos, eventualmente resultantes do aumento tarifário, devem ser aplicados em benefício do pessoal ou de reequipamento, e, por outro, previu no seu comunicado de 10 de Janeiro último um possível abatimento de tarifas. Diga-se desde já que esta segunda solução é a que se me afigura mais justa, pois os «superávits» obtidos do público, uma vez satisfeitos os benefícios salariais que originaram toda esta questão, devem reverter em benefício do próprio público, e o reequipamento fazer-se à custa de outros recursos.

«Com esta esperança que termino a minha intervenção, acrescentando ainda que sou dos que defendem o resgate, o mais urgente possível, da concessão. Faltam 18 anos para o termo do contrato, e Lisboa não pode esperar tanto tempo por uma reorganização dos transportes colectivos à altura da sua categoria e do nosso tempo.»



NOS 4 CANTOS DO MUNDO quem realmente aprecia Vinho do Porto prefere

PORTO CÁLEM



CÁLEM VELHO
VIDA NOVA

TRINDADE

— F. N. A. T. —
HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO PARA DESCANSO DA COM-
PANHIA

SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

CINEMA NO COLISEU

Hoje, às 21 e 15 (M/ 12)
O grandioso programa
duplo:
«Arenas»
e «Amor e Corridos»
com Elvira Freire
e Nancy Sinatra

CLUBE DE CAMPISMO DE LISBOA

Integrado no seu programa de actividades culturais, o Clube de Campismo de Lisboa inaugurou na sua sede, uma exposição de gravuras, patrocinada pela Gravura — Cooperativa dos Gravadores Portugueses.

Nesta exposição, patente aos sócios das 21 às 24 horas, estão documentados os vários estilos artísticos e sistemas de gravação, com obras dos autores mais consagrados.

A exposição fecha no dia 28, e com ela encerra-se o ciclo cultural com uma palestra pelo sr capitão Celestino Marques Pereira, que falará sobre «Campismo nos seus aspectos desportivo e educacional».

Durante este ciclo, haverá outras manifestações culturais.

FILMES

SOBRE TAPEÇARIA FRANCESA

NA S. N. B. A.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, decorre hoje, às 21 e 45, uma sessão em que serão exibidas curtas metragens sobre tapeçaria francesa antiga e moderna. A entrada é livre.

Protecção de menores no Ultramar

português

Por portaria do Ministério do Ultramar foi tornada extensiva às províncias ultramarinas portuguesas a Convenção Relativa à Competência das Autoridades e à Lei Aplicável em Matéria de Protecção de Menores, concluída em Haia em 5 de Outubro de 1961.

Pupilos do Exército

Amanhã, às 21 e 30, na Associação dos Pupilos do Exército, reúne-se a respectiva assembleia geral, para eleição dos novos corpos gerentes.

ESCAPE — ASSIS- TÊNCIA AUTOMÓ- VEL PERMANENTE, S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Extraordinária para reunir no dia 31 de Março de 1969, pelas 18 horas, na sua sede social, R. Castilho, 72-A, em Lisboa, com a seguinte ordem do dia:

Eleição de um membro do Conselho Fiscal e de um Secretário da Mesa da Assembleia Geral.

Lisboa, 10 de Março de 1969

O PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Carlos da Camara Pinto
Coelho

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS —
PREÇOS ACESSEÍVEIS



Avenida Pa-
do Manuel
de Nobrega,
10-B.

Tel.: 77 76 34 77 49 75
LISBOA

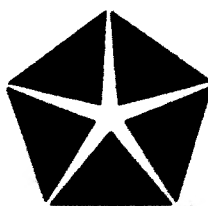
Examine bem o Simca 1100.



Examine bem os concorrentes.



E que vença o melhor.



SIMCA
PORTUGUESA

Avenida de Roma, nº 15b — LISBOA

E SEUS CONCESSIONÁRIOS DISTRITAIS

Há mais de 30 horas que chove sem parar praticamente em todo o Continente

Lisboa ficou e continua literalmente encharcada com a chuva que há mais de trinta horas cai quase sem cessar, e por vezes torrencialmente, sobre a cidade e os arredores. Há 48 anos que não havia tanta precipitação no mês de Março: 75,4 milímetros de chuva durante o dia de ontem e 32,3 mm. durante toda a madrugada e manhã de hoje, causaram perturbações de toda a ordem na vida da capital. Os bombeiros, que não pararam um minuto só, tendo atendido centenas de chamadas, acudindo a casas inundadas, chaminés, empenas e muros a ruir, prédios em precárias condições. Na Quinta de Alpoim, onde um casal morador na Azinhaga das Terceiras morreu de noite, soterrado por um deslizamento de terras, os seus moradores continuam a viver horas dramáticas, e na Brandoa há quem recele pela segurança de alguns prédios, dado haver fendas num deles em que habitam seis famílias.

Na Linda-a-Velha também uma casa ruí e três se encontram ameaçadas, e a situação é também de certa gravidade no Dafundo, onde os aluimentos provocaram muitos estragos e o trânsito está interrompido.

Com efeito, desde 1921 até agora a maior quantidade de precipitação em Lisboa, no mês de Março, tinha-se verificado em 5 de Março de 1947: 69,8 milímetros. A quantidade normal de chuva para o período de 11 a 20 de Março era de 31,9 mm — e, como dissemos, só no dia de ontem caíram 75,4 mm e esta madrugada e manhã, até ao meio-dia, 32,3 mm. A precipitação de ontem foi, por períodos de seis horas, a seguinte: das 0 às 6 — 0,6 mm; das 6 às 12 — 8,6 mm; das 12 às 18 — 31,2 mm; das 18 às 24 — 35 mm. Esta madrugada das 0 às 6 horas caíram 19,6 mm e das 6 ao meio-dia 12,7 mm, segundo informação que colhemos junto do Serviço Meteorológico Nacional.

Em consequência da pre-

cipitação os Sapadores Bombeiros, que ontem tiveram de atender mais de 350 chamadas, continuaram esta manhã a ser ininterruptamente solicitados para socorrer casas inundadas e chaminés, empenas e muros a ruir. Além disso os proprietários de alguns prédios mais afectados pelo sismo de 28 de Fevereiro temeram quaisquer consequências mais graves, e por isso pediram a comparação dos B. S. B. Na Rua do Cimo do Quelhas, por exemplo, ruíu um muro com 25 metros e na Rua do Arco do Carvalhão a empena de um prédio. As perturbações no trânsito, provocadas pelas inundações, fizeram-se sentir em diversos locais da cidade, em especial nos que já habitualmente costumam ser mais afectados pelas cheias.

Desolação na Quinta do Alpoim, onde um casal morreu soterrado

Reina a desolação no aglomerado de humildes moradias de madeira da Quinta do Valpoim, onde um casal encontrou, ontem, à noite, a morte sob as terras de uma barreira que se abateu sobre a sua habitação, surpreendendo-os em pleno sono, e poupando três crianças que dormiam a pouca distância. Os mortos são José Maria Cação de Oliveira, de 40 anos, e a sua companheira, Maria de Lurdes Marques Pinto, de 35 anos. As crianças são António Luís, de seis anos, Ana Maria, de três, e Angelina, de quatro. Apenas a última ficou ferida num joelho, sendo todas salvas no último instante pelo sr. Sebastião Inácio Tomé, de 38 anos, carpinteiro, que passava no local e correu a recolhê-las.

Em Linda-a-Velha: uma casa destruída e outras três em perigo

Elementos da corporação de bombeiros de Carnaxide voltaram esta manhã a

Linda-a-Velha, onde uma vivenda ruíu, tendo-se salvo o proprietário e locatário, e outras três se encontram ameaçadas, tendo sido abandonadas pelos respectivos moradores.

Da casa que ruíu (a «Vivenda Antunes», pertencente ao sr. Manuel Antunes, de 66 anos) nada resta senão destroços, numa amálgama de pedras e terra revolvida. Os locatários das três vivendas em perigo, srs. José Manuel Antunes, António Figueiredo e Albano Camelo, procuraram, também, refugio em casa de familiares.

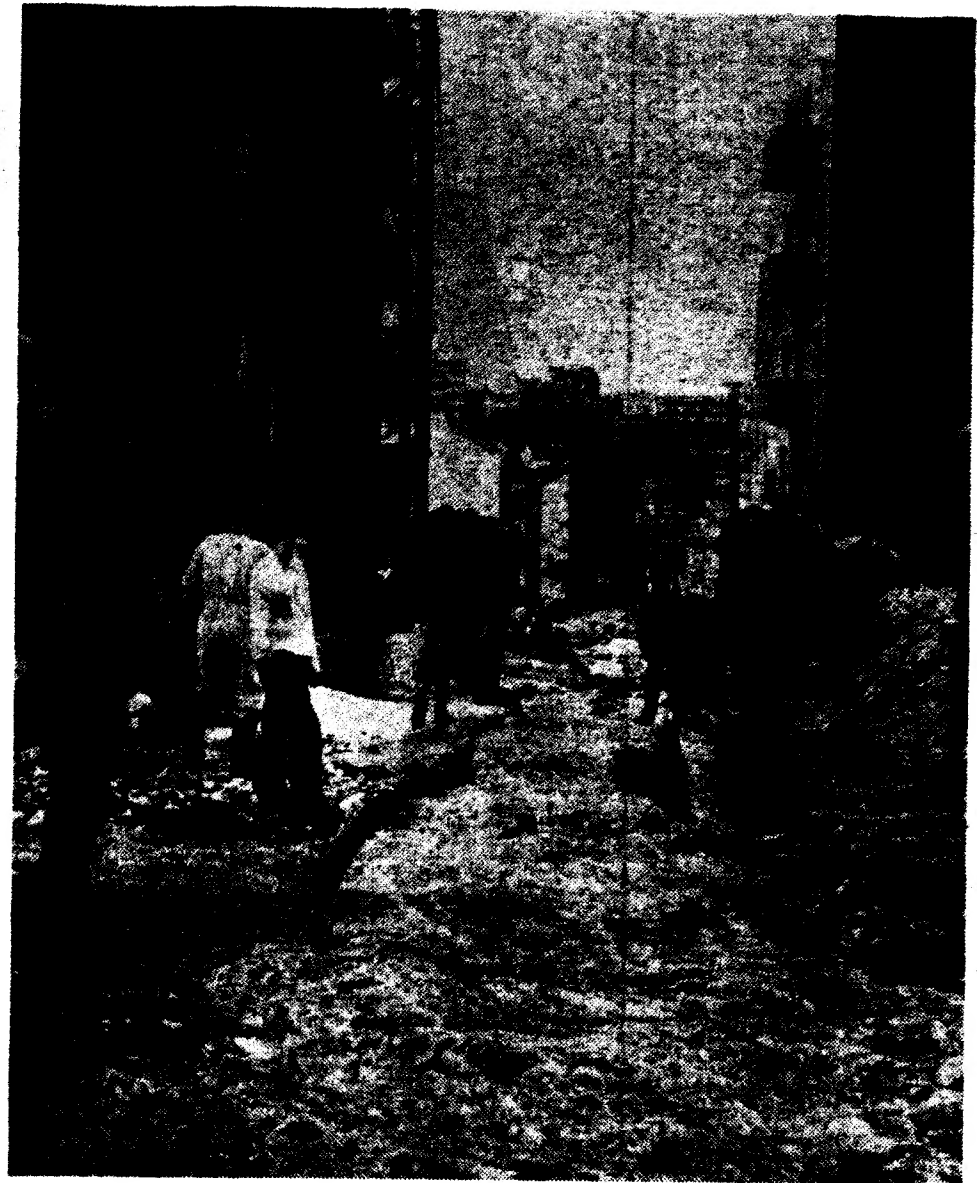
Particularmente dura foi também a sorte que ao sr. Carlos Ferreira Dias coube: a derrocada de um estábulo, na Quinta das Condições, em Chelas, fez-lhe perder vinte cabeças de gado que ali tinha guardadas.

Aluíram terras na encosta do Vale Escuro

Aluíu esta manhã na Rua Lopes parte dos quintais dos prédios n.ºs 65 e 67, de que são inquilinas as srs.ª D. Antonieta Santos e D. Guilhermina Pires Duarte. Não há desastres pessoais, dado que apenas foram atingidos pombais e galinheiros. No entanto, apesar da aparente insignificância do acontecimento, o facto é merecedor da maior atenção por parte das entidades competentes, dada a existência de casas e barracas na encosta da Quinta dos Peixinhos sobre a qual aluíram as terras depois de romperem o muro de protecção.

Caiu uma casa em Pinhal Novo

PINHAL NOVO, 13 — Esta manhã, cerca das 8 e 30, ruíu uma casa térrea na Rua 28 de Maio, n.º 12, desta villa, propriedade de Américo Cabrita, onde residia Eduardo Custódio, de 62 anos, ferroviário reformado. Não houve desastres pes-



As ruas da Brandoa são rios de lama, cujo canal, engrossado pelas chuvas, ameaça as «galotas» situadas em plano inferior

soais a lamentar, uma vez que o inquilino se encontra internado no Hospital do Desterro e a esposa dormia numa residência vizinha.

O prédio, que já ficara danificado em consequência do abalo sísmico de 28 de Fevereiro, não resistiu à infiltração das águas provo-

cadas pela copiosa chuva que desde ontem fustiga esta localidade.

Trânsito interrompido

Está interrompido o trânsito na EN 9-2 no lugar de Codaçal entre Murgeira e Ponte de Gradil por motivo de desabamento de terras.

Desespero e resignação na Brandoa

No enorme dedo acusatório que é a Brandoa, também as chuvas provocaram estragos, avolumando os recelos da população que, todavia, parece resignada à sua sorte. Caminhando pelas ruas esventradas do já famoso bairro da cintura de Lisboa, podemos verificar que das conversas tidas entre vizinhos, ou entre aqueles que se dirigem para os locais em que ganham a vida, nem uma escapava ao mote obrigatório: o perigo que se agiganta à medida que a água cai e aumenta o rol de fendas abertas nos prédios erguidos aqui e acolá, ao sabor da improvisação.

Pela Rua Principal acima era, esta manhã, uma romaria de curiosos que só se detinham quase ao alto, a contemplar os estragos trazidos pela chuva ao passeio fronteiro ao prédio n.º 105.

— É clandestino, este bairro de sete andares: pode ter sido construído numa noite? — perguntava, de passagem, um homem novo, de barba crescida de três dias. No prédio ontem atingido não está quase ninguém: a

debandada foi para a Câmara de Oeiras, aonde se dirigiram quase todos os inquilinos.

— Só cá fiquei eu e a vizinha do rés-do-chão — diz Maria das Dores, de 16 anos, filha dos locatários do 2.º andar direito, onde chove abundantemente, devido às obras de construção de um sótão suplementar no prédio (que já tem dois anos).

CORUCHE INUNDADA

CORUCHE, 13 — O rio Sorraia subiu assustadoramente e com grande rapidez, havendo zonas desta vila onde a água já atinge de meio a um metro de altura. Já não se pode passar para muitas casas, assim como estão cortados os acessos a algumas zonas, enquanto na parte ribeirinha a população defenda as suas casas. Entretanto, as perspectivas são más, dado que parece verificar-se a tendência para o nível das águas subir rapidamente.

— O meu irmão mais novo, de nove meses, está há um mês no hospital — conta. — A minha mãe foi dar com ele enxarcadinho no berço. Foi uma vizinha do 1.º andar quem o embrulhou num cobertor. Está no Hospital da Estefânia...

— Quanto pagam de renda? — Pagamos 600 escudos, o que eu ganho. O meu pai é reformado e eu sou a única que ganha para a casa.

Não se sabe como, no momento em que aluiu o passeio, caiu, no 2.º andar, um pesado armário com loiça. A jovem Maria das Dores olha o esqueleto do armário vazio e não tem comentários.

— Só sei é que o meu pai, que não pode sair de casa, doente como está, foi lá para fora por ter medo que isto caia — conclui.

Cá fora, as opiniões dividem-se:

— Isto não cal.

— Ali para baixo é que é pior.

— A culpa não é dos senhores. A Câmara é que recebeu o dinheiro e deixou construir.

Em toda a gente há uma estranha resignação. É o desespero dos impotentes.

GALVEIAS



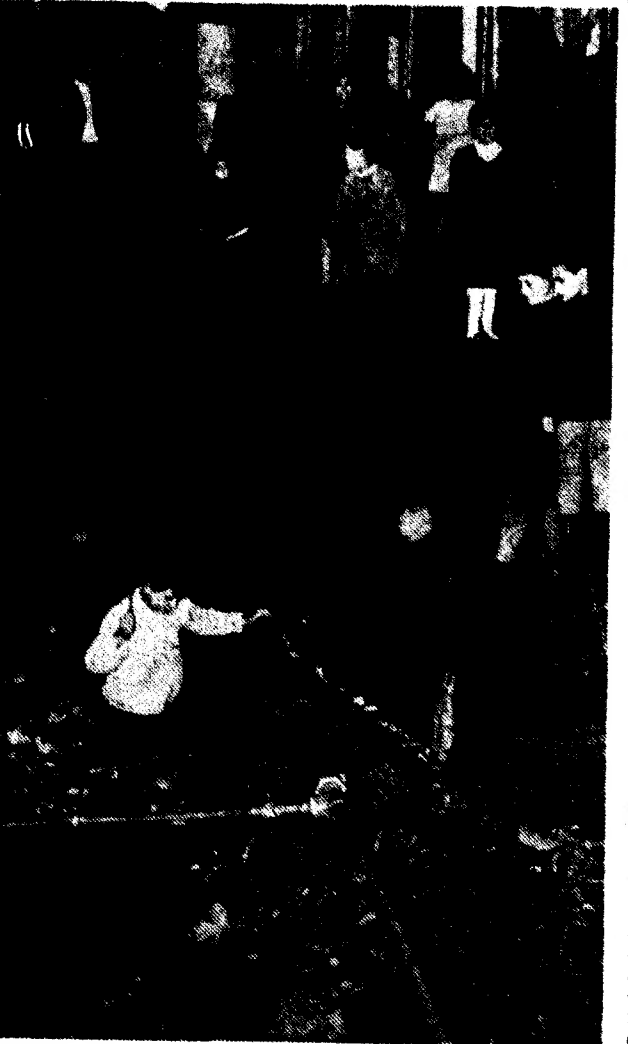
CORONEL

VIRGÍLIO GARCIA GODINHO BARATA

FALECEU

Maria Graciana Veiga Ferrão Braga, Lobelia Godinho Braga Barradas de Carvalho e marido, Asdrubal Garcia Godinho Braga e mulher, José Garcia Godinho Braga e mulher, Cosme Godinho de Campos, Maria Ana Braga Teles Boudry de Carvalho, marido e filhos, Joaquim Manuel Godinho Braga Barradas de Carvalho, mulher e filhos, Maria de Lourdes Malheiro da Veiga Ferrão, filha e genro, Adília Ferrão Barbas de Albuquerque, filhos, nora e genro, Maria Luísa Correia Teles Ferrão, Amílcar da Veiga Ferrão, mulher e filho, Amândio Ferrão, mulher e filhos, Ernesto Ferrão, mulher e filho e mais família, participam o falecimento do seu muito querido marido, irmão, cunhado, tio e parente. Amanhã às 9 horas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde se encontra depositado será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral em seguida para jazigo de família no Cemitério de Galveias.

AGÊNCIA BARATA



Crianças brincam indiferentes, na vala aberta junto ao prédio n.º 105 da Rua Principal da Brandoa

Campos inundados no Bombarral

BOMBARRAL, 13. — Devido às chuvas ininterruptas que têm caído, os campos encontram-se inundados, numa extensão de mais de dez quilómetros. Por tal motivo, a linha do caminho-de-ferro encontra-se interrompida entre Outeiro da Cabeça e S. Mamede. O transbordo é feito por camionetas da Empresa Claras, que não podem utilizar a estrada n.º 8 por esta se encontrar submersa. Assim o desvio é feito por Campelos, Mosta dos Ferreiros e Bombarral e depois Bombarral, Azambujeira, Roliça e S. Mamede. Em vários locais deram-se desmoronamentos de terrenos.



A Rua Sacadura Cabral (que liga o Dafundo à Cruz Quebrada) continua vedada ao trânsito. O aluimento de terras da Mata do Dafundo poderá, no entanto, repetir-se se continuar a chover por muito tempo

CHUVA DE NORTE A SUL

Entre as 7 horas de ontem e as 7 horas de hoje, a precipitação de água no território continental foi a seguinte: Viana do Castelo — 33 mm; Vila Real — 78 mm; Bragança — 35 mm; Porto — 53 mm; Coimbra — 37 mm; Penhas Douradas — 68 mm; Lisboa — 95 mm; Portalegre — 91 mm; Évora — 26 mm; Faro — 3 mm.

Aluimento de terras da Mata do Dafundo

As três famílias que habitam no prédio n.º 57 da Rua Sacadura Cabral (artéria que liga o Dafundo à Cruz Quebrada) não regressaram ainda às suas casas, abandonadas cerca das duas da manhã, após um enorme aluimento de terras da Mata do Dafundo.

Ao fim da manhã de hoje, não se sabia ainda quando poderiam regressar, uma vez que a chuva continua a provocar novos aluimentos.

A Mata do Dafundo é uma propriedade situada em nível muito mais elevado do que o da rua e servida por um muro de cerca de oito metros.

Já há anos, se verificou

idêntico desprendimento na mesma propriedade, embora sem as proporções do de agora.

Os Bombeiros Voluntários do Dafundo, sob a direcção do seu comandante, sr. Manuel Parreira, acorreram ao local. O trânsito foi imediatamente cortado no Dafundo e as medidas tomadas — as únicas possíveis de momento — procuram apenas impedir prejuízos ou desastres pessoais provocados por novos aluimentos. E se estes se verificarem, é provável que mais prédios tenham de ser evacuados.

Quando a solução é de plástico

Sem dúvida que é o desprendimento de terras um dos grandes perigos que se abatem sobre várias zonas da cidade, quando a chuva é mais intensa.

Esse perigo acentua-se em algumas zonas ainda incompletamente urbanizadas, como é a da Estrada do Desvio.

Concretamente: o aluimento de terras verificado há meses no Impasse entre a Estrada Militar e a Calçada de Carriche continua à espera de solução definitiva. E enquanto esta não chega, foi inventada uma solução provisória bem inócuo: os bombeiros aplicaram sobre as terras desprendidas enormes peças de plástico (de uns 50 metros de comprimento) por sua vez seguras com pedaços de madeira, não vá o vento levar a cobertura.

Acresce que poderá verificar-se mais um desprendimento de terras deste Impasse para a Calçada de Carriche, por deficiência de construção de um muro. Além do mais, os habitantes do Impasse não têm ainda telefones e apenas há luz eléctrica nas casas.

A situação dos moradores é de molde a inspirar desconfiança.

A SOLUÇÃO ESTÁ NA SUA MÃO!



Para qualquer empreendimento que implique a necessidade de ajuda financeira poderá encontrar uma solução nos folhetos do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Agrava-se a situação no Ribatejo

SANTARÉM, 13.—Volta a agravar-se a situação no Ribatejo, em virtude das chuvas abundantes que têm caído sobre a região. Ontem choveu durante todo o dia e toda a noite. O Tejo e os seus afluentes aumentaram de maneira assustadora, pelo que o Ribatejo se encontra ameaçado de novas inundações.

A estrada de Pombalinho a Vale de Figueira voltou de novo a ser galgada pelo rio Alviela, ficando ali interrompido o trânsito.

Segundo as últimas informações, as escalas higrométricas marcavam em Vila Velha do Ródão, às 6 horas, 5 metros e 15; às 9 horas, 6 metros. Na Barquinha, às 3 horas, 4 metros e 30; às 6 horas, 4 metros e 30; às 9 horas, 5 metros e 30. Em Santarém, às 6 horas, 4 metros e 30; às 9 horas, 4 metros e 70. A situação tende a agravar-se.

FRIGORÍFICOS

Fogões — Esquentadores — Televisores. Pequenos defeitos — Grandes descontos. Liquidação até 30 de corrente. Av. Almirante Reis, 91-A — Lisboa.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais de que a sua conta



Actualidade internacional

ATENTADO EM FRANKFURT

CONTRA UM AVIÃO ETÍOPE

FRANKFURT, 13 — (R.) — Um grupo nacionalista árabe afirmou ter sido responsável pelo ataque à bomba registado, anteontem à noite, contra um avião de passageiros etíope no aeroporto desta cidade. O grupo, que se intitula «Fronte Árabe de Libertação da Eritreia» em carta dirigida ao jornal «Allgemeine Zeitung» desta cidade explica que os árabes que vivem na Eritreia, uma região costeira no norte da Etiópia, pretendem libertar o domínio etíope.

A carta indica que serão cometidos novos actos de sabotagem.

O avião, um «Boeing 707», estava a ser reabastecido no aeroporto local para a viagem de regresso a Adis Abeba quando se registou a explosão a bordo que feriu oito mulheres que procediam à limpeza da cabine dos passageiros.

A polícia apurou que se encontravam a bordo duas bombas, uma das quais explodiu debaixo de uma cadeira.

Das mulheres da

limpeza encontrou um em-
brulho que pôs de parte
pensando que ele pertenc-
cia a qualquer dos tripu-
lantes. O embrulho, porém,
continha outra bomba que
explodiu. Os estragos cau-
sados ao avião são avalia-
dos em 20 milhões de mar-
cos (cerca de 140 mil con-
tos).

Deu a fábrica ao pessoal

HAMBURGO, 13 — (F. P.) — Um industrial multi-
millionário de Hamburgo cedeu ao pessoal a sua em-
presa, cujo valor é calculado em 30 milhões de marcos.
O dr. Kurt Koerber, proprietário de uma fábrica de
máquinas automáticas para fabricar cigarros, decidiu
transformar o capital desta numa fundação, de que
serão co-proprietários os 2000 operários e empregados
da fábrica. Para si, Koerber reservou um lugar de
simples empregado, em igualdade com todos os outros.
Aliás, antes desta decisão, o pessoal da fábrica já
gozava de um direito de co-gestão muito desenvolvido.
Tendo começado modestamente em 1949, tornou-se o
maior construtor mundial de máquinas de fabricar ci-
garros. Actualmente, um de cada dez cigarros fuma-
dos no mundo foi produzido em máquinas da sua fábrica.

RECRUDESCIMENTO DA ACTIVIDADE DOS GUERRILHEIROS DO VIETCONG

SAIGÃO, 13 — (A. N. I.) — O Vietcong bom-
bardeou 42 bases militares
e povoações no Vietnam do
Sul, ontem à noite e na
madrugada de hoje, acti-
vando assim a sua ofen-
siva, que tinha abrandado
nos últimos dois dias.
Morreram, pelo menos,
quatro pessoas e mais de
50 ficaram feridas em con-
sequência dos ataques.
O maior numero de viti-

mas foi registado na cida-
de de Soc Trang, no delta
do Mekong, a cerca de 145
quilómetros ao sul de Sai-
gão, onde ontem, à noite,
foram mortas três pessoas
e 18 outras ficaram feridas
quando um guerrilheiro
lançou uma granada para
dentro de um teatro cheio
de espectadores.

Duas horas depois, a ci-
dade foi atacada com fogo
de morteiros pelo Vietcong,
ficando feridas mais seis
pessoas, quatro delas civis.

Segundo anunciou hoje
um informador militar go-
vernamental, durante a
noite verificaram-se 35 ata-
ques contra cidades e ins-
talações militares sul-viet-
namitas.

Entre as cidades ataca-
das inclui-se Long An, uma
capital provincial a 28 km
a sul de Saigão, onde foi
morto um soldado, e Tuyen
Binh, a 85 km a oeste da
capital sul-vietnamita, onde
ficaram feridas oito
pessoas e foram destruídas
seis casas.

Noutro bombardeamento,
as primeiras horas de ho-
je, ficaram feridas 13 pes-
soas num centro de refu-
giados em Ca Mau, na pro-
víncia de An Xuyen, a 230
quilómetros a sudoeste da
capital. Os guerrilheiros
dispararam 12 granadas de
morteiro contra essa ci-
dade.

Um informador militar

americano anunciou que
soldados da cavalaria aéro-
transportada travaram
uma breve mas renhida
batalha a noite passada
com tropas norte-vietna-
mitas a 19 quilómetros a
sudoeste de Hué, na pro-
víncia de Thua Thien.

Os americanos anuncia-
ram ter morto 12 norte-
vietnamitas, perdendo
dois homens e ficando ou-
tros dois feridos.

MAIOR PARTICIPAÇÃO

WASHINGTON, 13 — (A.
N. I.) — No regresso a
Washington, ontem à no-
ite, da sua viagem de ins-
pecção ao Vietnam do Sul,
o secretário da Defesa,
Melvin Laird, declarou que
as forças sul-vietnamitas
deviam ter uma maior par-
ticipação na guerra e que
para isso era necessário
activar a sua moderniza-
ção.

Acrescentou, todavia, que
nenhuma decisão se tinha
ainda tomado com vista a
uma possível redução das
forças norte-americanas
naquele país.

«Tenho agora uma me-
lhor compreensão dos pro-
blemas que as nossas tro-
pas enfrentam no Viet-
nam» — sublinhou o se-
cretário da Defesa.

PONTO MORTO

PARIS, 13 — (R.) — Os
negociadores da paz no

O PRESIDENTE MOBUTU VISITA A ALEMANHA NA PRÓXIMA SEMANA

KINSHASA, 13 — (R.) —
O presidente Joseph Mo-
butu deverá partir ama-
nhã desta capital para a
sua primeira visita à Ale-
manha Ocidental desde
que se tornou chefe de Es-
tado em Novembro de 1965.
A sua visita de uma se-
mana, que se inicia com a
sua chegada a Bonn na
segunda-feira, cimentará
as relações cordiais exis-
tentes entre o Congo (Kin-
shasa) e a Alemanha Oci-
dental.

O general, de 38 anos,

que reorganizou a vida po-
lítica e económica do Con-
go, conferenciará com al-
tos dirigentes e assinará
acordos sobre auxílio téc-
nico e a protecção de in-
vestimentos estrangeiros
no seu país.

Em Bonn, deverá avia-
tar-se com o presidente
cessante Heinrich Lübke,
o chanceler Kurt George
Kiesinger e o ministro dos
Negócios Estrangeiros, Wil-
ly Brandt.

Visitara, também, Ham-
burgo, Berlim, Stuttgart e
Munique.

Após a sua viagem à Ale-
manha, o presidente Mobu-
tu projecta efectuar uma
visita privada a França.
Espera-se que durante a
sua permanência de uma
semana em Paris seja re-
cebido pelo presidente de
Gaule.

O presidente Mobutu se-
rá acompanhado na sua
viagem pelos ministros dos
Negócios Estrangeiros, Jus-
tin-Marie Bomboko, e da
Planificação, Etienne Tshi-
sekedi.

SISMO EM ITÁLIA

MACERATA (Itália), 13
— (A. N. I.) — Um abalo
de terra que durou cerca de
quatro segundos sacudiu,
ontem à noite, a província
central italiana de Mace-
rata.

Não há notícias de danos
pessoais ou materiais.

ADEMAR DE BARROS VITIMADO POR CRISE CARDÍACA

Ademar de Barros, anti-
go governador do Estado
de São Paulo, um dos pro-
motores do movimento re-
volucionário que depôs o
presidente João Goulart, e
várias vezes candidato à
presidência da República
do Brasil, morreu ontem
em Paris, vítima de uma
crise cardíaca que o
acometera quando, há dias,
se encontrava em visita ao
Santuário de Lourdes.

Ademar de Barros, que
contava 67 anos, concluiu
a licenciatura em Medici-
na, no Rio de Janeiro, em
1923, tendo posteriormente
estagiado na Europa, em
hospitais de Paris, de Ber-
lim e de Londres.

Ingressou na política em
1934, como deputado fede-
ral e foi nomeado pelo Go-
verno interventor federal
no Estado de São Paulo
em 1938. Nessa qualidade,
e mais tarde na de gover-
nador, promoveu uma
obra notável de industria-
lização e desenvolvimento
deste Estado.

Político controverso, o
seu nome tornou-se parti-
cularmente conhecido pe-
las acusações de corrupção
de que foi alvo. Mais tar-
de, tornar-se-ia notada a
sua persistência em candi-
daturas sucessivas e frus-
tradas à Presidência da
República.

Conta-se que, num co-
mício eleitoral em que par-
ticipava, afirmou a certa
altura de um discurso:
«Nem um só cruzado deso-
nesto foi metido nas algi-
beiras destas minhas cal-
ças». Opositores seus en-
toaram então em coro:
«Ademar tem umas calças
novas...»

Embora tenha participa-
do activamente no golpe de
estado que derrubou Gou-



ADEMAR DE BARROS

lart em 1964, Ademar foi
privado dos direitos políti-
cos em 1966 pelo presiden-
te Castelo Branco. Espe-
culou-se então sobre os
motivos da queda em des-
graça de Ademar; e afir-
mou-se que o dissídio do
político civil com os mili-
tares tivera origem no fac-
to destes não estarem dis-
postos a apoiar as suas
pretensões à Presidência
da República.

Fundador do Partido So-
cial Progressista, agrupa-
mento de tendências con-
servadoras, Ademar de
Barros afirmou por várias
vezes e em várias ocasiões
a sua simpatia por Portu-
gal e as suas afinidades
com o Estado Novo portu-
guês.

HAROLD WILSON DESLOCAR-SE-Á EM BREVE À NIGÉRIA?

LONDRES, 13. — (R.) —
O jornal «Financial Times»
diz hoje que se espera que
o primeiro-ministro Harold
Wilson vá em breve à Ni-
géria para se informar pes-
soalmente sobre o anda-
mento da guerra.

Um porta-voz de Wilson
recusou-se a confirmar a
notícia.

O jornal diz que a noti-
cia provém de fontes afri-
canas fidedignas e coincide
com o regresso do enviado
especial de Wilson à Nigé-
ria, onde esteve durante 48
horas.

Os preparativos para a
viagem do primeiro-minis-

tro teriam sido feitos por
esse enviado.

Segundo a notícia, Wil-
son partirá para a Nigéria
no fim da próxima semana
ou no princípio da seguinte.

Wilson tem afirmado vá-
rias vezes estar pronto a
ir à Nigéria se com isso
puder pôr termo à guerra.

Esta notícia aparece pou-
cas horas antes do Governo
britânico ter de defender
na Câmara dos Comuns a
sua política de fornecimen-
to de armas ao Governo fe-
deral de Lagos.

Círculos polític- bem in-
formados, afirmam, contu-
do categoricamente, que
não se verificará qualquer
alteração nessa política.

O «Beatle» Paul McCartney passou a noite de núpcias num estúdio de gravação

LONDRES, 13 — (R.) —
O «Beatle» Paul McCartney
passou a noite de núpcias
num estúdio de gravação,
enquanto, a alguns quilóme-
tros de distância, George

de Linda, antes de ir traba-
lhar.

Nenhum dos outros «Bea-
tles» assistiu à cerimónia
civil de cinco minutos «por-
que desejávamos que o ca-
samento fosse sossegado»
— afirmou Paul.

«Ringo está a filmar, mas
se John e George apareces-
sem, a cerimónia teria sido
mais caótica do que foi».

O «Beatle» preso, Harrison,
e sua mulher, o antigo mo-
delo Pattie Boyd, foram de-
tidos na sua residência nos
arredores de Londres, e a
Polícia acusou-os de pos-
suírem a droga «cannabis».
Foram soltos sob fiança, de-
vendo comparecer perante
um tribunal na próxima
terça-feira.

Antes de ir trabalhar a
noite passada, Paul, um ca-
tólico romano, levou Linda
à igreja, perto da sua resi-
dência, a fim de serem
abençoados religiosamente.

«Desejávamos uma bên-
ção religiosa, porque se al-
guém gostar de nos aben-
çoar ficarei feliz com isso»
— declarou McCartney.

«Encaro o casamento com
suficiente seriedade para
receber a bênção. É impor-
tante, e não partilho as opi-
niões de Mick Jagger».

(Mick Jagger, o principal
cantor do conjunto dos Rol-
ling Stones, afirmou recen-
temente, segundo se anun-
ciou: «Não sou partidário
do casamento... Não preci-
so de palavras ditas numa
igreja»).

Linda disse, por seu tur-
no: «Sou agnóstica, mas am-
bos encaramos a sério o ca-
samento».



George Harrison, outro
dos «Beatles» que ontem
foi detido pela Polícia,
acusado de possuir esta-
pofarmacéuticos.

era preso e acusado de pos-
suir estupefacientes.
McCartney, o único dos
«Beatles» que ainda se en-
contrava solteiro, levou sua
mulher Linda, 24 anos, de
Nova York, até ao lar de
ambos em Londres, após o
seu casamento de ontem,
acompanhada de Heather, a
filha de anterior casamento
Harrison, outro «Beatle».

RÚSSIA (10 dias), ESCANDINÁVIA, TURQUIA E GRÉCIA

Cruzeiro ABREU de 18 de Abril a 11 de Maio a bordo dos paquetes «CHOTA
BOUSTAVELLI» e «TARASS CHEVCHENKO». Escolha de camarotes na

AGÊNCIA ABREU — Fundada em 1840

LISBOA — Av. da Liberdade, 100 — PORTO — Av. dos Aliados, 307
COIMBRA — R. da Beira, 2

Mudança na política russa em relação à China

PARIS, 13 — (F. P.) — As diligências efectuadas pelos embaixadores da U. R. S. S. em várias capitais europeias, como Paris e Bonn, para informar oficialmente os respectivos Governos da versão soviética do incidente com a China, nas margens do Ussuri, traduzem uma importante transformação na política russa em relação à China.

Até aqui, o Kremlin tudo fazia para manter o Ocidente na ignorância dos seus desentendimentos com a China. É certo que, como Adenauer tinha revelado nas suas memórias, Krustchev lhe falou em 1955, numa conversa informal, do perigo potencial que representava para a União Soviética e para toda a Europa a imensa China, com os seus 650 milhões de habitantes. Alguns anos mais tarde o mesmo Krustchev evocou este problema perante o então senador Hubert Humphrey.

Mas, desta vez, não se trata de confidências mais ou menos calculadas. A União Soviética acaba de fazer o Ocidente testemunha oficial da «agressividade chinesa». É evidente que, no espírito dos dirigentes soviéticos, o «perigo amarelo», conceito lançado há 70 anos por Guilherme II, se tornou muito mais importante que todos os diferendos que opõem Moscovo às potências capitalistas.

A propósito, as explicações dadas ao chanceler Kiesinger pelo embaixador Tsrapkine foram extremamente elucidativas. Segundo o diplomata, a batalha do Ussuri não pode ser interpretada como um incidente local, pois foi uma «provocação deliberada», telecomandada de Pequim. É esta a tese que a imprensa soviética expõe com o maior relevo, tendo já esquecido completamente a crise de Berlim, que tanta tinta fez correr há apenas dez dias.

TRANSFERENCIAS

MOSCOVO, 13 — (F. P.) — O problema do envio de forças russas, presente-mente estacionadas a oeste do Ural, para a parte

do território soviético próximo da China, será estudado na próxima reunião de alto nível do Pacto de Varsóvia, segundo se soube, ontem à noite, de boa fonte.

Por outro lado, teria sido tomada a decisão de acelerar o envio de jovens para aquelas regiões. Com efeito, um telegrama da agência Tass anunciava ontem que «contingentes de jovens voluntários vindos de Moscovo e Leninegrado, Smolensk e Uka, Perm e Kharkov, se preparam para seguir para o extremo-orientes soviético». «Estão a formar-se nestas e noutras cidades contingentes de jovens voluntários» — acrescenta a Tass, que esclarece haver chegado ontem ao Komsomolsk-sobre-o-Amur o primeiro

contingente «a fim de participar em obras de construção».

Ainda sem confirmação oficial, soube-se que tinham sido criados há vários anos, em diversos pontos centrais do extremo-orientes soviético, estados-maiores sem tropas mas capazes de agir 48 horas depois da chegada dos primeiros elementos, aerotransportados.

TROPAS DE PREVENÇÃO

HONG-KONG, 13 — (F. P.) — As tropas e os guardas fronteiriços chineses postados ao longo da fronteira entre a China e a Mongólia estão de prevenção depois do recente combate sino-soviético em Chen Pao, anuncia hoje a Rádio Pequim, captada em Hong-Kong.

A rádio chinesa já anun-

ciou por muitas vezes que as tropas soviéticas tinham tomado posição na fronteira da Mongólia, país que tem apoiado firmemente a União Soviética desde que surgiu o conflito com a China.

Novo comandante supremo da N. A. T. O.

BRUXELAS, 13 — (F. P.) — O general Andrew Good-paster, que acaba de ser nomeado para suceder ao general Lyman Lemnitzer no cargo de comandante supremo das forças aliadas na Europa, tem 54 anos. Nasceu em 12 de Fevereiro de 1915, no Illinois, formou-se na Academia Militar de West Point e durante a segunda guerra mundial combateu em Itália.

Entre 1950 e 1954 foi adjunto do chefe do estado-maior do comando supremo do SHAPE. De 1954 a 1961, fez parte do estado-maior do presidente Eisenhower. Em 1961 e 1962, comandou uma divisão na Alemanha, antes de ser, até 1966, assistente do chefe do estado-maior interarmas.

Comandante, em 1967, do Colégio Nacional de Guerra, em Washington, era, há meses, comandante-chefe adjunto das forças norte-americanas no Vietnam.

A «APOLO 9» REGRESSA

(Continuação da 1.ª página)

riências com comunicações, que tiveram de ser eliminadas nas fases iniciais do voo, quando Schweickart adoeceu durante um curto período, todos os outros objectivos do plano da missão foram realizados, disse ainda Kranz.

O propósito principal do voo da «Apolo 9» era fazer a primeira experiência no espaço com o «módulo lunar» tripulado, o aparelho que parece um pulgão e que transportará dois homens da sua nave-mãe «Apolo», em órbita, até à superfície da Lua, e os trará de regresso.

O navio de recuperação, o porta-helicópteros «Guadalcanal», deverá estar na zona de recuperação, a cerca de 500 quilómetros ao norte da República Dominicana, por volta das 12 e 30 horas T.M.G.

O principal foguetão-motor da «Apolo» — o sistema de propulsão de serviço — será disparado precisamente 41 segundos depois das 16.31 horas (T.M.G.), pela oitava e última vez nesta missão.

O funcionamento do

SPS durante 11,5 segundos, quando a «Apolo» se encontrar a cerca de 490 quilómetros acima do oceano Pacífico, um pouco a Noroeste do Hawai, fará com que a cápsula inicie uma descida vertiginosa de 29 minutos sobre os Estados Unidos e o Atlântico, a cerca de 550 quilómetros a Noroeste de São João de Porto Rico.

Nova moda para a patinagem artística? Nada disso. Trata-se de um «bikini» apresentado em Copenhague, num ringue de patinagem, durante o desfile da nova colecção de fatos de banho para o próximo Verão.

Cargueiro-submarino nuclear para reduzir o custo da navegação transoceânica

CORONADO (Califórnia), 13 — (E.) — Um professor norte-americano apresentou um projecto para um cargueiro-submarino nuclear, com a forma de uma enguia, que, afirma, poderia reduzir em metade o custo da navegação transoceânica.

O dr. Robert Whitelaw, professor de Engenharia Mecânica do Instituto Politécnico de Virginia, revelou o seu projecto numa conferência nacional submarina da Sociedade de Engenheiros Mecânicos desta cidade.

O dr. Whitelaw afirmou que o seu projecto para a «enguia» — um submarino em forma de agulha, com 426 metros de comprimento, que se deslocaria à velocidade de 40 nós a 60 metros abaixo da superfície do oceano — seria oferecido à Marinha dos Estados Unidos.

O professor proclamou ainda que o barco, com seis tripulantes, atravessaria o Atlântico Norte em menos de três dias, sem ser afectado pelas condições de tempo, e poderia ancorar, carregar e descarregar automaticamente.

O dr. Whitelaw revelou que a «enguia» necessitaria de facilidades portuárias especiais, com meios para ancoragem, carga e descarga automáticas e de um sistema de orientação transoceânico automático.

A «enguia», em forma de tubo, com um diâmetro de 11,9 metros e accionado à popa, teria uma carga máxima de cerca de 5000 toneladas, podendo, também, transportar passageiros.

LIBERTADA A PROPRIETÁRIA DO «CORREIO DA MANHÃ»

RIO DE JANEIRO, 13 — (F. P.) — Níomar Bettencourt, proprietária do jornal «Correio da Manhã», e o chefe de Redacção do jornal, Osvaldo Peralva, foram ontem postos em liberdade provisória, em execução da decisão do tribunal militar do Rio, de 6 do corrente. Ambos estavam presos desde 7 de Janeiro.

O «Correio da Manhã» continua a aparecer, mas tem sido objecto de várias sanções governamentais, desde 13 de Dezembro. O jornal depara actualmente grandes dificuldades financeiras, pelo que teve de pedir à justiça a nomeação de um «fiscal de contas».



Os astronautas norte-americanos Edwin Aldrin, Neil Armstrong e Michael Collins, que constituem a tripulação da nave «Apolo 11», durante cujo voo, no Verão, deverá ser lançada, pela primeira vez, a descida de homens na Lua. Os E. U. A. projectam realizar três alunagens até ao fim do ano.

Editorial Inova	Porto
Hachette	Paris
Aldus/Bonniers	Estocolmo
Guadarrama	Madrid
Kindler	Munique
McGraw-Hill	Nova Iorque
Meulenhoff/De Haan	Amsterdão
Il Saggiatore	Milão
Weidenfeld & Nicolson	Londres



Biblioteca
Universitária
Inova

Recortar e enviar à

EDITORIAL INOVA LIMITADA
PRAÇA GUILHERME GOMES FERNANDES, 38 ■ PORTO

Para obter mais informações, preencher e enviar este formulário para: Editorial Inova Limitada, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 38, Porto.

Nome

Endereço

Diário de Lisboa

Explosão seguida de incêndio ocasionou dois feridos e consideráveis prejuízos

Esta manhã, pouco depois das 10 horas, ocorreu violenta explosão no armazém de tintas para automóveis «Patrick» na Rua 14 de Outubro, 31, em Vila Nova de Gaia. O armazém, a loja e o escritório estavam instalados no rés-do-chão daquele prédio, que pertence à «Predil Off» e não se conhecem ainda as causas que originaram o fogo. Logo após a violenta explosão, as chamas propagaram-se às tintas e alastraram rapidamente a todas as dependências.

Ficaram muito queimados em resultado da explosão, a jovem empregada Rosa Maria Alves Urbano, de 15 anos, Rua Pinto Mourão, em Gaia, e o cliente sr. Alberto Manuel Pinto, de 54, casado, sapateiro, morador na mesma rua no n.º 222. Transportados ao Hospital de Santo António ficaram ali internados, com queimaduras por todo o corpo.

Entretanto, compareceram os Bombeiros Municipais de Gaia e Voluntários de Valadares, os quais ao cabo tal-

vez de uma hora, dominaram o fogo, que, todavia, destruiu todo o recheio, constituído por grandes quantidades de tintas, mobiliário e documentação do escritório — prejuízos que ultrapassam quinhentos contos, importância só em parte coberta pelo seguro.

A firma, que pertence ao sr. Jorge Barbosa Patrício, residente na Rua Marquês de Sá da Bandeira 332, 3.º,

acabara, ontem mesmo, de se mudar para aquele edifício, razão por que se pensa, para além de curto-circuito como causa da explosão, na hipótese de, durante a mudança, ter ficado alguma coisa a arder, devido a ponta de cigarro, sem que se desse por isso.

O prédio no rés-do-chão sofreu, também, muitos danos, mas foram poupados os dois andares do mesmo.

Os objectivos dos exercícios da N. A. T. O.

referidos hoje numa conferência de Imprensa

A bordo do cruzador «De Ruyter», navio que comanda a força naval da N. A. T. O. que está a tomar parte no exercício «Navalha de Barba» e se encontra fundeada no Tejo, efectuou-se, esta manhã, uma conferência de Imprensa.

Presidiu o comodoro O. Gramwinkler da Real Marinha Holandesa, que arvora o seu distintivo naquele cruzador. Encontravam-se presentes outras altas patentes, bem como os capitães-tenentes Bandeira Duarte e Brandão Pereira (oficiais de ligação).

Segundo o comodoro O. Gramwinkler, «o exercício «Navalha de Barba» tem por objectivo exercitar as forças da N. A. T. O. em tarefas de defesa em áreas estratégicas de grande importância».

— Que exercícios se efectuaram? — quis saber um jornalista.

O. Gramwinkler disse que se tinham efectuado exercícios anti-submarinos, anti-aéreos e de detecção de minas. Foram também disparados mísseis em áreas especiais.

Relativamente à presença de unidades da esquadra soviética no Mediterrâneo, O. Gramwinkler afirmou que o exercício «Navalha de Barba» tivera, sem dúvida, um efeito psicológico sobre os oficiais russos.

Finalmente, interrogado sobre o comportamento nos exercícios, das fragatas «Almirante Pereira da Silva» e «Almirante Gago Coutinho» O. Gramwinkler disse:

— Very well, indeed. A força naval da N. A. T. O. manter-se-á no Tejo até 17 do corrente.

XXXIV Curso do Colégio de Defesa da N. A. T. O.

Em avião especial da Força Aérea alemã chegaram, ao princípio da tarde à Portela, os componentes do XXXIV Curso do Colégio de Defesa da N. A. T. O.

A sua permanência em Lisboa prolonga-se até sábado próximo.

O curso é constituído por 72 individualidades, civis e militares, e chefiado pelo comodoro Goodhugh, da Armada britânica.

Necrologia

FALECIMENTOS

Coronel Virgílio Garcia Godinho Braga

Faleceu o sr. coronel Virgílio Garcia Godinho Braga, de 75 anos, natural de Galveias, coronel de engenharia, reformado, casado com a sr.ª D. Maria Graciana da Veiga Ferrão Godinho Braga.

Amanhã, às 9 horas, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde se encontra depositado o corpo, será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral em seguida para jazigo de família no cemitério de Galveias.

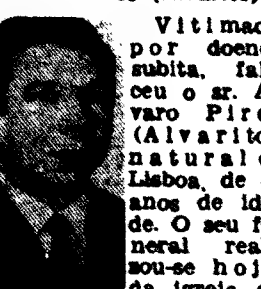
SUFRÁGIOS

Humberto Gonçalves

Amanhã, às 18 e 30, na capela dos Anjos, em Alges, será rezada missa pelo eterno descanso de Humberto Gonçalves.

FUNERAIS

Alvaro Pires (Alvarito)



Vitimado por doença súbita, faleceu o sr. Alvaro Pires (Alvarito), natural de Lisboa, de 50 anos de idade. O seu funeral realizou-se hoje, da igreja de São

Alvaro Pires Pena (sua especial) para o cemitério do Alto de São João. Alvaro Pires estava bastante ligado ao nosso sector artístico, inclusive, como promotor de espectáculos. Não admira, portanto, que no cortejo fúnebre se tivessem incorporado muitas figuras populares, nomeadamente no meio fadista.

FOI AGREDIDO POR CANTAR O HINO DO F. C. PORTO

O pequeno Vítor Manuel Fernandes Correia, de 14 anos, aprendiz fabril, Rua do Pinheiro, em Ermesinde (Valongo), é simpatizante do F. C. do Porto e não esconde o seu clubismo. Daí, sempre que pode, cantarolar o hino da agremiação.

Ora, ele viajava num comboio da linha do Douro para esta cidade, e trauteava a canção portista. Por infelicidade dele, seguiu na mesma corrente um indivíduo que tudo leva a crer não nutre simpatia por aquele clube. E tanto assim, que, sem qualquer explicação, agrediu com um guarda-chuva na cabeça o rapazito, que teve de ser socorrido no Hospital de Santo António.

O caso foi comunicado à Polícia que procura o agressor.

TAUROMAQUIA

A garralada de Medicina um espectáculo de alegria e irreverência

Os alunos do quarto ano da Faculdade de Medicina de Lisboa vão levar a efeito, uma vez mais, a sua tradicional garralada. Espectáculo que criou já profundas raízes na vida académica, é sempre um grato de juventude, de alegria, de irreverência. Portanto, no próximo domingo, às 16 horas, teremos na arena do Campo Pequeno, como dizem os futuros Esculápios, uma estonteante garralada dos «mata-dores»... de Lisboa.

Para lá das peripécias ao uso e costume destas funções de saudável boa disposição, veremos a «cavalo», dois distintos «vaqueiros» amadores — Jorge Carvalho e Carlos Empis, e como único «mata dor» — D. José Placco.

No alicante cartaz dos endiabrados estudantes outros números vão conquistar o público, como a «Hispitalesca», duclaciana e parreiral equipa no cortejo à antiga portuguesa; o jogo do «corno-ball» arbitrado por D. Bicornio Pallus, a sorte da barraca, a vacinação anti-Hong-Kong (por via rectal) e o «D. Tancredo» interpretado por Manuel Andrade.

Dois grupos de forçados prometem aplexar as vampiriscas e maliciosas vacas (3) e os três garralos marrões: um composto por 14 acariciantes e meigas donzelas e outro por 18 (pelos vistos as mulheres são mais valentes...) «cagaça dos» matcebos. Há quem diga que as donzelas têm mais presença de corpo... e os rapazes mais presença de espírito. A ver vamos!

«AMIGOS DE LISBOA»

Foi transferida para o próximo dia 20, às 22 horas, a conferência anunciada para hoje à noite nos «Amigos de Lisboa», pelo capitão-de-fragata sr. Henrique Silva Horta, sobre «O lisboeta Gago Coutinho, marinheiro, aviador e geógrafo».

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO			Etec. Compra Venda		
Consolidado 2 3/4%	5245	5225	5255		
Consolidado 3%	5405	5385	5405		
Consolidado 3 1/2%	6405	6405	6505		
Contadados 4%	1.4905	1.4855	1.4955		
Obriga. Tesouro 5%	1.0065	1.0065	1.0075		
Externo 1.ª Série	—	5905	6105		
Externo 1.ª Série A	—	6505	—		
Externo 2.ª Série	—	7605	8505		
Externo 3.ª Série A	—	8905	9005		
Cautelas 3.ª Série	2005	1955	2005		
OBRIGAÇÕES			Etec. Compra Venda		
Águas Lisboa 5%	4955	4905	—		
A P 1 5%	—	9505	—		
A P 2 5%	—	—	—		
C P 4 1/2 65	—	9155	9255		
C P 5 1/2 67	—	1.0305	1.0455		
C U F 6%	1.0205	1.0155	1.0205		
C U F 6% 68	1.0055	1.0055	1.0065		
Gás Elect 4% 48	—	8655	—		
Gás Elect 4 1/2 51	—	9055	—		
Gás Elect 5% 52	—	9305	—		
Gás Elect 5% 58	—	9305	—		
Gás Elect 5% 59	—	9305	—		
Gás Elect 5% 62	—	9355	9505		
Gás Elect 5% 63	—	9105	9505		
Gás Elect 5% 65	—	9105	9505		
Gás Elect 5% 67	—	1.0155	1.0255		
H E A Alentejo 5%	—	8255	—		
H E A Cádoca 5%	—	8505	—		
H E A Cádoca 6%	1.0005	9955	1.0005		
H E A Douro 5%	—	8405	8505		
H E A Douro 6%	9985	9975	9995		
H E A Norte 5%	—	—	—		
H E A Estrela 6%	1.0105	1.0075	—		
H E Zêzere 5% 55	—	8405	—		
H E Zêzere 5% 57	—	8405	—		
Lisboa 6%	1.0105	1.0105	0125		
Metropolitano 4%	—	9205	9305		
Metropolitano 5 3/4%	—	1.0255	—		
Moçambique 5%	—	7805	—		
Nac. Electr. 5%	—	8505	—		
Nitratos 5%	—	8205	—		
Nitratos 5% 60	—	8205	—		
Petroquímica 5%	—	9005	—		
Port. Celu 5%	—	9305	—		
Sacar 5% 54	—	9005	—		
Sacar 5% 60	—	9005	9 85		
Siderurgia 5% 2	—	8325	—		
Siderurgia 5% 3	—	8305	8405		
Siderurgia 5% 4	—	8255	8305		
Sonete 5%	—	8225	—		
T A P 4%	—	9405	—		
Termoelect. Port 5%	—	8505	—		
U E P 3 3/4%	—	8355	835		
U E P 4%	—	835	—		
U E P 4 1/2 65	—	835	—		
U E P 5%	—	8255	835		
U E P 5% 60	—	—	—		
U E P 5% 63	—	8505	—		
ACCÕES			Etec. Compra Venda		
Banco					
Agropecuária	9855	9825	9855		
Alentejo	6905	6905	6905		
Angola	—	—	1.8005		
Bumay	—	—	—		
Cria. Predial	—	1.9905	1.9205		
E. Santo	—	—	—		
E. Santo n.	—	—	—		
Fonsecas S.ª	—	13.0005	13.1505		
L. & A. Lopes p.	3.9205	3.9005	3.9505		
L. & A. Lopes n.	3.8705	3.8705	3.9505		
P. Atlântico p.	—	—	—		
Portugal n.	2.4005	2.3905	2.4105		
Portugal p.	—	—	2.8405		
Totta Aliança	4.7405	4.7405	4.7505		
Ultramarino n.	1.6705	1.6655	1.6755		
Ultramarino p.	1.8705	1.8655	1.8705		
Seguros			Etec. Compra Venda		
Alentejo	705	685	725		
Douro	—	—	9805		
Mundel	4705	4705	4755		
Sagres	—	1.1005	—		
Tranquilidade	—	40.0005	45.0005		
Ultramarina	—	8.5005	—		
Ultramarinas			Etec. Compra Venda		
Angola	—	7105	—		
Ag. Cascaes	5805	5805	5905		
Ag. Incomat	—	—	—		
Ag. Neves	3505	3505	—		
Ag. S. Tomé e Príncipe	3905	—	4005		
Boror	2205	2005	—		
Buzi	675	665	685		
Cabinda	—	1765	1805		
Ultramarinas			Etec. Compra Venda		
Diamantes Angola	1.3905	1.3865	1.3955		
H. E. Revus	—	5805	5955		
Ilha do Príncipe	1.0005	1.0005	1.0105		
Moçambique	—	—	—		
Sonete n.	—	—	—		
Sonete p.	—	3605	3695		
Zambézia	5255	525	535		
C.ª Diversas			Etec. Compra Venda		
Cedro	—	6.9505	7.0005		
Cm. Le. no	—	2.5005	2.7005		
Cm. Tejo	—	3.8005	4.1005		
Col. Navegação	—	—	6805		
C. U. F.	—	1.0905	—		
Ind. Aliança	—	—	7005		
Nac. Navegação	—	1.7505	5005		
Petroquímica	—	2.1005	—		
Port. e Colónias	—	1.2305	—		
Port. Celulose	—	3.1005	3.3005		
Port. Pesca	7005	7005	7205		
Port. Tabacos	5185	5185	5205		
Sacar	—	9055	9355		
Siderurgia Nac.	1.2155	1.2105	1.2205		
Socel	2.2005	2.2005	2.2205		
Tabacos de Portugal	—	9055	9355		
Tabacqueira	—	—	12.0005		
U. F. Azoto	—	7255	7405		
Águas, Electr. e Gás			Etec. Compra Venda		
Águas Lisboa p.	—	3905	—		
Águas Lisboa 34	—	4055	4155		
Águas Lisboa 36	—	3955	—		
Elect. Beiras	—	5155	5305		
Gás Electr.	3905	3905	3905		
H. E. Alto Alentejo	1.595	5855	595		
H. E. Cádoca	1.2755	1.2755	—		
H. E. Douro	1.2665	1.2665	2705		
H. E. Norte Portugal	—	3055	—		
H. E. S. Estrela	—	1.7005	8005		
H. E. Zêzere	1.3505	1.3455	3555		
Nac. Electricidade	1.3455	1.3455	3505		
Termoelect. Port.	1.3905	1.3755	3805		
U. E. P.	1955	1955	965		
FUNDOS DE INVESTIMENTO			Etec. Compra Venda		
F. Atlântico	—	5755	605		
F. I. D. E. S.	—	10555	10857		

INDICE BORGES & IRMAO

COTACAO DAS ACCOES (Base Dez 65 100)

	6/3/69	12/3/69	13/3/69
GERAL	111,2	111,4	111,5
METROP.	108,8	109,0	109,1
ULTRAM.	129,2	129,0	129,1

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul — Rand	36500	36800
América		
—Dollars de 1 e 2...	28520	28560
—Dollars de 5 a 1000	28540	28580
Canadá — Dollar	26520	26570
Alemanha — Marco	7505	7525
Austria — Schilling	1908	1915
Brasil — Cruzeiro Novo	5550	5550
Espanha — Pesta	439,7	441,2
Holanda — Florim	7678	8005
Inglaterra — Libra	67550	69550
Itália — Lira	804,45	804,65
Marracos — Dirhan	4575	5225
Bélgica — Franco	553,5	556,5
Franga — Franco	5525	5565
Suiza — Franco	6555	6575
Dinamarca — Coroa	3585	4500
Noruega — Coroa	3580	4570
Suécia — Coroa	5535	5565
Grécia		
Inglaterra — Libra Isobel	325500	340500
Inglaterra — 1/2 Libra	260500	260500
Ouro fino — Barra	39570	41520

J. BURNAY, L. DA Nota estrangeira
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72
Tel. 311273

O estado de saúde do chefe do distrito

PORTO, 13 — A direcção clínica do Hospital Escolar de São João forneceu, esta manhã, às 10 e 30, o seguinte comunicado sobre o estado de saúde do sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge, governador civil do distrito: «Acentuadas melhoras clínicas».

Entretanto, àquele estabelecimento hospitalar continuam a acorrer numerosas pessoas interessando-se pelo estado de saúde do chefe do distrito.

JORNAL DO EXÉRCITO

Instantâneo da Guiné, Angola e Moçambique, completados com um artigo do tenente-coronel Hélio Felgas sobre «Aspectos militares da África actual», fazem do último «Jornal do Exército» (n.º 110, de Fevereiro de 1968) um elemento de consulta muito útil para quem pretende conhecer outros dados além dos fornecidos periodicamente pelas boletins dos três Comandos-Chefes.

A par das suas secções habituais, este número insere também colaboração, entre outros, do coronel Bastos Moreira, tenente-coronel Balula Old, major Edmundo de Carvalho, capitães Barão da Cunha e João de Figueiredo, furiel miliciano Ferreira Martins e dr. Varela e Seixas.

Colóquio

Amanhã, às 10 e 30, na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, decorre um colóquio sobre «Resultados de ensaios em vasos sobre a disponibilidade do potássio nos solos», orientado pelo sr. eng.º agr.º Manuel Vasco da Gama.

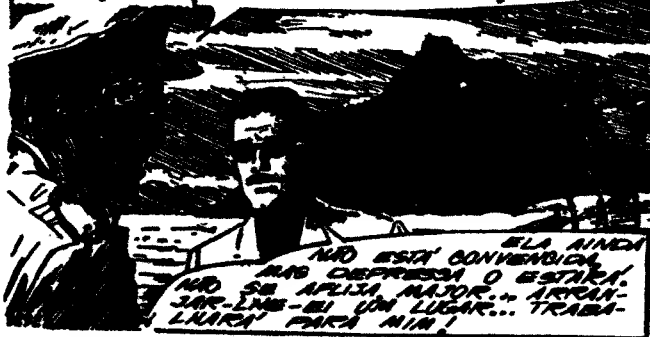
Os Peanuts



Carol Day

145

UM CAMPO DE AVIAÇÃO PARA
UM GABRIEL? NÃO! TEM A CAR-
TEIRA DE QUE CAROL CONCORDA
COMIGO, SR. LONDOS?



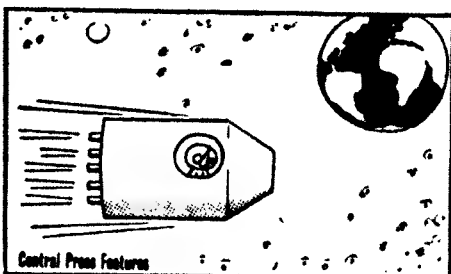
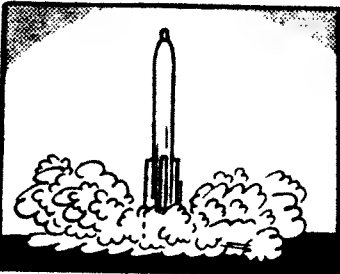
ENTRETANTO, EM
INGLATERRA... ESTAS
A SER BENEVOLE PA-
RA COM ESSE NOME
CAROL, SE CUBES SA-
BE O QUE ESTÁ-
ELE A FICAR NA
ILHA, A ESTA HORA!



QUE SUGERE TIO? AVISAR A
MARINHA DE GUERRA?



Aventuras do Tio Carlos



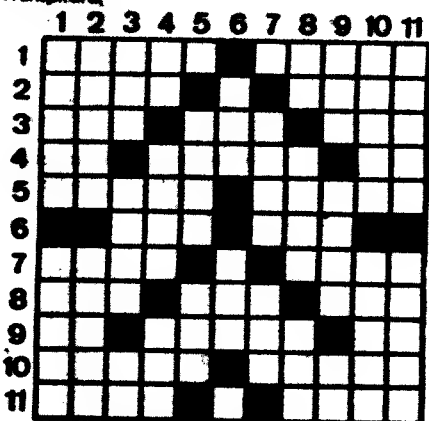
Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 5115

(COM PROVEITO)

HORIZONTAIS: 1 — Dá tempera de aço o Consumem (fig.). 2 — Proposição. Artigo de Oliveira do Bairro. Chefe etíope. Vai para fora. 4 — Nota musical. Possessão portuguesa na Oceânia e que faz parte do arquipélago de Sundá. Basta. 5 — Freguesia do concelho de Lousada. Cidade de Espanha. 6 — Magnete natural. Sapo do Amazonas. 7 — Nome de fruto. Lavras. 8 — Ferro temperado. Recusa. Organi-zação das Nações Unidas. 9 — Em a. Instru-mento dentado com que se alisa o cabelo. Tem-po do verbo haver. 10 — Transferem para outro dia. Caminhar. 11 — Mamífero roedor. Suspende.

VERTICAIS: 1 — Espécie de borboleta que habita as regiões montanhosas. Murchar. 2 — Branquear com cal diluída em água. Erguido. 3 — Estava. Exponho. Abreviatura de Item. 4 — Batráquio. Receio. Sustento. 5 — Ver-seja. Conjunção. 6 — Medida de líquidos da Holanda. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 7 — Esmurra. Base aérea portuguesa. 8 — Ilha francesa for-nicada do Mediterrâneo. Invulgar. Eial. 9 — Pronome pessoal. Riço. Quinhentas e cinquenta em romano. 10 — Nome de uma célebre famí-lia de fabricantes de instrumentos de corda em Cremona, um dos membros da qual, Nicolau foi mestre de Estradivari e de Guarneri. Peixes de água doce, em aquários domésticos, especial-mente no Brasil. 11 — Peça de vestuário de tecido de malha que cobre o pé e o perna. (il.). Transpirar.

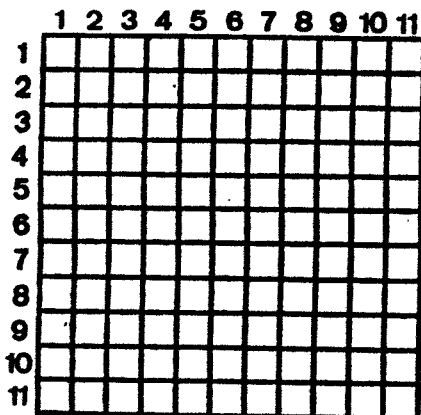


PROBLEMA N.º 8958

(NOVA MODALIDADE)

HORIZONTAIS: 1 — Caruma. Exército. 2 — Rustico. Pequenos barcos de farragem (Bras.). 4 — Gólio (s. q.). Irmão de Moisés. Viração. 5 — Monarca. 6 — Cidade da Arábia. Espécie de batráquios anuros insectívoros. 7 — Costume. Cidade do Peru. 8 — Agora. Cidade de Espanha. Odeis. 9 — Despido (inv.). Falta de tra-balho. Basta. 10 — Rede de arastar. Levantar ferro (Naut.). 11 — Guarnições de asas. Qui-nhentos folhas.

VERTICAIS: 1 — Penhasco. Vila e concelho do distrito de Beja. 2 — Fama. Canção e dança popular provenientes de Cabo Verde (pl.). 3 — Senhora. Freguesia do concelho de Alter do Chão. Apelido. 4 — Leito. Aqui. Duzentos e um em romano. 5 — Cobrinha de óleo. Atrás. 6 — Nota musical. Nome de homem. 7 — Sa-cas. Rio da Alemanha que nasce no Tirol. 8 — Faço. O mais. Voz usual entre os índios e copo-las do Amazonas e que exprime espanto, sur-preso, alegria ou medo. 9 — Base aérea portu-guesa. Estrada magnífica que ia de Roma a Brin-des. Abreviatura de «post scriptum». 10 — Fre-guesia do 2.º Bairro da cidade de Lisboa. Não mencionem. 11 — Planta vivaz e medicinal. Ave. trepadora.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8957

HORIZONTAIS: 1 — Medo. Lena. 2 — Asi. Bom. Mos. 3 — Op. Paris. Ra. 4 — Meter. Marra. 5 — Era. Aar. 6 — Açor. Sair. 7 — Adorada. 8 — Vã. Elada. Tô. 9 — Oia. Asi. Rir. 10 — Rufar. Afino. 11 — Amada. Sória.

VERTICAIS: 1 — Maomé. Évora. 2 — Espora. Arum. 3 — Di. Taça. Afã. 4 — Pé. Ode. Ad. 5 — Bar. Rolara. 6 — Pôr. Rã. 7 — Mim. Sadias. 8 — Sá. Adã. Fã. 9 — Em. Roia. Rã. 10 — Narrar. Tini. 11 — Assar. Coroa.

INTERCAL

COMPANHIA NACIONAL DE CONSTRUÇÕES

S. A. R. L.

Capital: Esc. 2 500 000\$00

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral Ordinária da «INTER-CAL» — COMPANHIA NACIONAL DE CONSTRUÇÕES, S. A. R. L., para reunir no dia 31 de Março, próximo fu-turo, pelas 18 horas e 30 minutos, no escritório da sua Sede, em Lisboa, Rua Ricardo Espírito Santo, n.º 1, com a seguinte ordem do dia:

- 1.º — Discussão, aprovação ou modificação do Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Pa-recer do Conselho Fiscal, relativamente ao Exer-cício de 1968;
- 2.º — Eleição do Presidente da Mesa da Assembleia Geral e da Comissão a que se refere o Artigo 21.º do Pacto Social;
- 3.º — Ratificação da nomeação de um Administrador, nos termos do § 4.º do Artigo 8.º do Pacto Social.

Lisboa, 10 de Março de 1969.

O 2.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral
Eng.º Filipe Carlos de VilhenaMINISTÉRIO DA SAÚDE
E ASSISTÊNCIAHOSPITAL DE
SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1969

Limpeza interior e exterior
de Serviços Hospitalares —
Conc. Público n.º 50/69.

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12.30 ho-ras), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indi-cada nos Cadernos de Encar-gos.

Lisboa, 11 de Março de 1969
O CHEFE DO SERVIÇO
DE AQUISIÇÕES
Manuel Bragos Pina de JesusDirecção-Geral
da Aeronáutica CivilAdmissão
de radiomontadores
e radioperadores

Pelo prazo de 30 dias a par-tir da data do presente anun-cio, está aberta a inscrição de candidatos do sexo ma-sculino para radiomontadores e radioperadores de 3.ª classe. Os interessados deverão diri-gir-se pessoalmente ou por es-crito à Repartição de Segu-rança Aérea, Av. Álvares Ca-bral, 84-2.º, Esq.º, Lisboa, a fim de obterem as informa-ções necessárias sobre as con-dições de admissão. As habi-lidações mínimas exigidas são: o curso de radiomontador das Escolas Industriais ou do Ins-tituto dos Pupilos do Exér-ci-to, o curso de radiomontador ou mecânico de radar da Es-cola Militar de Electromeca-nica de Paço d'Arcos ou ou-tro curso equivalente.

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Março de 1939 publicava:

«Há quem admita que o carácter pode evoluir com o progresso, fazendo mudar de ideias como quem muda de camisa, passar por todos os par-tidos e sempre pronto a passar o pé nos finais-contumélia para a fre-n-te e figa torto para trás, ou dominó para os dois lados. A imagem está na-quele político do tempo de Fontes, que, quando apanhava este no Poder, só dizia «o sr. Fontes» e tirava o chapéu, e quan-do o pilhava fora do Po-der, só dizia «o Fonteca» e cuspiu para o lado.

«Há que o carácter, para ser a «marca indelével» ou a «nota perdurável», que corresponde à sua etimologia, tem de conser-var através de tudo os seus elementos substan-ciais. Ou luz de projecto-ou de lanterna furta-fogo, ou toalha de mesa ou es-fregão de cozinha, ou corrente que purifica, ou enxuro que enlameia.» (Dias Ferreira).



ENGENHEIRO
JAIME

PASCOAL DE BRITO

Ex-Chefe da Repartição de Me-lhoramentos Rurais do Ministério das Obras Públicas

MISSA DO 5.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua Família participa que amanhã, dia 14, pelas 19.15, na Igreja da Conceição Velha, sita na Rua da Amãndega, será cele-brada missa pelo eterno descanso da sua alma, agradecendo desde já, reconhecidamente, a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Policlínica do Rossio

1.º. D. João da Câmara,
19, 2.º, Esq.º — Telef. 32 06 60

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.º e 5.º — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.º, 4.º, 5.º e 6.º — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.º e 5.º — 15 h.
Dr. A. Pita Negrão — Clin. cirur., — Operações — 3.º, 5.º e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorroidas — 2.º, 4.º e 6.º — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.º e 5.º — 17 h.
Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.º, 5.º e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Anis. do Disp. de Profi. Mental — 3.º e 5.º — 18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clin. Médica — 3.º, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clí-nicas.

LUSTRES

Fazemos novos, repa-ra-mos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro 203. r/c. — Telef 771639 (Ao Campo Pequeno)



Desde 3.400.000

UM CRONÓMETRO QUE É O PADRÃO DA PRECISÃO SUIÇA

OMEGA, SÓ POR SI, PRODUZ MAIS CRONÓMETROS DO QUE AS OUTRAS 90 FÁBRICAS SUIÇAS QUE SUBMETEM OS SEUS ARTIGOS AOS DEPARTAMENTOS OFICIAIS DE VERIFICAÇÃO DA MARCHA DOS RELÓGIOS

Os OMEGA CONSTELLATION são cronómetros automáticos, com calendário, impermeáveis e de que há, também, modelos com a indicação do dia da semana. A sua precisão inigualável faz com que o

OMEGA CONSTELLATION seja o cronómetro mais famoso em todo o mundo. A Garantia internacional OMEGA é válida em 163 países. É, portanto, um passaporte internacional da precisão.

A PREÇOS FIXOS NAS AGÊNCIAS OFICIAIS, COM GARANTIA INTERNACIONAL

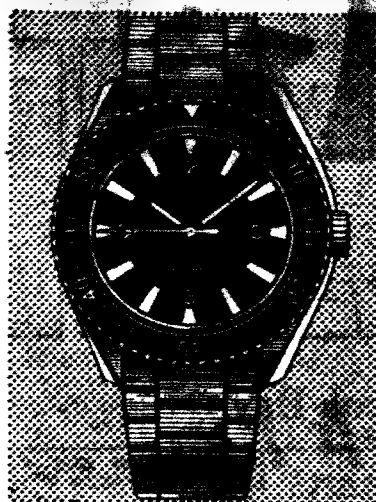
Cada Omega é acompanhado de um certificado de garantia

ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

Joelheria AUREA
Rua Aurea, 89
Ourivesaria da ESTEFANIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D
Relojoaria MAURY
Rua Aurea, 202

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E
Ourivesaria NOGUEIRA & SOUSA
Rua Braamcamp, 74
Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 257
Relojoaria SUIÇA
Rua Aurea, 200
TORRES Joelheiros
Rua Aurea, 202



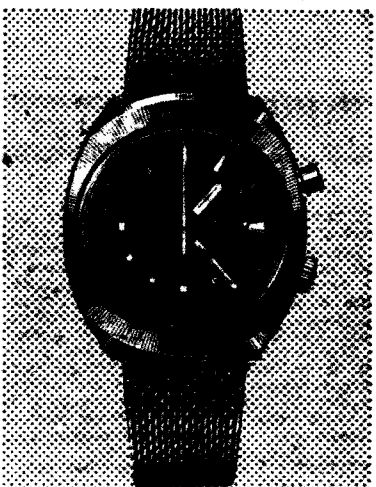
Seamaster 300. Relógio para mergulho, com are giratório. Impermeabilidade verificada até 200 metros. Automático, antimagnético.

2.300.000



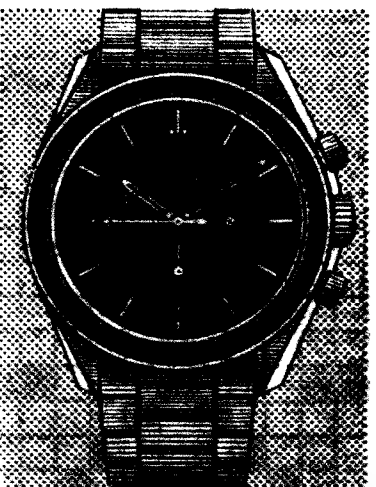
Chronostop Seamaster. Com escala taquimétrica. Antimagnético e amortecedor de choques. Permite leituras de 1/5 de segundo.

2.390.000



Chronostop Genève. Modelo concebido para trazer por debaixo do pulso. Marca o 1/5 de segundo.

2.200.000 C/Correia 2.900.000



Speedmaster Chronographe com escala taquimétrica. Estampa antimagnético e amortecedor de choques. Totalizadores de minutos e de horas.

2.800.000



HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA:

«A JUSTIÇA DOS DALTONS»



Elis Broderick Crawford no aeroporto da Portela, quando em 1961 passou por Lisboa. Protagonista de uma série que foi exlmo, ficou sensibillizado com a popularidade que tinha entre nós. Bastante mais jovem, aparece hoje em «Noite de Cinema»

«O MOTOR E O HOMEM»

CERCA DAS 20 E 50, será emitida mais uma edição do programa quinzenal «O Motor e o Homem», coordenado por Alberto de Cândia e Sá que é, também, o autor da rubrica «Homens e Aviação».

É o seguinte o sumário do programa:

— A Exposição Anual da Bicicleta e da Motocicleta, em Londres; A segurança dos motociclistas; Novos modelos de comboios e a estação de ensaios de Vitry; Segurança nas estradas e um novo computador antiderrapante; Novos

UM «WESTERN» norte-americano de 1940, exibido nesta emissão, pelas 21 e 55. Com Randolph Scott, Broderick Crawford, Brian Donlevy e Stuart Erwin nos principais papéis, esta película preenche, assim, a rubrica «Noite de Cinema».

Broderick Crawford (neste filme era ainda um jovem actor) tornou-se, há alguns anos, figura deveras

conhecida e popular junto do público português graças à série «High Road Patrol» (Polícia da Estrada) apresentada pela RTP.

carros experimentais e, finalmente, um filme sobre o superpetroleiro «Universe Ireland» — um gigante dos mares.

2.º PROGRAMA

FOLHETIM, TV CLUBE E UNIVERSIDADE NA TV

PELAS 21 E 50 é transmitido o 6.º episódio do folhetim «O Cavaleiro Tempestade», já apresentado no 1.º Programa em 24 de Fevereiro do ano passado. As 22 e 15, haverá «TV Clube» programa preenchido pela actuação do excelente conjunto alemão Honner.

Completa a programação de hoje, a rubrica «Universidade na TV» com dois documentários das séries «O Mundo e os Homens» e «A Vida e a História».

O primeiro narra, por meio de desenhos e caricaturas da época, a primeira escalada do Matterhorn, realizada no 14 de Julho de 1865 pela equipa de Edward Whymper, que escolheu o lado suíço da montanha para a subida.

O Matterhorn é uma das mais altas montanhas da Cordilheira dos Alpes: 4482 metros acima do nível do mar e situa-se no Cantão do Valais.

O segundo filme intitulado «Luxemburgo — uma fortaleza de 1600 anos», conta um pouco de história deste minúsculo país, desde a sua fundação até aos nossos dias.

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Canele de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 40: Solistas ligeiros; 20 e 38: 9.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias da Orquestra Montovani; 21 e 40: Variedades no Estúdio; 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Góis; 22 e 51: Música ligeira; 28 e 05: Programa da noite; 1: Fecha.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Rigoletto» (Verdi); 18: Música do século XX — Obras de Chostakovich; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore Português — Música da Beira Alta recolhida por Artur Santo (gravações cedidas pela BBC); 19 e 45: Música de piano de Mendelssohn; 20: Diário sonoro; 20 e 30: Música instrumental; 20 e 30: Missa em dó maior op. 317 «Missa da Coroação» (Mozart); 21: Parte do concerto da série organizada pela Emissora Nacional, em que participa a Academia de Instrumentistas, sob a direcção de maestro Fritz Rieger; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata em lá menor op. 42 (Schubert) — piano: Wilhelm Kempff; 22 e 20: Poemas simfónicos; 23: A Voz do Oriente; 1 e 15: Resumo do Programa.

2.º Programa (Cultural MF) — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano; 23 e 30: Festival de Saint Donat de 1968 em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 0 e 31: Quarteto nº 3 (1927) de Bela Bartok — Quarteto de Câmara «The Fine Arts»; 1: Fecha.

RADIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — 19 e 10: Abertura e 1.º disco; 19 e 15: Nova música; 19 e 32: U. R. I.; 19 e 50: Fecha.

RADIO CLUBE — 290,15 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e paleta religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto;

Rádio

3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Telenô — Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 G6 G6; 0 e 02: Alta fidelidade Phillips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e fecha.

Emissor de Miramar — 387,6 m — 732 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbiolac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de ascensor; 21 e 15: 50 rádio; 21 e 30: Lettura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença combrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RADIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Cartaz musical da

Europa; 8 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Fados por Carlos do Carmo; 21 e 45: Selecções; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecha.

Estação de Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Música; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecha.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: Rádio Redifon de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2: Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Lanterna Mágica; 20 e 25: Nós as Mulheres; 20 e 40: Vamos Jogar no Tómbolo; 20 e 50: O Motor e o Homem; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 30: Telejornal, Meditação e Fecha.

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim — «O Cavaleiro Tempestade»; 21 e 15: TV Clube; 22 e 45: Universidade na TV; 23 e 40: Telejornal e Fecha.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — 1.º Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto de Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Tempo de Poesia; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim «David Copperfield»; 22 e 25: Concerto; 22 e 50: Enigma; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecha.

2.º Programa — As 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «Voz Humana», de Jean Cocteau, por Lourdes Norberto; 22 e 35: A Grande Aventura; 23 e 5: Concerto; 23 e 30: Telejornal e Fecha.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

O MELHOR JOGADOR FOI O 23.º: A TELEVISÃO INGLESA

Futebol, uma vez mais. Futebol como não podia deixar de ser. Futebol que veio de longe, da fria Albion, e que teve pelo menos a vantagem de evitar a visão em tele de algumas outras rubricas.

O público português não estava emocionalmente interessado na peleja, não é assim que se diz, em termos de agressividade local? Foi portanto uma visão calma, uma chávena de café sem cafeína, uma descontração para os olhos...

...E ao mesmo tempo uma possibilidade de ver com que arte se transforma qualquer espectáculo em espectáculo para a televisão. Ontem estivemos disponíveis para assistir à manobra desembaraçada da câmara por todo o terreno, sem perder pitada do jogo. Detivemos o nosso olhar na água a formar piscinas dentro do campo, a transformar tudo aquilo em terreno impraticável. Olhámos a odisséia (olhámos e sofremos, quer dizer: participámos intimamente, ou seja, televisivamente) a odisséia daquele homem isolado que debaixo de chuva percorre todo o caminho das cabinas até ao campo. E não ia jogar... Recordam-se quando o guarda-redes inglês pôs a bola em jogo com a mão? A câmara estava tão lá, tão lá — que por um pouco a bola não nos entrava em casa.

O sentido de humor britânico: aquele objecto insólito em que a câmara se demora — é a borla de um gorro, como depois se viu num movimento lento... E quando a câma-

ra acompanhou longamente um jogador francês só porque ele tivera a lembrança... de rematar à baliza inglesa...

Outros motivos de meditação? Certamente. A decadência do futebol francês, por exemplo, a favor do raguebi, e já se sabe a influência que as transmissões da TV exerceram nessa modificação. Outra: a não inclusão na equipa Bobby (como é que se escreve Charlton?) por fazerem falta ao seu clube, empenhado no campeonato europeu de clubes. Os ingleses têm razão: a riqueza de um conjunto é constituída pela riqueza de cada elemento. Não encontraremos aqui, a propósito de futebol, uma boa lição de patriotismo?

relação entre os diversos capítulos: tudo assumiu o aspecto de uma improvisação. Por duas vezes se pediu aos meninos que fechassem os olhos. Fechar os olhos duas vezes? Caramba! Fechá-los uma vez já é demasiado.

A primeira preocupação de um educador é conhecer quem tem a sua belra. Nisso ainda a apresentadora falhou completamente. Com uma turma que dera provas já de grande turbulência e tendência para a dispersão, para a indisciplina, o que faz Maria Isabel? Ensina os o jogadores a fazerem pauzinhos no chão e agora vamos a ver quem apanha mais pauzinhos...

Como facilmente se imagina, o ardor da competição tornou os meninos mais agitados, eufóricos — agressivos, mesmo. E a «bagarre» continuou...

Os operadores costumam ter uma acção importante no interesse televisivo desta rubrica. Ontem, recordo-me de um pormenor: enquanto Maria Isabel falava sobre papel

(Continua na pág. seguinte)

QUARTO DE BRINQUEDOS

Aquilo que se passou ontem no «Quarto de Brinquedos» não tem explicação. E que não tem mesmo. Maria pa nacional inglesa de Styles Isabel Limão foi totalmente incapaz de organizar a rubrica; não houve a mínima

ANDAR ALUGA-SE

Com 400 m2 em 2 grandes salas. Serve para qualquer ramo. Em prédio com elevador. Rua dos Fanqueiros, 156 — (chave nas lojas) — Telef. 324350.

TELE RADIO, TV serv. permanente relampago TV 111 100 820726

J. PIMENTA A S.A.R.I.

ANDARES

A MADORA PAÇO D'ARCOS
FRENTE A ESTAÇÃO DO C.F.
REBOLEIRA ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE BEN-
TRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE
AMADORA, VEN-
DA NOVA E PAÇO
D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

GULBENKIAN

— nome de nova rua
na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 13 —
Promoveu os trabalhos de
urbanização na nova rua Ca-
loust, Gulbenkian, de acesso
ao novo edifício do museu e
biblioteca municipais.

A construção custará um
total de 14 mil contos e a
sua utilização está para bre-
ve, pois as obras estão muito
avançadas.

Além da biblioteca e mu-
seu outros edifícios estão a
ser construídos na nova zona
das Abadins, a qual se está
a valorizar com novas cons-
truições residenciais. O novo
arruamento parte da Avenida
Eng.º Arantes e Oliveira, que
já está parcialmente concluí-
da e que leva ao Liceu Na-
cional, que começará ainda
a funcionar no actual ano
lectivo.



Aspecto exterior do mercado de Vila Real de Santo António

**Compras à chuva no mercado
de Vila Real de Santo António**

VILA REAL DE SANTO
ANTÓNIO, 13 — Já de ou-
tras vezes temos feito re-
ferência ao pequeno merca-
do de verdura vila-real-
ense e à sua curiosa fei-
ção arquitectónica, que
desperta a atenção de
muitos nacionais e estran-
geiros.

Dissemos que o mercado
não possui dimensões pa-
ra a população que serve,
o que se acentua em espe-
cial no Verão, quando a
frequência é maior.

Os seus quatro torreões
estão a precisar de pintu-
ra, pois apresentam-se
quase negros quando a sua

cor original era o... branco.
Por outro lado, a falta
de higiene continua e os
utentes do pitoresco merca-
do estão esperançados
que este aspecto mereça,
também, a atenção da edili-
dade local.

Mas a falta de higiene
interior e exterior não é
tudo! Pois quando chove,
certos pontos do telhado
do mercado lembram o
fundo roto de um cesto, o
que obriga muitos fregue-
ses a retirarem-se apressa-
damente do recinto e,
até, muitos vendedores
abandonarem os locais de
venda.

As arrelhas e as preo-
cupações causadas, tanto
a quem compra como a
quem vende, justificam o
rápido estudo e solução do
problema.

**Homenageado
o eng. Mascarenhas
Gaivão**

Por, a seu pedido, er sido
aposentado, foi alvo de uma
homenagem, tendo-lhe sido
oferecido um jantar num ho-
tel da cidade, o sr. eng.º
Manuel Sárra Tavares de
Mascarenhas Gaivão, funcio-
nário superior do Minis-
tério das Obras Públicas, que
foi governador civil da Hor-
ta e também de Faro.

O eng.º Mascarenhas Gaivão
exercia actualmente o
cargo de director do Gabi-
nete da Habitação da Direc-
ção-Geral dos Serviços de
Urbanização.

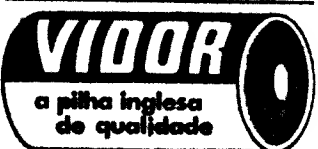
CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

canelado, um dos meninos
entregava-se totalmente à
sua brincadeira positiva. A
mesma camara, porém, fa-
lhou outro pormenor impor-
tante de reportagem: na can-
tiguinha da «Loja do mestre
André» (ora, ora, não há co-
co a medicina caseira!) esta-
vam ao pé de Maria Isabel
cinco meninos. Faltava um.
Onde estava ele? A fazer o
quê? A camara não disse. E
foi pena.

Voltando ao jogo competi-
tivo: quer utilizando os pau-

zinhos, na Televisão, ou os
palitos, em casa (como suge-
ria a monitora), quer-me pa-
recer que aos quatro ou cin-
co é demasiado cedo para
pôr os homens a competir.
Este assunto tem de ser re-
visto no «Quarto dos brin-
quedos». Com urgência. —
M. C.



FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

**Caixa de Previdência e Abono de Família
da Indústria do Distrito de Lisboa**

SEDE: Alameda D. Afonso Henriques, 45 — LISBOA-I
DELEGAÇÃO: Rua de Santo Ildefonso, 245 — PORTO

AVISO

**ALARGAMENTO DO ESQUEMA DE BENEFÍCIOS
— PENSÃO DE SOBREVIVÊNCIA
— CONTRIBUIÇÕES**

No «Diário do Governo» — II Série, n.º 38, de 14 de
Fevereiro de 1969, foi publicado o novo contrato colectivo
de trabalho para os industriais de electricidade, homologa-
do por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corpo-
rações e Previdência Social, de 18 de Dezembro de 1968.

A cláusula 65.ª daquela convenção preceitua:

«1. E' criada pelo contrato a pensão de sobrevivência
e, para os devidos efeitos, as empresas e os traba-
lhadores passam a contribuir para a Caixa Nacio-
nal de Pensões, nos termos do respectivo regula-
mentos.»

Nesta conformidade, avisam-se todas as empresas con-
tribuintes desta Instituição que se encontrem filiadas no
Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade que, com
efeito A PARTIR DE 1 DE MARÇO DE 1969 devem consi-
derar o pagamento de contribuições para o novo regime em
relação a todo o pessoal que tenham ou venham a ter ao
seu serviço.

Para o efeito, as entidades patronais e os respectivos
trabalhadores contribuirão respectivamente com 2 e 1%
sobre as retribuições pagas e recebidas na parte que não
exceda o limite superior vigente.

Assim, deverão as empresas que se encontrem na situa-
ção indicada promover de 1 a 10 de Abril de 1969 o paga-
mento das contribuições devidas a esta Caixa.

No serviço informativo da Caixa — sede e delegação no
Porto — ou pelos telefones 5 06 21 e 53 75 70 (Lisboa) e
2 53 34 e 3 37 55 (Porto), serão prontamente prestadas qual-
quer informações, que sobre o assunto, forem solicitadas.

Lisboa, Março de 1969.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

**AUTOMÓVILS
USADOS**

FIAT 2100	1960
FIAT 1500	1963
CORTEVA	1964
CORMET 202	1964
M. G. 1100	1965
N. S. U. 110	1966
N. S. U. 110	1966
N. S. U. 100	1966
LOTUS BLAN	1966
COOPER S	1967
FIAT 850	1967
FIAT 124	1967
TAUNUS 12 M	1967
RENAULT — R 10	1968
NSU P 30	
ISABELA-COUPÉ	
BOND EQUIPE 1966	
CADILLAC IMPECAVEL	
PORSCHE 911	

AUTO
EDUARDO COSTA
R. de Campolide, 27-B

**ESCAPE — ASSIS-
TÊNCIA AUTOMÓ-
VEL PERMANENTE,**
S. A. R. L.

**ASSEMBLEIA GERAL
ORDINÁRIA
CONVOCAÇÃO**

É convocada a Assembleia
Geral Ordinária, nos termos
do Artigo 10.º dos Estatutos,
para reunir no dia 31 de Mar-
ço de 1969, pelas 17 horas, na
sua Sede Social, Rua Casti-
lho, n.º 72-A em Lisboa, com
a seguinte ordem de Traba-
lhos:

- 1.º — Discussão do relatório
do Conselho de Adminis-
tração e do parecer do
Conselho Fiscal referen-
te ao exercício de 1968.
- 2.º — Apreciar e deliberar so-
bre o Balanço e Contas
encerrado em 31 de De-
zembro de 1968.

Lisboa, 10 de Março de 1969
O PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Carlos da Camara Pinto
Coelho

TRANUL
Empresa de Transportes.
Limitada
HORÁRIO

CARREIRA N.º 42
VALE FETAL-VALE FIGUEIRA

Partidas V. Fetal	Partidas V. Figueira
7.20	14.25
8.05	18.40
14.30	20.40

CARREIRA N.º 23
FEIJÓ-VALE FIGUEIRA

Partidas Feijó	Partidas V. Figueira
14.15	7.25
18.30	8.10
20.30	14.35

Em vigor a partir de 1-4-69

**Campeonato
Nacional de Futebol**
(1.ª Divisão)

GUIMARÃES-BENFICA

DOMINGO, 16 DE MARÇO
A C. P. organiza, em co-
locação com o Sport Lisboa
e Benfica, um comboio espe-
cial de Lisboa a Guimarães
e volta, no dia 16 de Março,
por ocasião do desafio de fu-
tebol «Guimarães-Benfica»,
ao preço de 14000\$.

HORÁRIO

Partida de Lisboa
(Santa Apolónia) ... 1.45 h
Chegada a
Guimarães ... 7.45 h
Partida de
Guimarães ... 18.05 h
Chegada a Lisboa
(Santa Apolónia) ... 0.18 h
Bilhetes à venda na Secre-
taria do «Sport Lisboa e
Benfica» e nas estações de
Lisboa (Romão) e Lisboa
(Santa Apolónia).

**COOPERATIVA DE CASAS ECONÓMICAS
DOS FUNCIONÁRIOS CIVIS
DO MINISTÉRIO DO ULTRAMAR**

S. C. R. L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 55.º dos Estatutos, convoco a Assem-
bleia Geral Ordinária para reunir no dia 31 do corrente
mês, pelas 20.30 horas, na Rua dos Condes, n.º 9-2.º, Lisboa,
(Sede da Casa de Moçambique), com a seguinte ordem de
trabalhos:

- 1.º — Discussão e votação do Balanço e Contas do exer-
cício de 1968 e o Relatório da Direcção e Parecer
do Conselho Fiscal;
- 2.º — Exclusão de sócios que se encontrem abrangidos
pelo disposto no art.º 36.º dos Estatutos e no art.º
23.º do Regulamento.

Se não se encontrar presente, ou representada, a maioria
dos sócios para a Assembleia funcionar em primeira convo-
cação, reunirá esta, decorridos trinta minutos sobre a hora
marcada, com qualquer número de sócios, e de harmonia
com o estabelecido no art.º 54.º dos Estatutos.

Lisboa, 5 de Março de 1969.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Dr. Joaquim Ferreira da Silva

DES POR TO

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Leixões-Sanjoanense ...	1
Varzim-Setúbal ...	X
Atlético-Braga ...	1
Sporting-Belenenses ...	1
Guimarães-Benfica ...	X
C. U. F. F. C. Porto ...	1
Salgueiros-Beira Mar ...	X
Penafiel-Famalicão ...	X
Valecambrense-Leça ...	1
Tirsense-Boavista ...	1
Montijo-Barcelense ...	X
Sesimbra-Portimonense ...	1
Seixal-Leões ...	1

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino (2.ª Divisão): Ferroviário-Atlético e Sporting-Quefuz, na Tapada da Ajuda, a partir das 21 horas.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, de seniores, apuramento do 5.º ao 8.º classificado: Faculdade de Ciências-C. D. U. L., às 22 horas.

No Porto

AUTOMOBILISMO — «3.º Rallye Lampreia» — Encerramento das inscrições, às 22 horas, na sede do Sport.

BILHAR — Campeonato Nacional de Clubes: F. C. do Porto-Leixões, na sala do Café Ceuta, às 21 horas.

TÊNIS DE MESA — Campeonato Regional Individual de Juniores—Jogos nas salas do C. D. U. P. e do F. C. do Porto, a partir das 21 e 15.

VOLEIBOL — Campeonato Regional de Reservas — F. C. do Porto-Esmoriz (21 e 30) no ginásio da Escola Gomes Teixeira.

DIVERSOS — Na Associação de Andebol do Porto — 1.º curso de monitores, com palestras de Armando Campos (matérias do curso) e dr. Augusto Costa (traumatologia).

ONTEM, EM NEWCASTLE, PARA A «TAÇA DAS FEIRAS» O ARDOR DO NEWCASTLE E A NEVE DE ST. JAMES PARK DERROTARAM (5-1) O VIT. SETÚBAL

NEWCASTLE, 13 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — Meridional sedento de sol, para mais com alguns africanos, os elementos do Vitória de Setúbal, como não podia deixar de ser, estranharam uma temperatura de cinco graus negativos e a neve que caiu ininterruptamente e transformou o terreno de St. James Park em alvaco e escorregadio manto. Talvez nunca os representantes do Vitória se tivessem visto em semelhantes apuros. O frio e a neve tinham para eles acentuados — e indesejáveis — efeitos de meditação. E isso representou decerto atenuantes de vulto para a pesada derrota que sofreram ante um Newcastle ávido de evidência e empurrado, firmemente, por uma falange de apoio gritante em suas manifestações de júbilo.

O mau tempo não impediu que ao encontro houvesse afluído uma multidão de

60 000 espectadores, os quais deixaram nas bilheteiras a choruda quantia de um milhão e meio de escudos.

Pode dizer-se que o embate teve este cariz predominante: ataque dos ingleses, insistente, maciço, implacável, e defesa porfiada dos portugueses — uma defesa enregelada, por vezes petrificada, talvez mais perturbada pelas condições atmosféricas do que propriamente pelas virtudes dos adversários. E foi a defesa que mais periclitante tornou a vida da equipa até em seus lampejos de jogo agradável, feito de movimentos acertados e quantas vezes vistosos gizados em especial a meio campo e pela linha avançada.

A subtilidade dos portugueses, entrecortada de pormenores técnicos de valia, responderam, rudemente, os ingleses com rapidez... e força. Sem dúvida alguma, o poder atético e o sentido prático dos homens do Newcastle constituíram triunfo precioso em terreno tão pesado e diante de adversário tão paralisado pelo frio.

Vital, nas redes, teve muito que fazer, em defesas, em cortes de lances, mas também teve hesitações comprometedoras e uma falha de mais tomo na intervenção que originou o 4.º golo. No entanto, também não deixou de ser grande vítima das constantes incompreensões e da apatia e perturbação no-

tadas aos colegas da defesa. O terceiro golo do Newcastle pareceu-nos irregular. Com efeito, Davies, o autor do tento, deu a nítida sensação de deslocado, mas o árbitro não quis atender os longos e veementes protestos



José Maria, o marcador do único golo do Vitória de Setúbal, no jogo de ontem em Newcastle

dos jogadores lusitanos. Esse 3.º golo, como tantas vezes acontece, ainda mais aturdiu quem o sofreu.

Na turma de Setúbal nasceu um raio de esperança quando José Maria, a centro de Figueiredo, colocou a marca em 4-1. Sempre era um golo obtido fora de casa, que nesta competição europeia por vezes representa dídima preciosa, caso no outro embate se consiga chegar à igualdade no resultado, sem que o adversário consiga violar as redes do antagonista. E havia, nesta altura, apenas uma diferença de três golos... Mas o raio de esperança feneceu, abruptamente, quando, a um minuto do termo da contenda, os ingleses puderam fixar o marcador em 5-1. E o frio e a neve voltaram quicá a penetrar mais no animo dos visitantes, que — repita-se — perderam, subjugados por aquele «cilindro» que rolava impiedosamente no gelo, mas que, em determinados períodos, conseguiram deixar ainda ao público inglês uma recordação de técnica individual e colectiva a todos os títulos apreciável. E em plano de mais relevo agiram



Jacinto João, o internacional setubalense, foi ontem, em Newcastle, o «rato preto em campo de neve», aquele que mais perigosamente se esgueirou entre os vigorosos defensores ingleses.

José Maria e Figueiredo.

No Newcastle, os avançados, especialmente, viram a sua acção facilitada, mas revelaram, no entanto, arcaísmo atlético e um poder de infiltração fora do vulgar. Quer dizer: foi uma avançada forte de mais para uma defesa que actuou em circunstâncias particularmente penosas.

Diga-se, igualmente, que nos movimentos ofensivos, o «team» inglês se mostrou mais apurado que nos exibidos pelo compartimento da defesa. É natural que em Lisboa o Vitória de Setúbal consiga rectificar, de maneira peremptória, a pesada derrota sofrida em James Park.

★

Equipas: NEWCASTLE — McFaul; Craggs, Burton, Moncur e Clark; Gibb e Scott; Robson, Davies, Horsfield (Sinclair) e Foggion.

VITÓRIA — Vital; Herculano, Cardoso, Alfredo e Carrico; José Maria e Wagner; Jacinto João (Tomé), Vitor Baptista, Figueiredo e Arcanjo (Petita).

Árbitro: Curt Liedberg. **Ao intervalo,** 2-0. **Marca-**dores: Foggion (21 minutos), Robson (36 minutos), Davies (15 minutos da segunda parte), Robson (29), José Maria (39) e Burton (44).

Américo, Pinto e Gomes afastados da equipa do F. C. Porto

• Alberto, que se solidarizou com os companheiros poderá vir a ser utilizado.

Após os banhos de imersão no Hospital Geral de Santo António e quando se preparavam para seguir para estágio, em Espoende, alguns dos futebolistas do F. C. Porto, Gomes, Pinto, Américo e Alberto declararam ao treinador José Maria Pedroto não poder cumprir essa determinação. O técnico do clube das Antas ainda procurou demovê-los dessa decisão, sem, contudo, conseguir-lho.

Antes do treino ontem à tarde, o técnico do F. C. Porto voltou a falar aos jogadores, chamando-lhes a atenção para as consequências do seu procedimento. Não teve melhor resultado esta segunda tentativa de José Maria Pedroto, o que, aliás, também aconteceu ao apelo feito pelo director do Departamento de Futebol do F. C. Porto, focando a necessidade dos jogadores acatarem disciplinadamente as decisões dos responsáveis.

Perante a intransigência dos referidos futebolistas o treinador portista decidiu afastá-los da equipa principal no jogo de domingo contra a C. U. F., embora Alberto possa vir a ser utilizado por se considerar a sua atitude como um acto de solidariedade com os companheiros, não lhe tendo, portanto, pertencido a iniciativa dessa atitude con-

siderada de indisciplina.

Assim, quer Américo, como Pinto e Gomes, nem sequer deverão ser utilizados no jogo de reservas da Taça do Norte, e só na próxima semana é que a direcção do F. C. Porto apreciará o comportamento destes profissionais do clube.

Foi castigado com seis meses de suspensão o vice-presidente da Sanjoanense • Mais seis dirigentes também punidos

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol reuniu ontem para apreciar o processo instaurado a alguns dirigentes da Sanjoanense acusados de terem feito declarações públicas lesivas da honra e prestígio dos membros do Conselho Técnico, a propósito do diferendo que aquele clube mantém com o Benfica.

Foi proferido no proces-

so um extenso acórdão que pune com seis meses de suspensão o vice-presidente da direcção do Sanjoanense Manuel Ferreira Barbosa e com três meses os dirigentes do clube António Nicolau da Costa, Fernando Apolinário Correia, Simplicio Gomes de Pinho, Aureliano Rodrigues, Manuel José da Silva e José da Cunha Ferreira.



PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL, UM TORNEIO DE LUTA LIVRE SÉRIO E VERDADEIRO
AUTÊNTICOS CAMPEÕES DO «CATCH» EM LISBOA!



O sorteio dos combates, realiza-se esta noite na sede da Empresa.

LUTA LIVRE AMERICANA

(TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA)

1.ª SESSÃO AMANHÃ, ÀS 21.45 H. NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

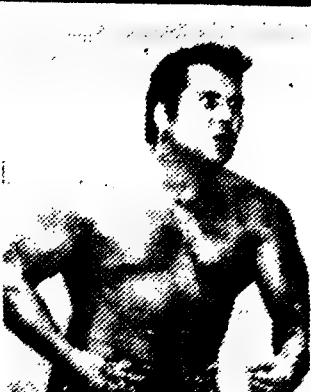
Abertura solene do torneio, com desfile dos lutadores e execução dos hinos nacionais dos países participantes.

4 COMBATES DE 6 ASSALTOS DE 5 MINUTOS

ÁRBITRO: Prof. ALVARO SANTOS, mestre de luta do Ateneu Comercial de Lisboa

Lutadores inscritos no Torneio

TARZAN TABORDA (Portugal); MIK BARONE (Itália); LANDRO (Espanha); MONTORO (Espanha); SHARON (Inglaterra); CASTANEDA (Peru); MAXIMILIANO (Peru); VÉLEZ (Espanha).



TARZAN TABORDA, o verdadeiro e melhor lutador português de todos os tempos

Num sensacional Torneio de Luta Livre, de que toda a Lisboa já fala, presente os dois maiores lutadores da actualidade: O português Tarzan Taborda, ex-campeão do Mundo, e o italiano Mik Barone, recente vencedor no Torneio Internacional de Montreal.

As bilheteiras nos Restauradores (Agência), já se encontram a funcionar.

Suspensas rigorosamente as entradas de favor, (M/ 17 anos)

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN

Tel. 520705
As 15.15, 18.30 e 21.45
A MAIOR BOLADA DO MUNDO
O rembo mais sexy da história
com Raguei Welch, Robert Wagner, Vittorio de Sica e Edward G. Robinson

MONUMENTAL

M. 17 anos Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
Gregory Peck, Eva Marie Saint
num filme de invulgar cravara
EMBOSCADA NA SOMBRA
Technicolor - Panavision

QUINZENA

A INFÂNCIA NO CINEMA
AMANHÃ - 18.30 h.
OS DOMINGOS DE CYBELE
de S. Bourignon
com Hardy Kruger, Patricia Gozzi, etc. (Adultos)
Próx. Quinz.: Espionagem
(início a 17 de Março)

RESTELO

M. 12 anos Tel. 610375
As 21.30 horas
ONDE ESTAVAS QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com Doris Day e Terry-Thomas

EUROPA

M. 12 anos Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Cinema de grande espectáculo
A REVOLTA DOS COSSACOS
c/ Silvana Mangano, Van Hefly e Vittorio Gassman

AVIS

M. 12 anos Tel. 47163
As 21.30
UM IDOLO DA CANÇÃO
3.ª SEMANA

ROBERTO CARLOS

EM RITMO DE AVENTURA
EASTMANCOLOR
Um movimentado filme com belas canções

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas
DUAS RAPARIGAS EM LONDRES
O MEU FUNKAL EM BERLIM

CONDES

Tel. 57 25 25 57 07 10
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
RICHARD BURTON CLINT EASTWOOD MARY URE
Um espectáculo que é um desafio à sua coragem

O DESAFIO DAS AGUIAS

— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
STEVE MCQUEEN e FAYE DUNAWAY

O GRANDE MESTRE DO CRIME

Um filme de crime invulgar

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 337172
As 15.15 e 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de Roman Polanski

A SEMENTE DO DIABO

c/ Mia Farrow e John Cassavetes

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de Roman Polanski

A SEMENTE DO DIABO

c/ Mia Farrow e John Cassavetes

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 21.45 — 2.ª SEMANA
Um filme sádico e violento
FRANCO NERO

RESGATE HUMANO

EASTMANCOLOR
c/ Charlotte Rampling

ROMA

(M. 12 anos) Tel. 727778
As 21.30
3.ª SEMANA
Um acontecimento memorável na história do Cinema

O DESAFIO DAS AGUIAS

com Richard Burton, Clint Eastwood e Mary Ure
70 mm — Metrocolor
O filme de fundo começa a projectar-se 5 minutos depois do início da sessão

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história de amor...
TECHNICOLOR
ROMÉO E JULIETA

ESTUDIO

(Adultos) Tel. 62540
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Carl B. Dreyer
«A PALAVRA»
(Ordet)

ODEON

(Adultos) Tel. 336283
As 5.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
A maravilhosa obra-prima
DÚNIA, A NOIVA ETERNA
com Eva Bartok e Ivan Desny
A odisséia de uma jovem vítima de falsas promessas de amor
AGFACOLOR

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE, às 15.15 (P. r.) e às 21.30
EM 2.ª SEMANA:
A TRIUNFAL SUPERCOMÉDIA
O RANCHO DA INJUSTIÇA
com a incomparável DORIS DAY
Uma mulher revelacionista e Far West. Foi a primeira que bateu o pé aos homens...
TECHNICOLOR

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
2.ª SEMANA
Carrot Baker, Jean Sorel e George Milton
no empolgante filme em Scope colorido
O DOCE CORPO DE DEBORAH
Metro coloração Picoas

LIDO

Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30 h.
Cenas de um realismo extraordinário num filme impressionante!
DAS ARDENAS AO INFERNO
com Frederick Stafford, Daniela Bianchi e Card Jurgens

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 555555
As 3 da tarde e 9.30 da noite
(pr. red.)
2.ª SEMANA
A história de um homem estranho que joga com vida e a morte dos outros
JOGO PERVERSO
com Anthony Quinn, Michael Caine e Candice Bergen

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 791574
As 21.30
Ar Condicionado
Parque Privativo
O LADRÃO DE QUEM SE FALA
com Camillo de Oliveira, Fernanda Borsatti, Luis Cerqueira, Leonor Poitras, Ray Furtado
A SEGUIR — Dia 18:
INTERLÚDIO DE AMOR
(M. 17 anos)

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30
A NOITE É PERVERSA
com Elizabeth Hartman, Geraldine Page, Peter Kastner e Rip Torn

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
DOUTOR, VAMOS A ISTO
O CASO IPCRESS

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
CAMARADA MINI-SAIA
O PROCESSO QUILER

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno D

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. do Ajud. 222 (638256) e Tapada, 83-A (634721)
ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 99-A (41269)
e Romana Baptista, R. Passos Manuel, 6-0 (50593) e Mesagilhes, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 1-A (6 Pr. Povo Cauceiro) (84357)
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (71681) e Nova Iorque, Av. Estações Unidas da América, 40-B (junção e Entre-campos, (760658))
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (6855)
AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 31-A (775235) e Lusitana, Avenida de Roma, 8-A (735443) e Chinda, R. Agostinho Lourenço, 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — Langent, Avenida da República, 55-A (77232) e Providência, R. D. Filipe de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) e 56 de Bandeira, R. Marquês, 56 de Bandeira, 36-42 (41961-54672) e Oliveira Viçosa, Rua Viriato, 29-A (48966-55360)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Casas Novas, lote 66 (310173)
BAIXA — Benfite, Pires, Rua do Prato, 115 (362350)
BENFICA — Benfite, E. de Benfite 444-A (782606) e Alegria, Estrada de Benfite, 80-A-B (780511) e Progresso, Estrada A-da-Mala, 54-C (702226) e Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Mafra, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126)
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — Linde, E. Ferreira Borges, 30 (660955) e Fátima, R. D. Maria Pia, 514 (657949)
CAMPO DE SANTANA — Penitentes, Campo das Mártires da Pátria, 117-119 (553308)
CAMPOLIDE — R. de R. Rodrigo da Fonseca, 53 (683438) e Zénel, Rua A, 82 (Bairro da Liberdade) (651840) e Nova, R. de Campolide, 97 (661475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Medo de Deus, R. do Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo), (382470) e Zéma, R. General Justino
ESTEFÂNIA — Feneça, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

GIL VICENTE — As 21 e 45: «Mo-rio Stuart» (17 anos)
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos)
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Tan-go» (17 anos)
VILLARET — As 21 e 45: «A Preocupação» (17 anos)
TRINDADE — As 21 e 45: «Sabina Frença» (17 anos)
LAURA ALVES — As 21 e 45: «O Jovem Menhoso» (17 anos)
A B C — As 20 e 45 e 23: «Ela é que sabe» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU (Cinema) — As 21 e 15: «Arenas» (12 anos)
CINEARTE — As 21: «O espólio das nove» (12 anos)
PARIS — As 21: «Regresso de um Idolo» (17 anos)
ROYAL — As 21: «Nos dias do amor» (12 anos)
ARCO IRIS — As 21 e 30: «Ela não mais perigosas» (17 anos)
JARDIM — As 21: «A Rapariga e o General» (17 anos)
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «O

estrangulador de Boston» (17 anos)
CINE-ORIENTE — As 21: «O regresso dos magníficos» (17 anos)
OLIMPIA — As 21: «A justiça de Gíngis» (12 anos)
SALÃO LISBOA — As 9: «O duplo homem» (12 anos)
B. ENCARNACÃO — As 21: «James Bond 007 — Casino Royal» (17 anos)
UNIVERSAL — As 21: «Acontece» (17 anos)
B. V. LOURES — As 21 e 30: «Operação Tubarão Branco» (17 anos)
SPORT L. BENFICA — As 21 e 5: «O Recado das Feras» (17 anos)

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «O terror dos estêpes» e «O Vale do mistério» (12 anos)
PARADE — ROYAL-CINE — As 21: «A hora da fúria» e «A lha do amor» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 7 e 21 e 30: «A noite é perversa» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O ladrão de quem se fala» (12 anos)

Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIAO — As 21: «A queima roupa» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Todas as noites de novo» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «Um homem chamado Gíngis» e «Os vizes da Bíblia» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 5: «Santão de diamantes» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 30: «O estranho retrato de Jessica» e «Tunis máximo segredo» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Três chapéus para Lisa» (12 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «A cabeça de mar-telo» (17 anos)

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «As girls» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «A vingança dos Vikings» e «Os espíritos chamam Beirute» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA — As 21 e 15: «A Princesa» (17 anos)

BOM APETITE

CASTANHEIRA

E. de Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

FREQUENTE

«O CONVÉS»

Av. Teófilo Pereira
de Melo, 45
Tel. 51232-51988
RESTAURANTE
SNACK
PASTELARIA

«PORÃO DA NAU»

AMBIENTE FAMILIAR
PREZENTES
OS BUDOS COM
EDUARDO NASCIMENTO
Tel. 50529-5150

XANGAI

Av. Duque de Loulé, 20-B
Tel. 57378
(frente)
à Embaixada Americana
ESPECIALIDADE DIARIA
CARNE DE PORCO
ACRE E DOCE

MINABELA

Restaurante
Churrasqueira
Pastelaria
Diariamente
várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Teófilo Pereira, 55-57
(Largo do A. 2.º)
Tel. 50529-5150

RESTAURANTE

QUINTA

DE S. VICENTE

Tel. 790211

JANTARES

DANÇANTES

com o conjunto privativo
Aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
Parque privativo para
automóveis
AR CONDICIONADO
(Maiores de 5 anos)

PASTELARIA

SNACK - BAR

RESTAURANTE

ESPECIALIDADES

DIARIAS

Av. de Roma, 29-B
Tel. 337788

SERVICOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 661853
Companhias Reunidas, 587011
Gazdella 538821 e Gazdella (sem e feridos) 862069.
BOMBEIROS — Sapadores 522222
Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — serviço de emergência, 115 e Segurança Pública, 366141 e Judiciária, 535380 e Marítimo, 326456 e Internacional, 362721 e Viagem e Trânsito, 42205 e G.N.R. (área rural), 56863
SAUDE — Cruz Vermelha, 665342 e Enfermagem permanente, 766161 e Enfermagem de urgência, 43738 e Hospital de Santa Maria, 775171 e Hospital de S. José, 860131 e Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 e Transfusões, soros e oxigénio, 538524 e Centro de Intenções (Informativa), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 e Caminhos de ferro (C. P.), 869029 e Caminhos de ferro (Estoril), 861121 e Estação fluvial (T. Pape), 323445 e Estação Marítima de Alcantara, 663195 e Estação Marítima de Rocha, 672445 e Estação fluvial (Belém), 638531

APOS AS REFEICOES CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFE

DIÁRIO DE LISBOA

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica S. A. M.
Editor João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Tel: 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicação 3 42 21
End. Tel. DIBOA Tel: 136-
Lisboa 2 Portugal

Com representantes de dez países principiou uma reunião sobre Defesa Fitossanitária dos Produtos Agrícolas

Principiou esta manhã nos Produtos Armazenados da
natações do Laboratório Direcção dos Serviços
da Defesa Fitossanitária dos Agrícolas a reunião do Gru-

po de Trabalho da Organiza-
ção Europeia para a Protec-
ção das Plantas, o qual trata
dos assuntos respeitantes à
defesa dos produtos agríco-
las de origem mediterrânica.
Presidiu a sessão o prof. eng.
Baeta Neves e participam
nos trabalhos 16 delegados
de 10 países — Portugal,
França, Espanha, Itália, Is-
rael, Alemanha, Grécia, Tur-
quia, Inglaterra e Finlândia

Da agenda dos trabalhos
— que prosseguem e se con-
cluem amanhã — consta o
estudo de diversos proble-
mas entre os quais se con-
tam a importância económi-
ca dos diferentes destruidores
e das diversas doenças,
assim como estudos ecobioló-
gicos gerais e monográficos
sobre o assunto, apreciação
dos desgastes (considerando
particularmente as espécies
economicamente importan-
tes), estudos concernentes à
metodologia, inventário dos
depredadores e inventário
das disponibilidades em la-
boratórios, instalações, mate-
rial e pessoal, permitindo
efectuar os estudos em cau-
sa relativos às espécies eco-
nomicamente mais impor-
tantes, etc.

**De
ver
em
quando**

Eu bem sei que Mar-
ço, março, etc., etc.
Sei também que falta
Abril, o tal das águas
mil, teimando em estra-
gar anualmente um pre-
tenso cartaz turístico.
Eu sei, nós sabemos.
Mas o Inverno tem sido
tão rigoroso que todos
ansiamos pelo seu ter-
mo. Acontece, porém,
que se tudo caminhar
como até aqui, ficam-
nos poucas esperanças
de que venha em breve
a almejada e prometida
Primavera.

V. D.

CONSEGUIU FUGIR UM PORTUGUÊS QUE É PROCURADO PELA INTERPOL

ORENSE (Espanha), 13 —
(A. N. I.) — O português An-
tónio Barreira Pereira, que é
procurado pela Interpol, con-
seguiu fugir quando ontem
dois guardas civis de Celanova
iam proceder à sua pri-
são.

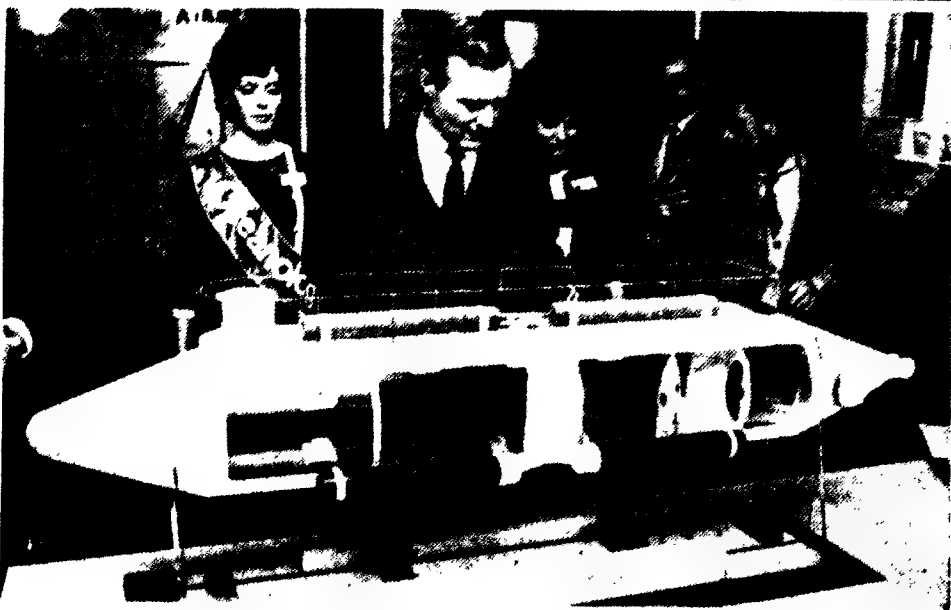
A Guarda Civil fora infor-
mada de que na residência
de Francisco Touza Blanco,
na povoação espanhola de
Mezquina, se encontrava um
português que se fazia pas-
sar por João Vaz Coelho.

Um carro de turismo, com
a matrícula alemã 606-Z.260
foi apreendido e posto à or-
dem do juiz da comarca de
Celanova.

O automóvel e os objectos
de uso pessoal encontrados
dentro do veículo foram ava-
liados em 180 000 pesetas.

GUARDA DA P. S. P. AGREDIDO POR UM MOTORISTA DE TÁXI

Esta madrugada, o mo-
torista de táxi sr. Agosti-
nho Arés Martins, de 27
anos, casado, natural de
Vilarrancho, S. João da Pes-
queira e residente na Tra-
vesa de Santa Marta, 11,
1.º-Dto. foi detido, pela P.
S. P., na Rua Nova do Car-
valho, perto de um bar ali
existente. No táxi por ele
conduzido, veículo com a
matrícula HE-25-13, entra-
ra momentos antes, sain-
do pouco depois, um mari-
nheiro pertencente à es-
quadra da NATO agora no
Tejo. O referido marinhei-
ro, saindo do táxi, entrou
no referido bar, deixando,
porém, esquecido, no carro,
o seu boné. O porteiro do
bar, sr. António Marques
da Cruz dirigiu-se então
ao táxi, a fim de ir lá bus-
car o boné. Mas o motoris-
ta exigia-lhe o pagamento
da «bandeirada» (2350),
devida, segundo disse, pe-
lo marinheiro a quem per-
tencia o boné. E mantinha
o veículo parado na rua.
Foi então que um guarda
da P. S. P. lhe disse para
retirar dali o táxi que es-
tava a impedir o trânsito.
O motorista recusou-se,
porém, a fazê-lo enquanto
o porteiro não pagasse a
importância por ele indi-
cada. Além de ter desobe-
decido ao polícia agrediu-o
com um soco, não lhe pro-
vocando, porém, qualquer
ferimento. Ambos por ser
dominado por aquele guar-
da da P. S. P. e outro que
lhe prestou auxílio.



Anthony Wedgwood Benn, ministro da Tecnologia britânico visita uma exposição
internacional de equipamento submarino. Um dos modelos expostos prende sobremaneira
a atenção de Anthony Benn: o de «Bacchus», nave de concepção inglesa, para uma
tripulação de seis homens, susceptível de operar a uma profundidade de cerca de 200
metros. Mais de duzentas empresas de todo o mundo estão representadas na Oceanology
International 69

HOMENAGEM NO PORTO A HUMBERTO MADEIRA

Um grupo de amigos de
Humberto Madeira resolveu
organizar uma festa de ho-
menagem ao popular actor,
que se realizará no próximo
dia 24 do corrente, no Coli-
seu do Porto.

Na homenagem vão co-
laborar muitos artistas do Te-
atro e da Rádio, alguns dos
quais se deslocarão proposi-
tadamente ao Porto. Entre
eles podem já citarse os no-
mes de Raul Solnado, Eugé-
nio Salvador, Marianna, Max
e Hermínia Silva.

«Para que quero o disco se não tenho gira-discos?» —disse a criança cega a Simone de Oliveira

MONTIJO, 13. — Du-
rante um espectáculo
efectuado ontem pelas
produções Marques Vi-
dal, no Cinema-Teatro
Luis Almeida Fidalgo,
desta localidade, em
que, entre outros artis-
tas, actuava Simone de
Oliveira, uma criança
cega, de 8 anos, Vitor
Cola, demonstrou dese-
jos de falar com aque-
la cançonetista.

O Vitor foi conduzido
por um funcionário do
teatro ao camarim de
Simone, que lhe ofere-
ceu um disco com a
«Desfolhada».

— Para que quero o
disco, se não tenho gi-
ra-discos? — disse a
criança.

Simone, impressiona-
da, mandou buscar o
seu gira-discos ao auto-
móvel e ofereceu-o ao

rapazinho, prometendo
que lhe mandaria mais
discos seus.

O pequeno manifes-
tou o desejo de ouvir a
«Desfolhada» de viva
voz, e Simone cantou a
canção para ele, no ca-
marim e, mais uma vez
no palco, dedicando a
canção ao seu pequeno
admirador.

Escolas portuguesas em França

PARIS, 12 — (A. N. I.) —
Encontra-se em Paris o prof.
Martins de Carvalho, presi-
dente do Conselho de Inter-
cambio Cultural do Instituto
de Alta Cultura, que exami-
nou com o secretário-geral
da Associação Nacional dos

Portugueses em França, dr.
Monteiro Afonso, os proble-
mas relativos às escolas por-
tuguesas em França.

O secretário-geral da Asso-
ciação informou o prof. Mar-
tins de Carvalho da activida-
de dos dez centros escolares

actualmente em funciona-
mento na região de Paris e
em Ruão, assim como dos
cursos de adultos, ultima-
mente criados em Champi-
ny, Versalhes e Ruão e das
bibliotecas populares de
Breuillet, Ruão, Orleans e
Paris, estudando-se a urgen-
te criação de uma biblioteca
infantil.

Estudados os problemas da
acção cultural e escolar da
A. N. P. F., o prof. Martins
de Carvalho traçou as linhas
gerais da acção a desenvol-
ver, em duas fases, em prol
da cultura escolar das comu-
nidades portuguesas em
França.

O estudo dividiu-se em três
pontos distintos:

- 1 — Incremento dos cursos
para adultos.
- 2 — Criação de novas esco-
las nos núcleos mais impor-
tantes e de grande densida-
de de portugueses.
- 3 — Criação do ensino se-
cundário.

PROBLEMAS DE URBANIZAÇÃO EM SETÚBAL

SETÚBAL, 13. — A Cama-
ra Municipal desta cidade
abriu novo concurso, a rea-
lizar no dia 19 do corrente,
para a urbanização do Bair-
ro das Calças de Previdência,
com a base de licitação
de 1 162 800\$00 (um aumen-
to de 20 por cento sobre a
primitiva base de 968\$00,
muito baixa em relação às
propostas então apresenta-
das).

Também foi aprovado pela
Camara o novo arranjo ur-
banístico do núcleo residen-
cial do Algodeira e localiza-
ção da Escola do Ciclo Pre-
paratório, que vai ser sub-
metido à aprovação do gabi-
nete do Plano Director da
Região de Lisboa.

NAVIO-ESCOLA DA ARMADA DA COLÔMBIA

Em visita não oficial en-
trou hoje no Tejo o navio-
escola «Glória» da Armada
da Colômbia, que faz em
Lisboa a sua segunda escala
do seu primeiro cruzeiro de
treino de 70 guardas-mar-
inhas e cadetes. É a primei-
ra vez que um navio da Ar-
mada colombiana nos visita.
Trata-se de um veleiro tipo
«Bric Barca» que foi const-
ruído nos Estaleiros CELA-
JA de Bilbao e foi entregue
à Armada Colombiana nos
últimos meses de 1968.

M. 6 ANOS
DOMINGO, 16 DE MARÇO — ÀS 16 HORAS

TOIROS e JUVENTUDE CAMPO PEQUENO

GARRAIADA DOS ESTUDANTES
DA FACULDADE DE MEDICINA
«A CAVÁ-LO» (4.º ANO)
JORGE CARVALHO / CARLOS EMPIS
«MATA-DOR»
D. JOSÉ PISCO
2 GRUPOS DE FORCADOS

ELAS... acariquintes e meigas — ELES... acagaçados!
(«mandados» por Ana Eduarda e Defensor de Oliveira)
E ainda os hilariantes números
Cortejo à antiga Portuguesa, Carne-Ball e Vacinação
Anti-Hong Kong e o mais que ao tempo se verá...

Telefones: 77 18 19, 76 15 39, 32 17 12 e 3 07 69

Estão abertas as marcações para a temporada

Conta Universitária

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N. 554/13 DE MARÇO DE 1969

MONS-
TRUÁRIO
DOIS

A crónica de
Alexandre O'Neill
(página central)



CÉLINE:

Processo reaberto

por Vítor Silva Tavares



O ÚLTIMO ROMANCE de Céline, *Rigodon* (que fecha o ciclo constituído por *D'un Château l'autre* e *Nord*), acaba de ser publicado pela Gallimard. Com ele termina a edição das obras desse Louis-Ferdinand Destouches, médico de profissão e sacerdotio, que pela palavra escrita, e sob o pseudónimo de Céline, garantiu o ódio (político) de muitos e a admiração (literária) de uns quantos. Para aqueles, sinceros democratas ou simples meliódicos das letras que pela invocada opção julgam eliminar o que fica à vista, o itinerário ideológico de Céline (que foi violentamente anti-semita, anticomunista e pela Europa — ou pela «Paz» — dos alemães) destrói todo o possível mérito do escritor: para os outros (hoje em número crescente, dando o aparecimento de uma geração de leitores que não sofreu os dilemas da guerra e, portanto, os observa

agora sob outros ângulos e com novas achegas), Céline não é sequer aquilo a que se poderá chamar «um grande escritor» porque atinge outra dimensão, de bem mais complexa abordagem: a de «monstro da literatura» — tal o ímpeto do seu mergulho «ao fundo da noite» (toda a assunção abjeção de um tempo de falências), tal, sobretudo, a criação de uma linguagem pujante de som e de fúria, torrencial, vulcânica, exaltada, que atinge aquele registo maior, aquela culminância onde a beleza (nocturna, secreta, insidiosa, quase inexprimível por tão absoluta) dói. Céline, como escritor, é esta linguagem — a linguagem de um Orfeu das trevas, irada e magnífica, orgulhosamente soberana, apaixonada até à litania. Não, não se trata de exercício de estilo, de «tricot» literário: trata-se de uma vivência feita oralidade («la petite musique», cha-

mava-lhe Céline), orquestração tumultuosa, confissão aberta — a um tempo cruel e enojada — dos múltiplos compromissos e das múltiplas contradições de uma personalidade que escolheu o ódio como expressão de amor.

Sabe-se hoje (sobretudo pelos dois «Cahiers de l'Herne» consagrados a Céline e que «lhe prestam a mais literária das justiça» — Paul Morelle) que os actos do homem nem sempre a acompanharam (quando não desmentiram) as suas aberrações ideológicas. O citado Paul Morelle, num artigo publicado no jornal «Le Monde», arrisca que «sob a Ocupação, ele (Céline) não foi propriamente um colaborador, talvez nem mesmo pró-alemão», sendo então (como que) «um bufa das peças shakespearianas que acompanha os exércitos triunfantes, mas para os achincalhá-los, seguindo-os na derrota «não por idealismo ou fidelidade

políticas, mas para evitar a sorte trágica que sem dúvida lhe estava reservada». Não é isto, evidentemente, uma reabilitação (aliás, e mesmo neste ponto melindroso — sobretudo para os candidatos a juízes imparciais —, muito mais claramente promovida pelos «Cahiers de l'Herne», que fazem publicar alguns documentos reveladores), nem se trata, aqui, de passar a esponja sobre os *parti-pris* («filosóficos») do escritor, seu jogo falhado ou sua arrostanda maldição — questões que o próprio enfrentou como o não faria o melhor advogado, de acusação ou de defesa. Tratar-se-á, isso sim, de reconhecer em Céline (fora do tribunal em que ele foi, e será julgado) o extraordinário narrador de uma extraordinária experiência que se quis sempre pessoal, vivida até às fezes, cumprida e autenticada — para a morte irremediável do cidadão, para a permanência da

testemunha que ele foi de um mundo apodrecido, para a glória da expressão literária em que ele verteu a sua danação.

«Ressuscitado», na Itália, nos E. U. A., na Alemanha (onde a Rowhl lançou a tradução de *Nord*), na Argentina, na própria França (refira-se a reedição pela 10/18 do tão «comprometido» como brilhante ensaio de Dominique de Roux «La mort de Céline»), acusado na Rússia — passado o tempo (1934/1939) das cinco edições da *Vieillesse* que foi traduzida por Elsa Triolet — de «anti-humanista», «decadente», «moderista», «monstro moral», «util à reacção», Céline aí está no *Rigodon* como em *Mort à Crédit*,

exposto ao processo. Processo civil? Sem dúvida, ainda e sempre. Mas agora e sobretudo, processo literário: que há tudo a investigar sobre uma obra que se tornou a definição neoclássica.

Para este processo contribui sem reticências, esquecido até dos riscos possíveis, o jovem J.-M.-Le Clézio, autor do admirável texto «Como se poderá escrever doutro modo?» que nesta página se reproduz.

Destouches morreu a 1 de Julho de 1961. Congestão cerebral. Fantasma demónio. Solidão pavorosa. Louis Ferdinand Céline, a voz de Louis Ferdinand Céline está viva e feroz: é só escutá-la, a «petite musique», se para tal e tanto houver a coragem de não se estar surdo.

De uma entrevista a Céline, pouco antes do fim: — Vous avez été heureux? — Jamais!

Como se poderá escrever doutro modo?

por J.-M.-G. Le Clézio



NAO SE PODE deixar de ler Céline. Tarde ou cedo a ele se volta, porque é assim mesmo, porque ele aí está, porque não se pode ignorá-lo. A literatura francesa contemporânea passa por ele, como passa por Rimbaud, por Kafka e por Joyce. Céline pertence a esta cultura em perpétuo nascimento, que é, de qualquer modo, o sonho do pensamento moderno.

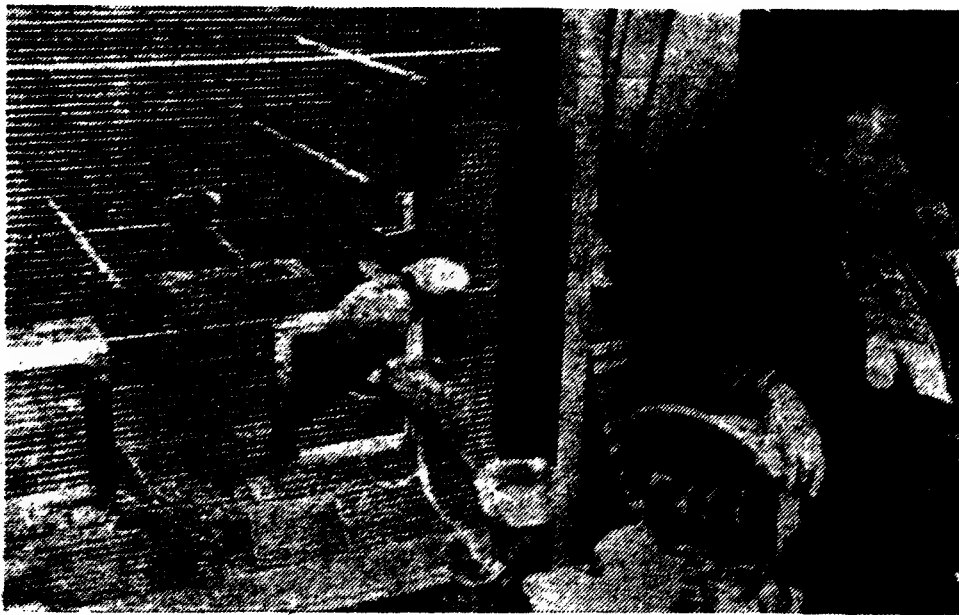
A ele se volta, e, contudo, ele nada faz para isso. Não procura os fiéis. Recusa-os. Não pretende fazer parte da cultura, fechou a porta do seu universo, e zomba. Aqueles que se aproximam, ele afasta-os. Escapa a todos os que procuram encerrá-lo na grande máquina das classificações e dos sistemas. Sabe estar longe das homenagens. Não aceitou a sepultura.

Não há nem altos nem baixos, nem entradas nem saídas. Não propõe nenhuma forma geométrica, nenhum género, nenhuma cartilha. Contudo, sabe-se que uma parte do mundo lhe pertence. Ele está sempre presente na memória — verdadeiro, inteiro, exemplar. Permanece vivo.

É que ele situa-se resolutamente na negação. A ideia da revolta — contra a burguesia, o dinheiro, as armas, a ordem — não teve tempo de se tornar utilitária. Ele realizou-a num só movimento, em que a reflexão não interveio. Não há crimes na literatura, não pode haver-los. Mas há o insulto. É assim que Céline recebe aqueles que se aproximam dele: insultando-os. O insulto é uma das formas primeiras da linguagem, seja ela

directa («Seus mulas! Aldrabilhas! Pedacinhos de cuspo! Fedorentos! Penduricadelhos! Parlapatões! Eh! Sarnosos!») ou formando-se através de uma anedota, de uma imagem: «Mas, pensando bem, e em suma, a minha súcia raivosa prejudica-me fortemente, claro!... Mas pro-

tege-me dos burguesos... Desconfio das pessoas que passam... dos desconhecidos... e dos conhecidos! Ouvem os cães ladrar... Põem-se à coca... e ala, meia-volta!... Os assassinos não gostam de correr riscos!... São mais prudentes a matar-vos que um burguês a comprar



Céline, no fim da viagem: «Eu, não perdoo nunca».

ações...» Trata-se sempre do mesmo acto de agressão que prevê o mal e o combate por meio de um outro mal. Linguagem que não procura seduzir de maneira linear, mas que age por uma série de chicotadas, linguagem que se alicerça na dor. É pela dor que Céline escapa à literatura, que ele fica, por assim dizer, de fora, fora de alcance. Não jogou o jogo. Não admitiu o romance, nem a história. Não aceitou a sociedade dos homens.

E, ainda, o insulto, a linguagem ejetada, sincopada, impulsiva, onde cada ponto de exclamação é uma barreira contra a qual embate a inteligência (o ponto de exclamação é, antes do mais, o sinal de um ponto mudo) que exerce uma tal fascinação sobre nós, que fomos dominados pela linguagem coerente. Fascinação feita de horror, e júbilo feito de medo. Alguém escolheu ficar de parte, alguém escolheu ser testemunha.

O veículo deste insulto continuamente erigido contra nós é uma linguagem marginal, entenda-se, O calão céliniano nada tem a ver com o do romance populista ou o do romance policial. Poderá ser o calão da guerra, como em *Casse-pipe* e *Guignol's Band*. Mas em *Voyage*, *Mort à crédit* e *D'un château l'autre* é verdadeiramente uma outra língua que Céline inventa, código secreto de que somos deliberadamente excluídos. Com o hermetismo da linguagem, nós desco-

(Continua na página seguinte)

Equilíbrio difícil

CHAPLIN
Antologia de textos
de Eisenstein, Bazin, Sadoul,
Leleuvre, Milly, Aragon, etc.
Coleção "Cadernos
de Cinema" n.º 3
Publicações Dom Quixote



O NOVO VOLUME dos *Cadernos de Cinema* editados pela D. Quixote é dedicado a Chaplin. Depois do excelente acolhimento do volume dedicado a Antonioni e do relativo desinteresse com que — apesar do interesse dos textos — foi recebido *Cinema Novo, Novo Cinema*, é previsível o êxito deste lançamento e é possível ao mesmo tempo, fazer uma constatação e levantar um importante problema.

A constatação — provisória e talvez optimista — é a de que, agora e entre nós, o livro sobre cinema encontra um público leitor desde que o seu preço seja relativamente módico. O problema é o de que esta aceitação só parece ser segura e em razoável escala quando o assunto versado está na imediata ordem do dia, isto é, está em moda. Antonioni, para além da enorme e real importância da sua obra, é um cineasta na moda! Quem sabe (ou quer saber) o que é o cinema novo, um cinema afastado dos grandes circuitos comerciais, um cinema cujas melhores expressões vêm frequentemente de "desprezíveis" países subdesenvolvidos?

O êxito do volume sobre Chaplin é previsível justamente porque este vem a lume num momento em que, para além de um enorme êxito de público (por boas ou más razões), *A Condessa de Hong-Kong* desencadeia uma das maiores polémicas cinematográficas dos últimos anos.

E aqui se gera um possível conflito entre uma escala de prioridades culturais (de que — cremos — os orientadores da colecção estão bem conscientes) e a necessidade de manter rentável o empreendimento através de uma «actualidade», de uma obediência a modas que pode levar à subversão de dita escala de prioridades.

Porque não há dúvida que é mais urgente chamar a atenção para, por exemplo, o cinema novo brasileiro (que, com excepção de *Vidas Secas*, desconhecemos) do que continuar a discutir Antonioni. Embora, sublinhe-se, uma coisa não exclua a outra.

O equilíbrio é difícil. E, na realidade, o que acontece é que falta um elo fundamental entre o filme e o público, a revista especializada. Seria essa que, pela diversidade de matérias abarcadas, assumiria, sem grande dificuldade, o conflito indicado e prepararia o terreno para uma colecção como a da *D. Quixote* (pode-se imaginar uma colecção como a *Cinéma d'Aujourd'hui* da *Seigers* editando monogra-

fas sobre cineastas ainda há poucos anos considerados menores sem a acção preta de uns *Cahiers*, de um *Positif*, de um *Cinéma*?)

Nesta incómoda situação contra a qual pouco poderão os seus orientadores, o *Chaplin* dos *Cadernos de Cinema* surge como o mais equilibrado dos volumes da colecção. Na medida em que proporciona um variado e assaz completo leque de opiniões sobre o genial realizador-interpretador e a sua obra, os elementos do qual possuindo, para além de perspectivas por vezes bastante divergentes, o denominador comum de uma básica seriedade cultural (contrastando assim, por um requinte de humor cujos intuitos críticos são evidentes, com as breves «opinões» de Lopes Ribeiro, Moutinho Múrias e... Robert Taylor que, em dado momento, se reproduzem). Na medida em que, principalmente, cerca de metade do livro é dedicada a esclarecedores textos do próprio Chaplin, anteriormente dispersos e de difícil consulta.

Apenas um pequeno senão: a omissão de certos textos relativamente recentes que intentam uma revisão e revalorização da obra de Chaplin (e, nomeadamente, dos seus mais recentes filmes) segundo uma metodologia crítica praticamente rigorosa e menos «literária»: se, quanto a estes, temos o prazer de encontrar na colectânea uma excelente passagem de Henri Lefebvre (extraída da *Critique de la Vie Quotidienne*), faz-se sentir a ausência de um Guido Aristarco, autor de algumas das melhores análises jamais escritas sobre o autor de *Tempos Modernos*.

M. M. L.



HERMANO NEVES.
«A morte banida do meu canto»

Do amor insubmisso

CHEGAM-NOS de Paris, com um amável cartão do autor, os dois últimos livros de Hermano Neves, editados ambos por Pierre-Jean Oswald: *«L'impudique poursuite»* e *«L'important c'est aimer»*. Poucas páginas. Versos curtos, tanto quanto possível despojados de retórica. E no entanto bastam para revelar-nos uma vivência gravada a fogo na carne deste autor inquietante e inquieto, manipulador subtil da sua melancolia superável.

Poderíamos dizer que o tema central é o amor, tal a recorrência obsidiana ao longo das duas obras. Mas não só. Amor vê-o Hermano Neves como «paixão lúcida e louca». Do outro lado está o medo, está a morte. Se todo um livro arranca duma experiência amorosa concreta (*«L'important c'est aimer»*, onde temos que

«só o amor poderá salvar os homens, só os homens poderão salvar o amor», e ainda «preciso tanto de amar, queréis-me mal por isso?»), esse júbilo esbarra contra forças ameaçadoras. «As mulheres têm medo: talvez mesmo aquela que entre todas é a grande amorosa. E há a morte, a morte (...) banida do meu canto», o inimigo absoluto do poeta. Que o canto não despede por completo.

Quem é Hermano Neves? Um homem só. «Cada um de nós ficará só», diz ele. A solidão parece-lhe «um terrível conca-vo», de onde o grito amargo em *«L'impudique poursuite»*: «para me agarrar só me tenho a mim».

Um homem só em luta com o mundo batoteiro. A princípio indiferente: «estou-me nas tintas/ se eles fazem batota». Depois erguendo-se de um salto:

«a miserável batota/ pode acabar!»

O amor, finalmente, como proposta de solução. «Só e nu», o poeta assume apesar de tudo as palavras solares da esperança. Aparecem as notações precisas. Honfleur, uma estação de onde o amor parte. Hermano Neves fala agora «a todos os apaixonados», finca os pés para cantar um canto luminoso, derradeiro modo de banir essa morte que o desnuda e o encosta às traves do desespero.

Poesia sem retórica, poesia eminentemente oral, mas duma oralidade crua, desmistificadora, insubmissa. É a revelação dum poeta, e apenas lamentamos que ela se não faça na língua materna. Neto do grande jornalista do mesmo nome, Hermano Neves fica a dever-nos esse passo.

G. L.

Tradição e cultura espiritual

NA FRONTEIRA
por Paul Tillich
col. «Linha de Risco»
Moraes Editores

NOS ESTADOS UNIDOS, onde vive há mais de 30 anos, Tillich é considerado o grande medianeiro e intérprete da espiritualidade ocidental; as suas obras e o seu magistério impuseram-se ali, e em todo o mundo culto, como um elo de continuidade entre os fundamentos da tradição ocidental e a cultura espiritual do Novo Mundo.

Na *Fronteira* é uma síntese da obra deste pensador e homem de acção que foi galardoado em 1962 com o Prémio da Paz instituído pelos livreiros alemães.

Adversário de todos os absolutismos, teólogo que procura dar uma unidade de expressão às diversas correntes contemporâneas, todo o seu esforço se orienta no sentido de transportar para o mundo e para o homem do século XX a antiga mensagem do cristianismo — escreveu Gotthold Müller. O existencialismo filosófico e as mais importantes doutrinas sociais do nosso tempo são na sua essência, aos olhos do grande filósofo alemão, pontes de acesso aos cristianismos. Discutíveis para muitos, mas extraordinariamente ricas de perspectivas, as teorias de Tillich são de uma amplitude admirável e transportam o nosso tempo a uma dimensão verdadeiramente

generosa e plena de sugestões renovadoras. Na *Fronteira* encontram-se os principais vectores do seu pensamento. No muito que tem escrito transparece aquela linguagem nova que o tornou acessível ao homem contemporâneo, ao mesmo tempo que, ali também, se sente a marca de uma inquietação viva e actuante na aferição dos valores das sociedades de hoje. Poucos homens conseguiram como ele ligar despolaridades e associar mediações numa fronteira de universalidade. Poucos têm tido nos conflitos espirituais da sua época uma visão tão global, sem que para isso se fizesse recurso à transigência ou aos esquemas precários.

J. M. L.

A edição francesa

Entre os livros de bolso que serão publicados em França no mês de Março, assinalamos os seguintes: — na colecção «Évolution de l'humanité Poésie» (Albin-Michel): Maurice Gaudfroy-Lombines, *Mahomet* e Robert Lenoble, *Histoire de l'idée de nature* (inédito importante). — na colecção «Idées» (Gallimard): Paul Valéry, *Mon-sieur Teste*; René Descartes, *Les passions de l'âme*; Hegel, *Leçons de philosophie de l'histoire*.

— na colecção «Théâtre du monde entier» (Gallimard): James Saunders, *La chaîne fol*, *Je vous le chanterai*; Arnold Wesker, *La trilogie* (de um dramaburgo que o público português começa a conhecer).

— na colecção «Questions d'Histoire» (Flammarion): Charles Deyon, *Le mercantilisme* (uma síntese sobre o tema).

— na colecção «Poésie» (Gallimard): Henri Pichette, *Les Epiphanies*; Apollinaire, *Poèmes à Lou*.

— na colecção «Écrivains de toujours» (Seuil): Ludovic Janvier, *Beckett*.

— na colecção «Que Sais-Je?» (P.U.F.): Jean Poirier, *Histoire de l'ethnologie*; Claude Mossé, *Histoire des doctrines politiques en Grèce*.

— na colecção «Politiques» (Seuil): Marcel Niedergang, *Les 20 Amériques latines* (versão actualizada, em 3 volumes, de uma obra importante de um conhecido jornalista de *Le Monde*).

Como se poderá escrever doutro modo?

(Continuação da pág. anterior)

brimos o sistema celiniano; a recusa já não é somente uma atitude perante o mundo, é, também, a invenção de um outro mundo.

Este particularismo é assustador. Mas, uma vez transposta a barreira (e para tanto devemos abandonar toda e qualquer pretensão de julgamento), eis-nos inventados pelo sistema. Quem leu a *Voyage*, e, sobretudo, a extraordinária *Mort à crédit*, quem as viveu, está sujeito às regras do universo celiniano: como se poderá escrever doutro modo? Como fugir ao incêndio deste olhar, como fugir à monstruosa ferocidade do mundo? Céline é daqueles que é preciso esquecer para poder viver.

É que no universo de Céline nada é gratuito. Nada é imaginado. Esse mundo existe, bem perto de nós, do outro lado do vidro do nosso compartimento. A *Viagem ao fim da noite* é aquela que nos aproxima desta realidade da recusa, desta outra verdade. Não espanta que livros destes sejam itinerários. Não no espaço, nem no tempo, mas através do espectáculo do conhecimento. Enquanto os escritores, os verdadeiros (mas não serão estes os falsos?), observam o espectáculo do lado de fora, Céline atrai-nos para o interior das coisas. Bardamu é o eterno adolescente a quem o mundo não cessa de abrir as portas da aventura. Aventura em direcção à dúvida, ao horror, aventura em direcção à lucidez e à destruição.

Céline não se abriu à linguagem senão para isso: execrar. A sua infelicidade, e a nossa, é a de se ter reconhecido um dia sobre os traços de Jonkind criança, o inocente que não sabe falar. Mme. Mer-rywin bem se fariou de lhe dizer: «No trouble, Jonkind! No trouble!», o caos foi descoberto. A infelicidade, a dúvida, a morte mostraram o seu rosto sob as máscaras. Então, nada mais a esperar. Nada mais a perder.

«Eu não respondia nada. Mantinha-me ali, eu, em silêncio. Ele dava palmadinhas no revólver. De facto, eu não compreendia nada. Ele ainda devia guardar-me rancor. Eu, não perdoo nunca.»

Nada mais. Quase mais nada. Um fio muito fino, mal visível, que liga à terra.

Um pouco de vento, um pouco de medo e o fio tenso partir-se-á, deixando esquecer-se a esfera de vida preciosa.

Escrever é este fio.
Para Céline, como para Kafka e Rimbaud, não se tratava já então de alimentar o grande concerto da inteligência. Nem de contribuir com a sua miga para a criação de uma consciência universal. Tratava-se, apenas, com pleno conhecimento dos prazos, de ficar vivo, inteiramente vivo, pela alma e pelos sentidos. Então, as imprecações e os insultos já não são meras palavras, ou gritos de socorro. Os pontos de exclamação já não são apenas gozos. Destacados, velhos curandeiro, tu és talvez aquele que sabrás lançar as marmotas panaricosas.
J.-M.-G. LE CLAZZO

Após a paisagem

por Rocha de Sousa

NORONHA DA COSTA
Galeria Quadrante

A Galeria Quadrante apresentou, no dia 3 de Março, uma significativa exposição de objectos de Noronha da Costa, artista dos mais polémicos, prefaciada por uma carta aberta de Fernando Pernes, crítico dos mais responsáveis, e intitulada no catálogo com o seguinte destaque: «Magritte após Polanski». Discretamente do ponto de vista gráfico, mas ostensivamente como atitude crítica, provocadora e explicativa de um certo estado de coisas, o artista fez publicar uma nota em que (afinal) assim se auto-significa: «Descontos especiais às instituições responsáveis pelas artes plásticas em Portugal».

AS PROVOCAÇÕES NECESSARIAS

Esta provocação não corresponde, na sua agressividade imediata, ironicamente ambígua, à linha de comportamento de Noronha da Costa como pintor — onde ele se faz pólo de problemática bem demarcada e, ao mesmo tempo, se organiza na capacidade contestativa dos meios pictóricos comuns. Ou até dos que geralmente se aceitam como de vanguarda. Mas essa contestação articula-se no tecido da obra, na sua original formulação, no programa em que ela diversamente e por contraste se integra, parecendo negar aos outros caminhos, pelo seu poder de sugestão, a legitimidade e a força que realmente comportam. Assim, de modo indirecto e na interna especialidade da obra, Noronha da Costa exclui-se (por enquanto) do que já foi institucionalizado, do que já se reconheceu da cultura moderna no plano dos organismos responsáveis pelas artes plásticas em Portugal. Mas a natureza dos objectos praticados por Noronha da Costa não se define explicitamente maldita, querendo objectivamente a denúncia, na marginalidade martirizada, das crises ou das paralisias locais. Ela é apenas, transitóriamente, um produto que se isola pelas suas regras próprias — e não por essas regras se conjugam numa decisiva oposição a qualquer estatuto externo e opressivo. E aqui se pode anotar, de resto, que a realidade artística do trabalho de Noronha da Costa, a despeito das dificuldades de assimilação do meio, já foi premiada por entidades responsáveis, devendo a crítica al ser considerada como instituição de facto.

CRÓNICA DE FACTOS CONHECIDOS

A exposição agora apresentada na Galeria Quadrante é, para nós, uma das mais importantes apresentadas nos últimos anos, considerando todo o panorama artístico português dessa cronologia. Noronha da Costa já foi publicamente retratado como o artista mais inteligente da sua geração, num desenho crítico pouco científico, com certeza, que só se pode entender



Pintura de Noronha da Costa: contestação versus integração

como reforço de linguagem, mas que não deixa de reflectir o peso da sua originalidade e a natureza peculiar do seu trabalho.

Nas anteriores exposições que apresentou nas galerias Quadrante e Buchholz, constituídas fundamentalmente por objectos que propunham associações diversas entre imagem e corpo, o espaço funcionava a partir da realidade tridimensional contida no objecto e desdobrava-se virtualmente em «ecrans» translúcidos, onde o mundo das coisas se reflectia ou aos quais esse mundo se sobrepunha. A realidade tangível das formas da nossa experiência quotidiana tornava-se imagem no reflexo dos espelhos, indeterminando-se no lugar e no contorno realizados pela nossa consciência, assim solicitando do espectador uma intervenção plural, também criadora, dirigida para o restabelecimento constante de relações constantemente desfeitas, no fazer e desfazer das aparências por que nos é dado conhecer o real e agir a partir dele.

APÓS A PAISAGEM

Com a presente exposição, Noronha da Costa volta à realidade do plano, confundindo nele a ilusão de um espaço paisagístico que logo destrói pela nova ilusão do «ecran», aqui sobreposto e admiravelmente fingido. A paisagem, absorvendo por completo o suporte, sugere-se como objecto em si mesma e falsifica-se no «ecran» pintado, o qual existe apenas em pura aparência e reflecte, na sua mentirosa translucidez, as sombras, as nuvens, as diluições absurdas de uma realidade outra, aqui tão mentida ou tão falsa como a que opaca e genericamente se simula fora do «ecran». Contrariando o processo anterior, em que o objecto, nas suas específicas propriedades, ab-

sorvia e retransmitia as imagens próximas, transformando-se nelas de outro modo, Noronha da Costa imobiliza agora as imagens num contexto paisagístico objectivo, dissolvendo-as depois pela sobreposição de um plano falso, em que tudo se contesta, se refaz e de novo se imobiliza.

«Aqui o seu jogo continua — escreve Fernando Pernes. — Oh! Estes mares de ondas imóveis! Esta natureza toda de fixidez imagética! Nos objectos da Buchholz havia atmosfera luminosa; aqui há uma luz que objectual se torna. Magritte, pois. E «Pierrot le Fou», ainda e ainda. Mais o Polanski, precipitando-se entre o trágico e o lúdico, sem se poder fixar numa ou noutra dimensão. E onde a fixação é impossível, entra-se no «não-espaço», passa-se da afirmação à provocação».

Tudo o que nas paisagens de Noronha da Costa, de um ponto de vista extremamente limitado, parece a recuperação nostálgica das apropriações naturalistas, ou o romantismo da neve contra um céu de chumbo iluminado, das ondas esverdeadas batendo na praia desértica, tudo isso se desintegra e se nega a partir de uma linha fria e metálica, onde começa (no «ecran») a irrealização do horizonte sugerido e a indefinição do movimento proposto. Tudo se desintegra até pela escala dos objectos, ampla e avassaladora, que para eles nos parece estirar, apesar de neles não nos podermos deter ou viajar.

Um último capítulo a considerar: do ponto de vista da realidade física dos objectos, na dependência ou na definição dos meios logísticos, tudo o que referimos se passa num suporte de cartão prensado, recoberto de tintas sopradas e concretizadas, em certos momentos, com outras técnicas intermédias. Não deixa de ser surpreendente, quando tanto nos preocupamos com as técnicas de coordenação mental, com a finalização das ideias em que o artista se descobre, verificar quanto esse mesmo artista é hoje, mais do que nunca, o descobridor dos seus meios técnicos intermédios — e deles continua a depender, porque da consciência deles melhor se determina a objectivação da linguagem e o que ela exprime.



LIMA DE FREITAS NA DIVULGAÇÃO: Lima de Freitas nasceu em 1927. Curso arquitectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Desde 1946 que a sua actividade como pintor se desenvolve, tendo participado em muitos salões colectivos. Esteve representado na II Bienal de S. Paulo e expôs diversas vezes individualmente em galerias de reconhecido mérito cultural. Participou também em exposições no estrangeiro, numa representação de gravura portuguesa e nas duas exposições da Fundação Calouste Gulbenkian. Obteve um prémio internacional de desenho em Varsóvia com as ilustrações para «D. Quixote». Expôs individualmente no estrangeiro, em diferentes países. Foi convidado para professor de Formação Artística pela Katedralskole de Aarhus (Dinamarca). É autor de numerosas ilustrações para mais de uma centena de livros, incluindo os editados por «Limited Editions Club», de Nova Iorque. Está representado em vários museus e colecções nacionais e estrangeiras, sobretudo na Dinamarca, Suécia, França e Estados Unidos da América.

Para além da sua intervenção como ensaísta e crítico, que tem exercido por vezes em luta aberta com personalidades estabelecidas da vida artística portuguesa, pode sublinhar-se a coerência do seu contributo e a força das suas convicções. Procurando desmistificar o que supõe teorização ilusória e dogmática, em referência a certo vanguardismo, tem desenvolvido intervenções diversas, fugindo sempre a qualquer manobra de disfarce. Esse comprometimento tem a sua correspondência, em certa medida, na pintura que pratica e que de novo nos dá conta numa exposição apresentada na Galeria Divulgação. A propósito dessa exposição, e referindo-se ao artista, António Quadros termina assim a sua nota do catálogo: «Na obra de Lima de Freitas, grande pintor barroco, os elementos fantásticos só parecerão irrealistas a quem não leia a sua escrita. Na verdade, são os elementos necessários de uma arte necessária, e fundamentam pois o genuíno realismo. Não são aleatórios, constituem um sistema de símbolos no seio do qual a natureza, reconhecendo-se, decompondo-se e subtilizando-se através da arte, se nos revela na sua transcendência, na sua sobrenaturalidade, na sua tensão antropogénica, que o artista favorece e acelera».

Colóquio com Prassinos

FOI INAUGURADA no passado dia 5, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a Exposição de Tapeçarias Francesas Contemporâneas. Esta exposição, realizada pela colaboração da S. N. B. A. com o Instituto Francês, foi comentada previamente, em notícia,

nestas páginas, sobretudo no sentido em que dela se esperava, pela importância e significado de alguns nomes seleccionados, uma ilustração relativa do que aconteceu em França com o ressurgimento da tapeçaria logrado por certos artistas, entre os quais é jus-

to emprestar particular relevo a Jean Lurçat. Infelizmente, e na sua maior medida, a exposição iludiu as expectativas: a quase totalidade das peças é de nível artístico irregular e, no domínio da caracterização da tapeçaria, muitas inscrevem os erros e os desvios da tradição pictórica comum em lá e sofrendo de uma escala deturpada, a sugerir apenas a experiência do quadro. Salva-se, no entanto, a brilhante lição técnica das fábricas francesas e a sua capacidade de se adaptarem a exigências plásticas diferentes, ao mesmo tempo que ainda se recupera uma referência histórica, na linha contemporânea da tapeçaria francesa.

No quadro das realizações previstas em paralelo com a exposição, assinala-se há dias, na S. N. B. A., a uma diálogo com Mário Prassinos, representado na exposição com duas tapeçarias, tendo o artista exprimido os seus pontos de vista sobre a tapeçaria moderna e o sentido das suas conquistas técnicas e estéticas. No diálogo, que teve por vezes momentos animados, Prassinos não só saiu muito dos esclarecimentos gerais em torno da realização da tapeçaria e procurou ainda responder a algumas questões sobre a criação e a natureza da obra.

EXPOSIÇÕES *

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	SOUSA CARDOSO, HOMENAGEM AO GRANDE PINTOR MODERNO PORTUGUES
GALERIA PERMANENTE S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA, COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES
GALERIA INTERFORMA Av. Casal-Ribeiro	ISABEL LAGINHAS, O ESPÍRITO DE SINTESE NA COR E NA FORMA
DIVULGAÇÃO Rua D. Estefânia	LIMA DE FREITAS, O FANTÁSTICO NUM REALISMO JÁ VIVIDO
GALERIA 111 Campo Grande	ANTÓNIO PALOLO, O ABSURDO PELA IRONIA E PELA IMAGEM
S. N. B. A. Rua Barata Salgueiro	TAPEÇARIAS CONTEMPORÂNEAS FRANCESAS, REFERÊNCIA HISTÓRICA E TÉCNICA COM EXEMPLARES DESIGUAIS
QUADRANTE Av. Luís Bivar	NORONHA DA COSTA, MAGRITTE APÓS POLANSKI OU A PAISAGEM IMPOSSÍVEL

(*) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

Um teatro entre a lama e o sagrado

por Carlos Porto

O EDITOR francês Christian Bourgeois iniciou em 1966 a publicação de volume, subordinado ao título «Le Théâtre» e dirigido pelo dramaturgo Arrabal. O primeiro volume é dedicado ao «Teatro Barroco» e publica colaboração de vários dramaturgos, críticos, artistas de teatro, e compositores franceses, ingleses, italianos, russos, etc. Alguns nomes conhecidos: Antoine Boursiller, que dirige uma carta a um antigo intérprete do «Príncipe de Hombourg», Jorge Lavelli, que fala da peça de Panizza «O Concílio do Amor» (que encenou em Paris); Victor Garcia, o argentino que esteve no CITAC e escreve uma breve nota intitulada «Desumanizar!»; o dramaturgo Jérôme Savary, que fala das «Noças Festas»; os compositores Buscotti e John Cage, entre outros. Este Caderno divide-se nas seguintes partes: «O Teatro Barroco» — Pró e Contra, A Música, Grotowsky e o «Living», Um Teatro Barroco? Três Precursores, Do «Happening» ao Teatro na Rua — e «Inquérito sobre o Teatro contemporâneo». Essa colaboração é composta em alguns casos por artigos originais e noutros por entrevistas. Não me proponho fazer aqui uma crítica deste primeiro número dos Cadernos de Arrabal que, aliás, me parece bastante descolado, sem uma orientação redac-

rial, incapaz de estabelecer uma definição do tema proposto, sendo na sua maioria a colaboração excessivamente breve para permitir o desenvolvimento que se impunha das discutíveis opiniões que exprimem. Dessa colaboração, é a entrevista concedida pelo

cia de outros caminhos talvez mais válidos e profícuos que o teatro contemporâneo tem vindo a trilhar.

Começa Peter Brook por se referir à imprecisão dos termos com que se pretende definir o teatro dos nossos dias: Barroco Ritual,

ve-se a necessidade absoluta duma experiência religiosa colectiva de que sofre a sociedade contemporânea. Para o homem de teatro inglês não seria o cinema, nem a psicanálise nem a Igreja que poderiam satisfazer essa necessidade. Mas, embora imperfeitamente, o teatro

Da mistura de elementos impuros, diz Brook, que o teatro exprime, nasce a sua pureza que seria o lugar onde encontraria eco o apelo colectivo do divino. Brook compara o teatro ao rito vaudou, no qual o Deus invisível penetra no homem e o habita. O homem transforma-se então no «lugar teatral». Mesmo assim, o homem mantém-se um ser terreno. A sua divinização não destrói a sua condição humana. É nessa dualidade que reside para Brook a própria dialéctica do teatro e é ela que permite a sua própria superação. Ao contrário duma «pureza absoluta» — que os clássicos franceses procuraram em vão — é na mistura do sagrado e da lama — como o compreenderam os autores elisabetanos — que está a salvação do teatro.

Peter Brook fala seguidamente do conceito de «possessismo». Refere-se em primeiro lugar aos seus modelos — a Igreja e o Teatro Oriental. Em relação a este último, lembra que é normal o impacto provocado pelos espectáculos do «Kabuki» e do «Nô» dado o

RENASCIMENTO DO TEATRO

O TEATRO inventa hoje o seu infinito, arremessa-se dum salto para a rua — criando a história —, mimodramatiza a loucura, celebra a festa, elabora os seus ritos e, esquecendo os fanatismos de outrora, surge e espanta pela suas vagas feridas de oceano sem limites.

Teatro da paixão e da catástrofe, da confusão exacta. Teatro que se dirige para nós em voo, como o cavalo dos pesadelos de que esperamos tudo: o aço insultado, a emoção e o soluço, o sezo, a colher de sangue, os últimos dias e a origem.

Aqui acolheremos todos aqueles (família de ouro e de imundície) que amam o teatro na sua poesia, o violam nos seus luxos, o exaltam nas suas novidades e o fazem explodir nas suas tradições.

É a hora fecunda do renascimento. É o momento da convulsão e do nojo, do sol e do vulcão. É o instante do relâmpago e do deslumbramento das borboletas. É o tempo do teatro que vive na ponta dos actos, das contestações e dos sonhos. Véspera fascinante!

ARRABAL

apresentação dos cadernos «LE THÉÂTRE»

encenador inglês Peter Brook das mais brilhantes, das mais ricas em sugestões, embora a posição assumida por aquele homem de teatro negue a existên-

cerimónia, «Possessismo». Para Peter Brook, a expansão que actualmente conhece o teatro ritualista — de que Arrabal é um dos mestres de cerimónia — de-



Akropolis, de Grotowski: descida ao crematório

facto das realizações destes serem muito mais fortes que as do teatro ocidental. Brook nega, contudo, a possibilidade de uma imitação. Afirma, com razão, o facto duma imitação não poder deixar de ser somente dos seus elementos exteriores, permanecendo o facto do mais íntimo e essencial desse teatro não poder ser desenraizado sem morrer. E, a propósito, Brook sublinha o perigo do ritual tombar no folclore do sagrado.

Depois de se referir ao exemplo de Grotowsky Brook trata do problema do actor no que diz respeito ao seu tipo de actuação em palco, ao exibicionismo de que se serve — todo o actor é exibicionista — para exprimir a sua sinceridade. Para Brook o problema fundamental nas relações entre

o actor e o encenador reside na diferenciação entre a verdadeira e a falsa sinceridade do actor. Diz: «Certos actores estão convencidos de que sinceridade e talento podem permitir-lhes atingir o *dépassement* atingido pelo feiticeiro está ligado a leis terríveis e rigorosas, a origens escondidas e reais.»

Mais adiante, Brook refere as duas vias que na sua opinião definiriam a situação do teatro contemporâneo: «a via de rigor e da austeridade e a daquilo a que se chama duma forma *ilusória* «teatro popular», que explora numa dimensão suplementar a do JOGO (muito exactamente no sentido de JOGO INFANTIL) com tudo o que implica de ausência de se-

Jazz Laranja, sumo, laranjada

por José Duarte

QUANDO SE PRETENDE fotografar um assunto escolhe-se um ponto desse assunto para focagem própria e representativa. Entre os negros norte-americanos, o jazz e os «blues» são um dos pontos escolhidos para centralizar e

apoiar uma consciencialização progressiva dos problemas sociais e raciais. Ao demonstrarem o legítimo valor da cultura negro-americana alguns «leaders» negros têm exaltado a contribuição da sua música para a cultura americana, contribuição essa muito propagandeada e geralmente reconhecida. Paralelamente, e desde que essa exaltação tem tomado aspectos cada vez mais «evidentes», tem havido uma preocupação em afirmar que apesar dessa contribuição jazz e «blues» permanecem música exclusivamente negra, apesar de Bix Beiderbecke, Benny Goodman, Buddy Rich, Stan Getz ou Bill Evans.

Profundamente irritadas com tais afirmações sempre se levantaram vozes (brancas) que, em estilo compensação, proclamam a inépcia de Paul Robeson ou Marion Anderson como intérpretes de música europeia, o que na verdade é incontestável e só vem ajudar a primeira opinião. Mas essa irritação, talvez por ser profunda, traz consigo uma argumentação precipitada e que se revela contraproducente. Afirma-se que jazz ou «blues» é música negra e só perfeitamente entendida por negros, dado o «background» musical que lhes facilita, em exclusivo, a adesão imediata: as igrejas e a sua música, os campos de trabalho e as

suas canções, o ingrediente «soul» exclusivo da expressão musical negra. Se aos brancos americanos

lhes fosse «oferecido» este «background», então o jazz seria a música do povo nascido branco ou

negro. Talvez, fica por provar. E mais acrescenta quem contradiz a teoria: então como se justifica a aceitação, o aproveitamento do jazz e dos «blues», pelo mundo branco?

Claro que uma mera exposição a um tipo de música não pressupõe uma compreensão da mesma. Numa teoria da comunicação, é ponto assente que para ela existir verdadeiramente quem comunica e a quem é comunicado devem pertencer ao mesmo tipo de cultura.

Por exemplo, na linguagem falada, na língua, o meio de comunicação por excelência, tudo se baseia em sons, tons, gestos, inflecções, diferentes significados duma mesma palavra, escolha de palavras para uma situação dada. O perfeito conhecimento do dicionário, da sintaxe ou ortografia não chega para um entendimento total. É neste conceito de comunicação, compreensão, adesão mais que racional, que se baseia a opinião: «jazz só de e para negros».

Uma linguagem, neste caso uma linguagem musical, é entendida na razão directa da participação do auditor, na cultura que essa linguagem serve.

Tal como a linguagem falada, também a linguagem musical serve como um meio transmissor de cultura, de preocupações,



Sleepy John Estes: consciencialização progressiva

a semente do diabo
(o célebre Rosemary's Baby)
2.000.000 exemplares vendidos nos Estados Unidos
A última exemplar da cinema e da literatura
Uma narrativa sombria e brilhante, diabólica e moderna, que obriga o leitor a acreditar no inacreditável. Eu acreditei — e fiquei enfeitado.
TRUMAN CAPOTE
Coleção "Cinema" 256 págs., ilustrado, 50\$00

de opiniões, de interpretações do mundo. Tal como um surdo, ou alguém que não tenha o menor sentido rítmico, aquele que é estranho ou avesso a uma dada cultura dificilmente se poderá integrar, mesmo que emocionalmente, numa manifestação musical, produto dessa mesma cultura. Quando muito, poderá apenas afirmar que se interessa sinceramente e aprecia superficialmente essa música.

Em resposta a este tipo de opinião, afirmam os que com ela não concordam que se um branco fosse sujeito, melhor, passasse a sua vida a ouvir jazz ou «blues» na mesma proporção que um negro americano o faz, acabaria por entender tão bem o jazz como qualquer habitante de Harlem, Watts ou Fillmore.

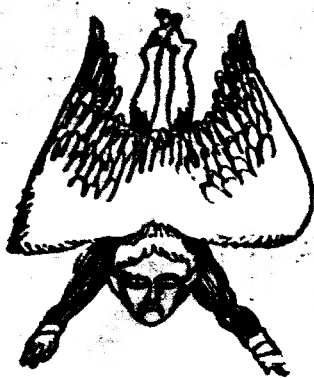
Mas o que é afinal entender uma música? Ao contrário da linguagem falada, a música não é audível.

(Continua na 6.ª página)

riedade, de possibilidades múltiplas.

Referindo-se ao «Happening», Brook sustenta que este representa a libertação das energias, a qual acorda uma evidente alegria física. Declara: «Na minha procura do sagrado, procuro a austeridade, a concentração, mas a minha herança elisabetiana conduz-me a procurar sempre uma espécie de explosão alegre, contida em toda a espécie de elementos exteriores como a música, os jogos de luz, as cores, a maquiagem, os ventres cheios de palha... Ai existe também um perigo (que representa os limites do «Happening»); dizer que se pode fazer «seja o que for» é verdadeiro e não é. «Seja o que for» contém mil possibilidades. Fazer cegamente «seja o que for» não provoca de maneira nenhuma o desencadear duma energia vital... Por outro lado, é impossível estabelecer regras ou construir o argumento dum «happening» a fim de lhe dar um sentido social ou um peso maior. Em resumo, o problema é semelhante ao do teatro sagrado. Na minha opinião, a diferença não existe: a austeridade é um instrumento, uma lentilha que permite trabalhar em profundidade pela concentração; um escalpelo. Mas para ir além das aparências, pode muito bem utili-

(Continua na página seguinte)



MONSTRUÁRIO DOIS

por
Alexandre
O'Neill



MONSTRUÁRIO DOIS funciona por si mesmo. O cronista dispensa, por isso, o caixilho do comentário. Ainda mais excitante que escrever — é estar à mesa de montagem...

1

Não há países mais propícios para a vitória do naturismo do que Portugal, na velha e preconceituosa Europa, e o Brasil, da jovem e florescente América. A raça que povoa estas duas nações é idêntica na sua etnologia e da mesma origem, dominando felizmente entre portugueses e brasileiros a não completa dissolução de costumes que o crime da hipercivilização instalou na Alemanha, presa do vício da cerveja e da salsicha, na França, amiga do absinto, na Inglaterra, do «whisky» e da mostarda...

2

O espartilho parece ter sido criado pelos contemporâneos de Joana d'Arc. Que de vítimas tem feito esse instrumento de tortura! Que enorme número de exemplares ele não levou à mesa anatômica de Ambrósio Paré — «miseráveis senhoras com o peito escangalhado, com as costelas cavalgando umas sobre as outras»!

Não morreu a duquesa de Mercœur sufocada dentro dum espartilho?

3

Uma confissão:

A natureza lealdosa e benigna deu-me o aviso do meu estado, por uma grande rosácea cúprica no pulso direito, pelo qual se devia efectuar o início da eliminação tóxica, por ser ele o mais exercitado e sadio. Fiquei alarmado com aquele evidente estigma das minhas incontínuas, que principiavam nas feijoadas com pé de porco e fressuras e terminavam, com pejo o digo, no «whisky» e no tabaco sorvidos epilêpticamente, com os exageros próprios do meu temperamento sanguíneo...

Mão amiga fez-nos chegar o cartão de visita (?) do simpático e reinado sr. Francisco Augusto da Silva Finura, de Setúbal:

PROFESSOR DE HIPNOSE, TELEPATIA, RETENÇÃO
MEMORIAL, PSICANALISE, MAGNETISMO E FASCINAÇÃO
ASTRO INTERNACIONAL DE CINEMA
ARTISTA DE VARIEDADES
ILUSIONISTA
FAKIR

TOUREIRO

ERUDITO INVESTIGADOR, COLECCIONADOR, NUMISMATA

ARQUEÓLOGO, INVENTOR,

MARINHEIRO DE LONGO CURSO

ESCAFANDRISTA, Mergulhador, Homem-ra,

COZINHEIRO,

INDUSTRIAL,

SERRALHEIRO, TORNEIRO, BATE-CHAPA, MECÂNICO,

ELECTRICISTA, AFINADOR DE BICICLETAS, CROMADOR,

RECAUCHUTADOR, VULCANIZADOR, POLIDOR DE METAIS,

OPERÁRIO ESPECIALIZADO EM TRABALHOS NÃO ESPECIALIZADOS,

EX-PROFESSOR DE NATACAO,

LUTADOR, BOXEUR E JUDOCA,

DESPORTISTA,

DADOR DE SANGUE NO HOSPITAL REGIONAL DE SETÚBAL.

Diplomas:

Escola de Psicologia de Nancy (França)

Instituto de Socorros a Náufragos (Portugal)

Dador de Sangue no Hospital de Setúbal

Correspondências:

Correspondente da Escola Azteca de Psicologia e Hipnotismo (México)

Condecorações:

Medalha do Instituto de Socorros a Náufragos (27 salvamentos)

REI DO CARNAVAL DE SETÚBAL

1968

1969

5

Salada deliciosa:

3 bananas

2 tomates

1 cebola

Corta-se em miúdos, deita-se-lhe azeite virgem e limão. É uma das melhores saladas conhecidas.

Dreyer: de lá para cá

por Manuel Machado da Luz

A PALAVRA (ORDET, 1955)

de Carl Dreyer,

com Preben Lerdorff Rye,
Ove Rud, etc.

Na manhã de 2 de Março projectou-se, no Império, pela primeira vez em Portugal, e com catorze anos de atraso, um dos mais famosos filmes de Carl Theodor Dreyer: *A Palavra*. Tratava-se de uma antestreia promovida pelo ABC Cine-Clube, e revestia-se do carácter de uma homenagem ao realizador, falecido há exactamente um ano. A homenagem fora bem preparada. Um excelente programa, com filmografia comentada, era distribuído. A gravação da sua última entrevista pelos *Cahiers du Cinéma* era difundida, em substituição da costumada

música ambiente, numa sala sábia e teatralmente deixada à meia-luz. E, no entanto, ao projectar-se o filme, ao surgirem na tela as esplendorosas imagens a preto e branco de *A Palavra*, mais uma vez Dreyer não encontrou o seu público. De novo o desfalecimento que — a partir de *A Paixão de Joana d'Arc*, considerado errada e quase unanimemente como a sua obra-prima — o terá levado a fazer tão pouco cinema.

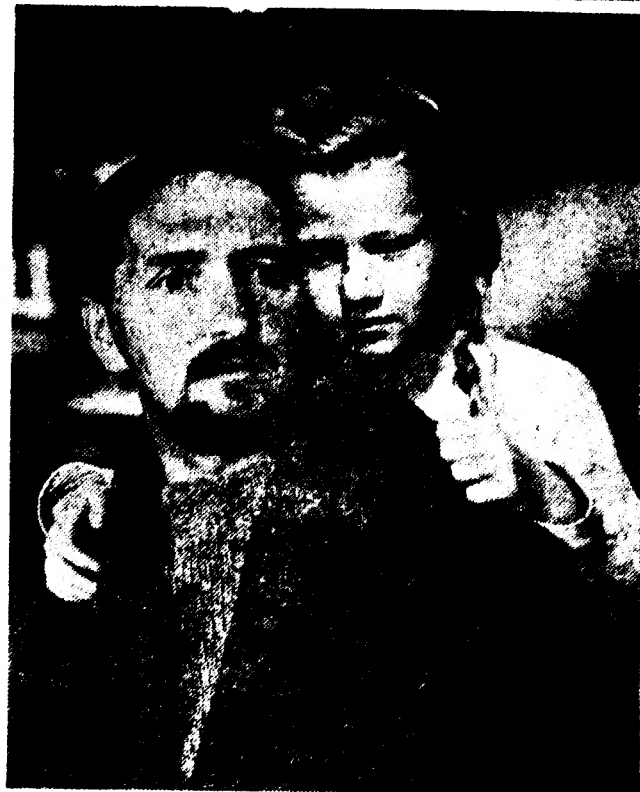
Poderia ter sido de outro modo? É de duvidar. Positivamente odiado pelos seus concidadãos, Dreyer teve a má sorte de lançar algumas das bases estilísticas do mais exigente cinema moderno e, simultaneamente, se encerrar na expressão de uma visão do mundo que só muito dificilmente poderia coincidir com os mais legítimos interesses culturais do pú-

blico potencialmente preparado para as aceitar.

Certo texto de Michel Delahaye, publicado pelos *Cahiers* e resultante de uma viagem à Dinamarca pouco antes da morte de Dreyer, elucida-nos concretamente do ódio a ele votado: «Constatai que, na Dinamarca, Dreyer continuava a ser tão desprezado como antes. Era mesmo escusada a discussão. As pessoas fugiam-lhe, embaraçadas ou escandalizadas. No entanto, encontrei uma vez um dinamarquês corajoso. Falou francamente: «Não queremos ouvir falar do que esse senhor tem para nos dizer. Digamos que é demasiado complicado para nós. Ou, então, demasiado simples, como quiser... Seja como for, tanto nos faz». E Delahaye refere, ainda, a indignação pública gerada pela subvenção atribuída a Dreyer para realizar a sua *Vida*

de Cristo (que a morte o impediu de concretizar), o espanto que provocava na cinemateca dinamarquesa o interesse dos estrangeiros pela sua obra, o baixo nível do cinema e do teatro nacionais. As suas observações vêm, de resto, confirmar o que uma curiosa comédia trágica, há algum tempo exibida entre nós — *Escola de Bem Gostar a Vida*, de Knud Leif Thompson —, evidenciava sobre a sociedade e a cultura dinamarquesas: o protagonista, acossado pela ideia do suicídio, procurando razões para continuar a viver, via-se, por exemplo, envolvido numa fantasmagórica manifestação de apoio ao Governo, que comportava a reivindicação de que este dispensasse ainda mais a população de resolver problemas, de pensar...

Dreyer «complicado», Dreyer fazendo pensar, Dreyer forçosamente isolado: se o mundo do cinema tenta fecundar o mundo que o rodeia, este recusa-o e só lhe oferece, por seu turno, o emblema de uma geral alienação. Assim, *A Palavra*, profundamente enraizada no contexto socio-cultural-religioso dinamarquês, constitui um seu fidelíssimo retrato e uma sua perturbante crítica, que, no entanto, não suporta umas bases místico-morais objectivamente caducas. Fidelíssimo retra-



Ordet, de Carl Dreyer: obra-prima incontestável à espera de público

to, porque reflecte o traço fundamental de uma intemporalidade: o tempo deixou de existir na Dinamarca. Perturbante crítica, porque tem a coragem de pôr em causa a Igreja «oficial» e o ministério dos pastores, porque se propõe uma síntese entre sentimento religioso e erotismo, porque ataca, enfim, a hipocrisia a que deu origem um tradicional puritanismo. Delahaye diz: «algo faz com que o maravilhoso equilíbrio nórdico entre puritanismo e liberdade tenha apodrecido aqui: poderia ser uma das constatações de Dreyer.

Naturalmente que este «algo» nada tem de misterioso e resulta do brutal desfalecimento e inadequação da superestrutura moral nacional em relação a um desenvolvimento das relações económicas que não pode ser sustido (ou, melhor dito, da específica conformação deste desfalecimento num pequeno país de certo modo culturalmente isolado), da absoluta — e de longa data — estaticidade da pirâmide social dinamarquesa. Mas, para Dreyer, forçado a viver fora do tempo, uma

(Continua na página seguinte)

A
MÚSICA É
O NOSSO
OFÍCIO



GUILDA DA MÚSICA

DISQUEIROS-LIVREIROS
ESPECIALIZADOS

DISCOS • LIVROS • MÚSICA IMPREESA •
ALTA FIDELIDADE ESTEREOFÓNICA «FISHER»

Escolha os seus discos no ambiente calmo da nossa Discoteca,
onde encontrará o «stock» de música erudita mais completo

• SERVIÇOS DE CRÉDITO

• SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES

(em distribuição gratuita o boletim de Março)

QUE PODE SER ENCOMENDADO PELO TELEF. 54818

R. Tomaz Ribeiro, 43-B. — LISBOA

Metro: Picoas — Facilidade de estacionamento

Laranja, sumo, laranjada

(Continuação da 4.ª página)

tivamente específica, mas sim evocativa e provocadora de emoções. Um solo de Miles Davis fará com certeza muitos negros norte-americanos pensar na última vez que lhes foi recusado trabalho ou na última vez que um branco os insultou. A um branco americano, um improviso de Miles Davis lembrará mais facilmente solidão, rejeição, uma espécie de beleza angustiada ou até mesmo o problema racial, mas visto de fora.

Claro que este o tipo de entendimento de fundo.

Ja que o formal, no jazz, é logo de si o primeiro a sacudir os ouvidos superficiais, massacrados por uma herança de ritmo quadrado, de melodias que se repetem ou se desenvolvem medrosamente.

Uma peça de jazz verdadeiro pede ao ouvinte uma familiaridade com uma certa tradição musical que lhe possibilite, lhe autorize, a apreciação total.

Em suma e «grosso modo», de três tipos de ouvintes se pode gabar o jazz:

— os imediatamente incompatíveis com a linha quebrada das melodias, com as sonoridades «hot», com os ritmos sincopados, por tudo lhes parecer confusão, barulho e afinal tão diferente das musiquinhas dançáveis, decoráveis, ocas e evidentes;

— os que meramente o toleram, por diversas razões (snobismo, exotismo, oportunismo ou aflicção em se sentirem «ultrapassados») ou apenas porque um som diferente os conquista; tal como, para um certo negro americano, Mozart o faz descobrir depois de um «riote»;

— os que intimamente conquistados por essa música mergulham na cultura e problemática que a originou. Para eles, entender jazz é tanto mais ouvir Bessie Smith como ler

Carmichael, ver Archie Shepp ou conhecer Harlem. A estes, a terminologia jazz classificou-os de «diggers», «cats» ou «ins» (entre nós, usa-se «maluquinhos» ou «estrangeirados», evidente tradução livre...).

Em resumo, a melhor aproximação do jazz é a que completa a audição puramente de tipo musical com o conhecimento de toda a problemática e ambiente que lhe está na origem.

Claro que para apreciar Charlie Parkes não é fundamental saber que em 1819 catorze negros viajaram vendidos do Congo para a Virgínia e que em 1786 esse número subia a 2130 000, que Storyville fechou em 1918, que o insecto gorgulho comeu certo ano metade das colheitas de algodão, que a abolição da escravatura foi em 1865, que para o Código Civil da Luisiana escravo era alguém sob a autoridade de um senhor ao qual pertencia, que na Carolina do Sul os escravos podiam ser julgados, vendidos, alugados ou avaliados, mas... ajuda muito.

Tudo se passa, enfim, como só se julgasse que as laranjas são frutas de sobremesa; há os sumos e as laranjadas coradas artificialmente.

JOSÉ DUARTE

Dreyer: de lá para cá

(Continuação da pág. anterior)

análise e uma estética a partir deste referencial não são viáveis: o seu único referencial histórico e culturalmente possível remete a Kierkegaard.

Daqui o paradoxo de a obra recente de Dreyer ser tão artisticamente interessante (e mesmo uma das mais coerentes que se possam encontrar) e a visão do mundo que veicula ser, no essencial, tão poeirenta e tão desinteressante.

Isto acontece porque existe a possibilidade concreta de Kierkegaard continuar a ser um referencial artisticamente funcional num país em que o tempo «parou». Tal adequação — excepcional, única, impossível noutras latitudes — entre semelhante sistema filosófico e uma tão particular conjuntura permite

um produto artisticamente evoluído, na vanguarda do cinema moderno. Em 1955, ano de *A Palavra*, o estilo de Dreyer apresenta evidentes analogias com o de um Antonioni (*Escândalo de Amor*, 1950), o de um Bresson (*Diário de um Pároco de Aldeia*, 1950) ou o de um Rossellini (*Viagem em Itália*, 1954). A adequação torna possível a Dreyer o intuir das novas concepções de cinema, que, pela Europa, se estão formulando. Até porque a diversidade cultural, ideológica, problemática entre estes autores, a sua individualidade, é secundária, no momento em que todos afrontam a mesma questão formal: como «interiorizar» a narrativa, como jogar dialécticamente com a subjectividade das personagens e o ambiente em que estão colocadas, como projectá-las entre si? A questão — é preciso não esquecer — decorre de uma geral necessidade de colmatar o desfasamento do cinema em relação às outras modalidades artísticas que, nos anos do pós-guerra, era bem patente. Mas Dreyer teve consciência dela na medida em que encontrara um sistema filosófico em que se apoiara e o assumira.

Isto faz com que *A Palavra* seja incontestavelmente uma obra-prima: expressão rigorosa, a partir do dentro, de um complexo histórico-socio-cultural através de uma subjectividade guiada pelo mais completo aparato conceitual que ele pode permitir (e que, aliás, o ameaça de destruição: daí a razão última do seu efeito perturbante no público dinamarquês) através de

um aparato formal que se lhe adequa totalmente.

E, aqui, voltamos ao problema do público. Pode, actualmente, o público culturalmente mais vivo «aceitar» e «privilegiar» o kierkegaardianismo de Dreyer, ou interessar-se pela problemática que a conjuntura dinamarquesa lhe impõe? A pergunta não é correcta, porque a fruição de uma grande obra de arte não depende da aceitação — assunção das preocupações e ideologia do autor por parte do espectador, e sim da possibilidade de um temporário diálogo entre as suas duas subjectividades. Mas não há dúvida que tal diálogo, sempre possível ao nível das grandes obras, pode ser mais ou menos provável consoante a conjuntura em que mergulha o espectador.

Hoje, em Portugal, o «atraso» ideológico de Dreyer surge-nos, com a máxima probabilidade, chocante, quase obscuro. O espectador tem, claro, exigências muito concretas, conjunturais, não redutíveis a questões de incompreensão ou de moda (embora uma e outra possam ter grande incidência) que o levam a não suportar Dreyer. E compreende-se que a problemática desenvolvida em *A Palavra* comote, ainda por cima, em demasiados pontos, com uma outra que lhe surge verdadeiramente desprezível. Que tal conotação seja subjectiva e emocional, que o filme a não implique de modo nenhum, não impede que seja determinante numa rejeição que tira quantos assobios a coroar a projecção do Império tornaram bem patente. Injustiça? Talvez que uma apreciação «justa» de *A Palavra* só seja possível quando as razões conjunturais que levam a conotações como a referida tenham desaparecido. Ou quando o filme ganhar uma patina de antiguidade que o faça ser apreciado com a mesma «calma» com que se aprecia um retábulo de Grünewald.

Repetimos: má sorte, a de Dreyer, de ter trabalhado na Dinamarca. Mas deu-lhe a matéria para grandes filmes, obrigou-o a um referencial que lhe conferiu inabalável sólido. E impediu-o de alargar esse referencial de modo a encontrar facilmente, na maturidade criadora dos seus últimos anos, o vasto público que o seu génio merecia.

MANUEL MACHADO DA LUZ

Entre a lama e o sagrado

(Continuação da pág. anterior)

zar-se a colisão, o choque dos elementos habitualmente separados, o deslocamento.

Actualmente, verifico uma confusão entre a «Cerimónia» que constitui o nosso verdadeiro fim, que poderia ser o autêntico teatro sagrado, e a imitação dessa cerimónia, imitação baseada em elementos superficiais exteriores, transformando-se numa paródia

grotesca, bordélica e que, em vez de atingir o céu, tomba na lama (1).

No entanto, insisto, em dizer novamente e a precisá-lo que não sou contra a lama: se estamos ao serviço duma verdade tentamos conquistar através do teatro, somos obrigados a lama e o céu, ao mesmo tempo.

CARLOS PORTO

(1) Esta tradução é um eufemismo, pois é outro o termo utilizado por Brook.



Porquê uma rosa negra
bordada nesta camisa de homem?
A rosa negra é um símbolo.
A rosa é uma flor requintada.
A rosa negra é a perfeição do requinto.
A rosa negra não está imediatamente à vista, é uma flor discreta.
Abra negligentemente o casaco
— confirme a opinião que os outros têm de si.

rosa negra

para homem



a camisa com o monograma da distinção

Agora também em Portugal • um exclusivo Triple Marfel

ESCRITORES/AS

Para colaborar em curso por correspondência sobre relações humanas e comerciais. Enviar «Currículo Vitae». Resposta a este jornal ao n.º 281

Medo, humor, fidelidade

(Continuação da 2.ª página)

papel. Eu estava muito fatigado por causa da viagem, com a diferença horária e isto tudo, e pensei: vou ler isto amanhã à beira da piscina do hotel. Mas comecei a ler a primeira página logo ao abrir a cama. Primeiro pensei: impossível, eles enganaram-se. É uma pepineira cor-de-rosa para a Doris Day. Preciso de avançar um pouco mais, para ver o que a coisa dá. Pois bem: podem acreditar que as quatro horas da manhã eu estava ainda estendido na cama, nadando entre aquelas páginas todas. Não podia parar. Na manhã seguinte fui directamente para os estudos e disse: «OK, a coisa interessa-me bastante mas com uma condição: a história deve ficar como é, sem que vocês a melhorem.» Porque é o que eles fazem sempre em Hollywood: melhoram de tal forma as boas histórias que elas acabam por se tornar horrorosas. Logo, aceitei rodar aquela, mas literalmente, sem tocar em nada. Eles disseram: é exactamente o que nós queremos. Na altura eu ainda não conhecia muito bem Bob Evans, o director do estudo, que actualmente está à cabeça de toda a produção Paramount, mas agora já o conheço e sei que é um homem muito seguro e decidido. Ele cumpriu em absoluto o que nos tinha dito, jamais sugerindo o que quer que fosse para além da minha própria ideia das coisas.

Mas tive de trabalhar bastante. Porque, por um lado, era simples respeitar o livro, mas, por outro, isso levantava inúmeros problemas.

CAHIERS — A vantagem de «Por favor, não me morda o pescoço» talvez consistisse no facto de você poder, simultaneamente, fazer acreditar no medo que mostrava, como divertimento ou medo infantil, e não acreditar nele na medida em que lhe antepunha uma distância. De facto, talvez nem se pusesse o problema de acreditar ou não acreditar.

POLANSKI — Nesse filme, o princípio consiste em não se acreditar mesmo. Apesar de tudo temos medo, mas sabemos que é extremamente agradável experimentar tal espécie de medo. E, ao mesmo tempo, o meu princípio conjetural, a minha filosofia: quando digo não acreditar em Deus, não acreditar em feiticeiras nem em vampiros, com isso quero dizer que, em meu conhecimento, eles não existem — mas nunca estou certo do que quer que seja. Isto é: quanto mais me torno sábio mais adquiro a certeza de que não é preciso ter a certeza de nada. Aliás, o que de pior pode acontecer às pessoas é ter uma certeza. É o que há de mais aborrecido delas. Por exemplo, Hitler devia estar muito seguro das suas ideias, convencido de ter razão. Porque eu não julgo que ele tivesse realizado alguma coisa sem acreditar nela; de outro modo, não teria conseguido realizá-la. E creio que Godard acredita que faz bons filmes, ainda

que talvez eles não sejam assim tão bons...

CAHIERS — Mas ao fim de «Rosemary's Baby» você duvida da existência do bebé no berço?

POLANSKI — Como é que dizia Musset?... Ah, era isso: «Nunca é preciso jurar nada».

CAHIERS — Julgamos sentir nos seus filmes o desejo de ligar o medo e o prazer, e de para isso utilizar essencialmente personagens femininas. Quer se trate de Deneuve, Doriac, Sharon Tate ou Mia Farrow, sente-se em si a vontade de mostrar as mulheres a um tempo satisfeitas, torturadas e aterrorizadas.

POLANSKI — Talvez seja mais fácil fazer medo a uma mulher que a um homem. O medo será mesmo, essencialmente, uma característica feminina. É feminino, para uma mulher, ter medo — e ter medo, para um homem, é também feminino, só que o homem procura escondê-lo. Mas, seja como for, toda a gente gosta de ser assustada. Isso vê-se sobretudo nas crianças. Uma coisa igualmente muito curiosa, quando se observa as reacções daquele que assusta e daquele que é assustado, é que elas se assemelham, ou seja, que a pessoa aterrorizada solta o mesmo grito que o causador do medo. Não sei exactamente ao que isto responde, e são provavelmente reacções muito primárias, mas é assim que a coisa se apresenta. Em suma, gostamos de ter medo — e a prova é que pagamos para entrar no cinema.

CAHIERS — Sim, mas dá a impressão que em «Rosemary's Baby» a personagem de Mia Farrow não tem qualquer vontade de ter medo. Nela só há um desejo: ter consigo o marido e o filho.

POLANSKI — Não é exactamente medo, é angústia. E não é por ela que tem medo, mas pelo filho. Estamos, aí, no domínio, porque há um outro ins-

tinto que entra em jogo. Quero dizer que as pessoas gostam de ter medo sem perigo (...). E nesse momento (é também o caso de «Por favor não me morda o pescoço») verifica-se que o medo está bastante próximo do humor, que consiste justamente em rir da desventura de alguém ou da desventura própria. Todo o medo que não é acompanhado de um verdadeiro perigo deve fazer-nos rir, uma vez passado.

CAHIERS — A propósito de «Rosemary's Baby» você disse que se aplicou a respeito em absoluto tudo o que estava no livro. Desejávamos saber, portanto, se o nome de Roman Castevet (com a curiosa associação que se poderia levantar entre o seu nome e o de Castavets) veio do livro ou de si. Porque nisso não deve haver acaso...

POLANSKI — Não, não há acaso — porque consta do livro (onde esse nome, como viram no filme, é o anagrama de Steven Markato) e, se há associação, ela é pura coincidência. Mas no que respeito ao «Roman» suponho que Levin, o romancista, quis fazer uma alusão a Repulsion — filme que muito o impressionou e onde ele apanhou, talvez algumas coisas respeitantes à atmosfera e ao ambiente do apartamento. Em todo o caso, é o que eu suponho — mas Levin, não o reconheceu: perguntei-lhe e a resposta foi categórica: não.

CAHIERS — Na sua primeira entrevista, e referindo-se justamente a «Repulsion», você falou no «tour de force» técnico do filme, que o tinha apaixonado e que fora tomado por si como um desafio. Trabalhou também com esse espírito ao realizar «Rosemary's Baby»?

POLANSKI — Em cada filme, como sabem, é-me necessário um «knack» (termo intraduzível: quer-se dizer algo que estimula o agrado). Neste, o «knack» era acima de tudo a adaptação. Porque era a primeira vez que eu adaptava um romance. Talvez isso não representasse verdadeiramente um «tour de force» (feitas as contas, a dificuldade não era intranponível), mas em todo o caso um certo desafio a enfrentar e que não se afigurava muito fácil. Como já vos disse, a fidelidade absoluta era o meu «parti pris»; porque eu acho que, se se ama verdadeiramente um livro, nada é mais desagradável que descobrir que o filme que se fez é completamente diferente. Por mim, quis não sómente respeitar o espírito e a atmosfera do livro mas também todos os elementos, todos os lugares, todos os personagens. A grande dificuldade residia nisto: o filme corria o risco de durar quatro ou cinco horas. O primeiro argumento contava, aliás, 270 páginas — e reduzi-lo a 160 ou 170 querendo respeitar tudo era verdadeiramente muito mais difícil que tudo reescrever. Gastei com isso muitos meses. Em seguida, fiz o filme permanecendo fiel a essa fidelidade.

Com Plexus

(Continuação da 2.ª página)

tra-texto em relação à teorização desse «experimentalismo». É evidente que temos de distinguir os matizes existentes entre os vanguardistas brasileiros, o grupo de Max Bense, a posição de Pierre Garnier em Spatialismo et poésie concrète ou os trabalhos de Melo e Castro. E, como sem o uso de tais distinções, qualquer juízo globalizante se tornaria injusto, ocupar-nos-emos hoje apenas da produção de Melo e Castro.

A leitura tanto quanto possível atenta do seu último livro, Versus-in-versus, (*) deixa-me várias impressões contraditórias. Começemos por fazer três citações.

TEXTO 1:

esta tensão concentra-se dispersa
esta atenção alesta-se já presa
esta ilusão liberta-se depressa
certa na mão a solidão tristeza

outra não esta a hora alvo tarde
entra por esta chora alto arde
entrecaberto o peito alvo onde
caem os dias tensos tantos tarde

e dispersos memória livros navegar
esperando voo o esquecido lento
que desprenda do lume o soluço apagar

e não traga destroços de traços no ar
mas consumir o sangue de súbito cons-
tante amor esquece luz olhar

Texto 2:

uma chama não chama a mesma chama
há uma outra chama que se chama
em cada chama que chama pela chama
que a chama no chamar se incendia

um nome não nome o mesmo nome
um outro nome nome que nomeia
em cada nome o meio pelo nome
que o nome no nome se incendia

uma chama um nome a mesma chama
há um outro nome que se chama
em cada nome o chama pelo nome
que a chama no nome se incendia

um nome uma chama o mesmo nome
há uma outra chama que nomeia
em cada chama o nome que se chama
o nome que na chama se incendia

Texto 3:

deixa o vinho encher tuas visões de sal
meixa o vinho encher tuas visões de sal
queixa o vinho encher tuas visões de mal
leixa o vinho encher tuas visões de tal
dei xao vin hoc neh ert uas vis oes des
lalm
eiz nos inh oen lbe rdu ast iso est vca
lalm
etc.

Este texto fica incompleto (o que é certamente grave) mas o leitor encontra-o na página 49 do livro de Melo e Castro. No texto 1, temos o exemplo de uma composição complexa que, sem deixar de utilizar determinados jogos verbais, produz um efeito poético indiscutível. No texto 2, temos a utilização de um método «experimentalista» na produção de um objecto estético extremamente belo. No texto 3, temos a utilização do mesmo método de tal forma que o efeito estético apenas poderá resultar do maior ou menor rigor na aplicação do mecanismo escolhido e na maior ou menor riqueza provável dos resultados obtidos. Digamos que os dois primeiros textos são alguns dos melhores do livro de Melo e Castro e que o outro, escolhido pelo seu valor exemplar, representa aquilo que nesse mesmo livro nos é perfeitamente indiferente. Ora a questão é esta: poderemos ler o livro sem tentar encontrar o ponto organização dos textos representados por 1, dos textos representados por 2 e dos textos representados por 3? Poderemos fazer, como em parte fizeram Liberto Cruz e João Rui de Sousa, em dois excelentes artigos, isto é, elaborar uma espécie de antologia do que

é poético no livro de Melo e Castro e excluir o restante? É certo que isso acontece em todos os livros, mas normalmente o restante aparece como menos poético e aqui aparece-nos como outra coisa. Operar uma selecção e eliminar essa outra coisa e a sua função no livro não será desintegrar os textos do projecto que os propõe?

A CONTECE até que Melo e Castro enuncia a sua pequena «arte poética»:

a minha fonte é a probabilidade
a fronte a prova a bilis a idade
o tema fruto vem de não saber

antena frente a prova não subir
tanto vento vulcão a iris ver
o tenaz procurar idade vir
a minha frente é tudo o que vier

Comparemos este poema com um passo do livro A Proposição 2.01: «Os problemas humanos cada vez mais dependem do progresso económico quaisquer que sejam as ideologias típicas desta ou daquela zona. O progresso económico cada vez mais depende do desenvolvimento tecnológico. Este, (sic), assenta numa aberta mentalidade investigadora e experimentalista» (p. 56).

ORA bem, podem-se concluir daqui duas coisas: o positivismo da poética de Melo e Castro (apesar de todas as divagações filosóficas nem sempre muito sólidas no seu livro doutrinário) e a conotação tecnocrática evidente do seu projecto. E, na medida em que o positivismo, base de diversas variações reformistas, tem sido um dos alvos visados nestas crónicas, sinto uma certa dificuldade em aderir a este tipo de poesia, embora reconhecendo a sua audácia esporádica e o valor efectivo de um número relativamente escasso das suas produções. Mas basta-me a uma poesia intervalar, feita de acasos felizes e combinações mais ou menos fecundas? E, simultaneamente, poderrei ignorar o programa que subtece o livro? Não será esta valorização da «probabilidade» e esta aceitação passiva de «tudo o que vier» uma versão positivista da noção romântica de inspiração? Poderemos suportar sem constrangimento estes gritos algo provincianos de glória à ciência e à técnica do nosso tempo? Poderemos deixar de sentir que esta arte «baseada numa percepção tecnológica e humanista do Mundo actual» se apresenta, no seu vanguardismo aparente e esbaforido, dum conservadorismo ideológico, político e filosófico muito acentuado? Recelo muito que esta poesia de Melo e Castro se dirija àquele público, hoje muito bem definido e circunscrito, que lê o Planète, O Macaco Nu ou O desafio americano: mesmo gosto pelas sínteses cavalgantes e pseudo-científicas, mesma exaltação do homem na alegria do seu progresso tecnológico, mesma concepção tranquila, e afinal burocrática, da arte, mesma fascinação irracionalista (em certos casos), mesma adequação tão contente de si ao Mundo de hoje. É possível que tudo isto seja injusto e não passe de uma impressão minha.

Contudo, não consigo aproximar-me desta poesia sem o sentir. Nada me irrita mais do que a leitura submissa do Planète. E se quisermos brincar um pouco com as palavras e as coisas (e a gente está aqui é para se divertir), diremos que ao Planète eufórico e mistificador e a Penela doce fada de lares inacessíveis, será preferível, ah!, mil vezes preferível, o Plexus, que tem muito mais poesia — pelo menos, dessa poesia não humanista e não-tecnológica que nestas páginas tenho procurado defender.

EDUARDO PRADO COELHO

(*) E. M. de Melo e Castro, Versus-in-versus, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1968.

MANUEL
DA
FONSECA



acaba de ser publicada a
3.ª edição de

POEMAS COMPLETOS

com um estudo de

MÁRIO DIOMISIO



Uma de Manuel da Fonseca:

Poemas Completos (2.ª ed.) 400

Desvendando (2.ª ed.) 400

De Fogo e de Gelo (2.ª ed.) 300

Da Colónia Desaparecida:

Antologia (2.ª ed.) 300

Publicada pela EDITORA



Polanski e Mia Farrow na rodagem de «Rosemary's Baby»

Polanski:

Medo, humor, fidelidade

O último filme de Roman Polanski exibido entre nós — A Semente do Diabo (Rosemary's Baby) — comprova o talento e a versatilidade, a maestria técnica e a desconcertante desenvoltura criativa do jovem cineasta polaco. A crítica do filme foi já feita no «Diário de Lisboa» (1-3-89) por Eduardo Prado Coelho: para ela chamamos a atenção dos leitores porventura distraídos. Complementarmente, pareceu-nos de maior interesse transcrever nestas colunas algumas passagens da notável entrevista que o realizador concedeu à revista «Cahiers du Cinéma» (n.º 208, Janeiro de 89) e que incidem justamente sobre a génese da obra, quer no propósito de fidelidade ao romance de Ira Levin (já traduzido para português numa edição da Portugal Ed.) quer no que respalda ao tratamento, estético e psicológico, do medo e do seu irmão gêmeo: o humor. De lamentar, apenas, a não-publicação integral da entrevista — documento sem dúvida necessário para o conhecimento de um cineasta inquieto e frutuosamente inquietante.

A VENDA O XVII VOLUME DA

História Universal

de Carl Grimberg

A MAIS AMBICIOSA
E A MAIS ACESSÍVEL
DE TODAS AS
HISTÓRIAS UNIVERSAIS
ATÉ AGORA
EDITADAS EM PORTUGAL

204 págs. de texto e 16 págs. ilustradas o
preto e a cores: 35\$00

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins

Delegação em Lisboa: R. das Flores, 45, 2.º

Delegação no Porto: R. do Entreparedes, 6, 2.º

CAHIERS — Um amigo disse uma coisa que nos parece muito acertada sobre o seu filme, a saber: que ele é perfeito mas que lhe falta uma dimensão: a crença do realizador no medo que cria; porque «Rosemary's Baby» é o filme de alguém que não acredita no que mostra, ao contrário de Hitchcock, que tem realmente medo daquilo que expressa nos seus filmes.

POLANSKI — É muito possível, e acima de tudo porque sou ateu. Logo, aceitar o que se passa em «Rosemary's Baby» seria ir contra aquilo que sou e aquilo em que acredito. Consequentemente, não tive medo e continuo a não o ter. Mas gostaria de encontrar uma espécie de droga que me permitisse esquecer totalmente o filme e ir vê-lo depois pela primeira vez, como o fazem os meus amigos, para sentir um pouco desse medo que alguns experimentaram. Infelizmente, como eu, 1.º: fiz o filme, e, 2.º: não creio em Deus nem no Diabo — o que agrava o meu caso — sou duplamente incapaz de ter medo do filme, o que me aborrece bastante.

Se tomei a decisão de o fazer foi porque muito simplesmente eu adorava o livro. Para um realizador como eu é um livro terrivelmente sedutor, tem-se logo o desejo de fazer dele um filme — o que é normal. É como quando se tem desejo de uma mulher, sabendo perfeitamente que ela é leviana. Foi um pouco a mesma coisa o que me aconteceu. Eu dizia para comigo: é preciso que eu faça um filme deste livro porque não posso deixar de o fazer — e contudo o princípio que o informa é-me bastante estranho.

CAHIERS — Ora, precisamente, você manteve-se numa absoluta fidelidade ao livro.

POLANSKI — Isso era o meu ponto primordial, a minha condição: não faria o filme se não pudesse ser absolutamente fiel ao livro. A coisa começou assim: logo à minha chegada a Hollywood deram-me as provas do livro — logo, ainda ninguém sabia o que ele era. Imensos bocados de

(Continua na 7.ª página)



crítica

Com Plexus

por Eduardo Prado Coelho

TODO o discurso filosófico procura transmitir uma mensagem. Contudo, e aí reside a principal diferença, a inteligibilidade dessa mensagem em relação a quem a recebe é precária, na medida em que ela pressupõe o exercício de um código que o receptor não possui. Não possui, porque? Porque é a mensagem que vai produzindo o seu próprio código, porque a verdadeira mensagem é efectivamente a que transmite esse código. Mas a sincronia do sistema (isto é, a verdadeira mensagem) só se manifesta na diacronia da sua exposição discursiva, fazendo dessa diacronia uma condição da sua existência e comunicabilidade. O sistema existe no interior do discurso que o expõe como uma não-presença no interior da sua própria existência (Alain Badiou).

Por conseguinte, o discurso filosófico produz um código através da transmissão de uma mensagem. Esse código adquire consistência na medida da insistência com que os seus termos axiais intervêm nos lugares decisivos ao longo da mensagem. Podemos, pois, concluir que a mensagem desse discurso tem um valor secundário, e que apenas serve como suporte da verdadeira mensagem, que é a do próprio código. Como diz Lacan, aquilo que efectivamente se transmite de mestre a discípulo, não é um saber, que em breve está ultrapassado, mas um estilo.

CONCRETIZEMOS: nas críticas feitas aos livros A, B ou C, o crítico produz determinadas mensagens (sínteses descritivas e juízos de valor) relativas a esses objectos. No entanto, o valor dessas mensagens depende inteiramente da consistência do sistema teórico que as articula, isto é, do código que as fundamenta. Contudo, o crítico raramente chega a expor esse sistema antecipadamente (até porque ele, na verdade, só existe depois, no termo de uma obra crítica), mas vai tentando elaborá-lo e transmiti-lo através das mensagens mais ou menos circunstanciais relativas a esta ou aquela obra. A verdadeira mensagem do crítico é a transmissão de um sistema teórico. No entanto, essa mensagem apenas consegue existir nas diversas mensagens dispendias que regularmente ele, crítico, nos envia. A única possibilidade de fundamentar as «intuições» expressas nessas mensagens parcelares consiste em indicar as articulações que a integram no sistema. Se as «intuições» não correspondem a aplicações (provisórias) de um sistema, elas nada valem. Tem sido uma das teses aqui defendidas aquela que diz que a «intuição» é sempre aplicação consciente de um sistema teórico ou aplicação semiconsciente de uma ideologia semi-sistemática.

Quer dizer, portanto, que o que conta no projecto do crítico não é cada um dos seus textos isolados, mas o texto que esses textos escrevem e que o crítico nunca chegará a esboçar. Nunca, ou quase. O que isto exige do leitor, habitualmente desatento, é uma dupla leitura, que saiba notar no corpo do texto aparente as marcas, os relevos, as feridas, os cortes, as pregas, as rugosidades, os va-

zios e as linhas do texto essencial. Esse que nunca chega a ser apontado, mas se constrói num sistema aberto de alusões.

A O mesmo tempo, vale a pena observar que Jean Dubois e Joseph Sumpf, no artigo «Linguistique et Révolution», publicado no n.º 12 de revista Communications, acentuam o carácter «pessoal» do discurso científico (ou conceptual), reagindo assim contra a tendência, sobretudo enraizada numa tradição ideológica universitária, para exibir a neutralidade pura e impessoal do investigador. Para Dubois e Sumpf,



o discurso científico apresenta-se sempre como uma contestação ou uma confirmação de proposições anteriores, o que é equivalente, porque a confirmação é sempre de preposições que se definem como contestação de outras. Por conseguinte, cada texto situa-se na diacronia da pesquisa científica e, simultaneamente, essa diacronia inscreve-se no interior de cada texto. Isto é, não só o discurso científico funciona sempre como discurso que visa um efeito de conhecimento e ao mesmo tempo constitui um contra-discurso, como esse contra-discurso habita sempre, como sombra irredutível, a progressão do discurso, situando-se o conflito no interior do movimento. Ou, por outras palavras: não só toda a ciência é sempre ciência duma ideologia como a ideologia persiste como mancha progressivamente reduzida e irredutível no interior do processo científico — e como mancha que logo alastra nas recaídas ideológicas.

Concluimos, portanto, que um texto (no nosso caso, uma crítica) representa sempre a conjunção de vários textos e situa-se sempre, como contra-texto, num processo de intertextualidade. Textos que convergem para a fixação de um Texto, que, sempre inacessível, assegura o dinamismo interminável da escrita.

PROVITEMOS estas considerações para lembrar o que nestas páginas se tem dito sobre literatura experimental, mesmo sem se lhe fazer referência explícita. Porque o Texto que hebremente aqui se tem erguido é com certeza um con-

(Continua na 7.ª página)

NOVIDADE

ODISFARCE

ALVARO GUERRA

FUSC 3000

Publicado em França na EDITORA GALLIMARD com o título

«LE PRINTEMPS DEGUISE»

PRELO-EDITORIA

Rua da Marquês, 47-2.º — LISBOA